



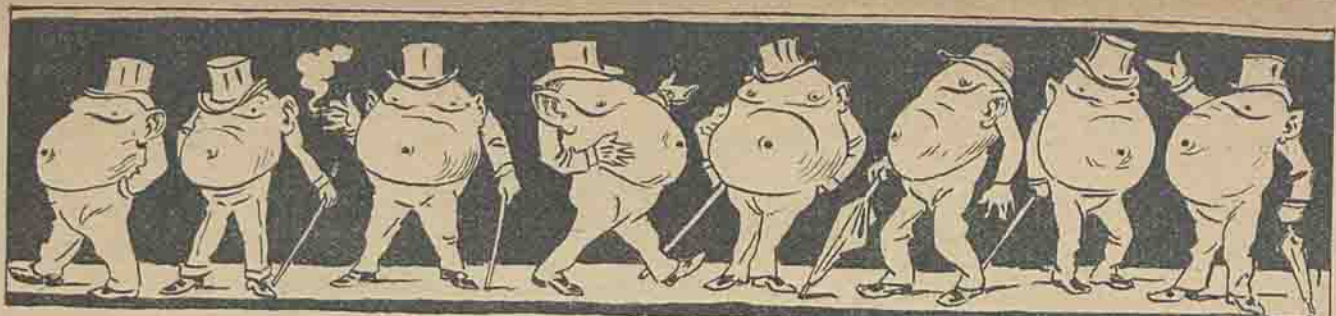
N.º 444
Vol. XII
Lisboa 29 de Janeiro de 1897

A' ENTRADA DO "SOLAR,"



Se v. ex.^a me não dá que digerir...

viro-me! ...



Na arçada.

VARIAÇÕES

O assombro que causou em Lisboa, na propria Europa, não sabemos se nas duas Americas, mas em especial na praça de Camões e ruas que ali desembocam, a noticia de ter sido agraciado com o titulo de visconde o sr. Mello, vulgarmente chamado o Mello-do-Predio, — provém sem duvida do seguinte dilemma:

Foi o sr. Mello que tornou celebre o seu predio, — ou foi o predio que popularizou o sr. Mello?...

No primeiro caso, talvez o sr. Mello merecesse o viscondado. No segundo, era ao predio que competia o titulo de visconde, e não ao senhorio. A coroa de visconde devia estar a estas horas, não sobre uma cabeça, mas quando muito sobre uma claraboia — ou uma chaminé.

Se o sr. Mello, por exemplo, tivesse mandado construir a sua casa segundo um plano por elle imaginado e concebido, e que essa casa fosse a ultima palavra do bom gosto e do conforto, alliados a uma excessiva modicidade de preços para os ditosos inquilinos — sem duvida que o sr. Mello bem teria merecido a distincção com que foi agraciado.

Se ainda o sr. Mello tivesse construido o seu predio graças ao proprio exorço, tendo elle feito de pedreiro, de canteiro, de carpinteiro, de serralheiro, de vidraceiro, de pintor, de escudeador, dispensando o concurso de todo e qualquer operario; se o predio fosse exclusivamente obra sua, como o phonographo é de Edison, a *Aida* é de Verdi, a dynamite é de Nobel e as *Luçadas* são de Camões — o titulo de visconde comprehendia-se, explicava-se, e seria a glorificação d'um merito indiscutivel.

Mas dizem os entendidos que tal não succede, e que o predio já era predio, povoado de inquilinos, antes do sr. Mello, graças a esse predio, possuir a celebridade internacional que hoje disfructa.

N'estas condições, o predio é que é visconde; o predio é que é Espinhosa; o predio é que deve pôr coroa, passear na Avenida em carruagens blasonadas, ostentar-se nos camarotes de S. Carlos, tomar parte nas recepções do Paço.

E' preciso, em nome do bom-senso, em nome da justiça e mais da heraldica, desfazer quanto antes semelhante equivooco. O predio é que é o titular. Quanto ao sr. Mello, o mundo continuará á espera que elle pratique algum feito heroico, para que outro viscondado lhe caia sobre a cabeça.

Bem sabemos que hoje em dia, para ser nobre, nem é preciso ter ido á conquista do Santo Sepulchro, nem sequer ter ido á conquista do Gungunhana. Mas sempre é bom ter feito alguma coisa. E se mais nada lhe occorre de heroico ou de original, o sr. Mello podia, quando menos, imitar o predio que o illustrou, e fazer agora, o que esse predio geralmente faz nos dias 20 de maio e novembro de cada anno — que é pôr escriptos.

A sociedade tem visto, em mais de um espectáculo famoso, o Homem serpente, o Homem-caotchouc, o Homem canhão.



O Homem-casa e com escriptos, ainda ninguém vio. Esta novidade e esta lacuna pôde o sr. Mello, vantajosamente, apresental-a e preenchel-a. E se então o não fizerem visconde, com certeza o fazem marquez.

Ultimamente, grandes discussões em toda a imprensa, por causa d'um sr. Anselmo Vieira, que á viva força queria entrar para a maçonaria, e que o Grande Oriente . . . não quiz no seu seio, pela simples razão de que não encontrava no citado sr. Vieira sufficientes dotes para usar diurna e nocturnamente d'aquelles tres pontinhos em triangulo (. . .) que só os irmãos de qualquer mysteriosa loja, teem o direito de ostentar em particular e quiçá em publico.

Eu comprehendia que o sr. Anselmo Vieira, sem duvida o mais pittoresco e phenomental orador que o meu paiz possue, fizesse semelhante empenho, se pretendesse ao lugar de commissario regio, ou ao monopolio do alcool. Mas para ser maçon, não posso acertar com a razão de semelhante empenho, e principalmente de semelhante alarido.

Ha bons 30 annos propozeram a Rochefort, então simples chronista litterario do *Figaro*, fazer parte da maçonaria. E Rochefort declinou semelhante honra, attendendo a que não tomava a serio a seita, e que para nada servia, a não ser algumas vezes em viagem. E a proposito contava Rochefort a seguinte maravilhosa aventura:

Um viajante europeu havia apostado que atravessaria a nado o rio Ganges. Tinha já ganho os dois terços da sua aposta, quando um enorme crocodilo deita a cabeça fóra d'agua, e se precipita sobre o europeu escancarrando uma d'essas goellas deante das quaes não ha outra coisa a fazer senão penetrar. O nadador teve apenas o tempo de fazer machinalmente alguns gestos de desespero. De repente o monstro enorme detem-se, fecha as odiosas maxillas, e estende mão amiga áquelle que estava para ser a sua victima.

O crocodilo era maçon, e no modo como o europeu aterrificado agitava os braços, havia reconhecido um confrade.

Quanto a Rochefort, uma coisa o impediu sempre de fazer parte das solemnidades maçonicas — a mise-en-scène para a recepção d'um novo irmão. A cerca das provas reservadas aos neophytos circulavam boatos de tal modo sinistros, que o famoso pamphletario não tinha coragem para as affrontar, não com medo do perigo, mas para evitar o ridiculo. O sr. Anselmo Vieira vê-se que é mais corajoso que o redactor do *Intransigent*.

Quer a lenda que o neophyto seja levado, com uma venda sobre os olhos, por labyrinthos complicadissimos. De repente, ouve ruído d'agua que gorgoleja a seus pés, e uma voz propositalmente cavernosa grita-lhe:

— Estás á beira d'um poço que tem mil e quinhentos metros de profundidade. Atira-te para dentro e avia-te!

O futuro maçon precipita-se, e cae sobre um excellent e fo-fissimo colchão.

Passadas algumas horas d'esta gymnastica — continúa Rochefort — entregam-lhe um punhal especialmente afiado e preparado para esta circumstancia, e que deve cravar no peito. O intrepido novico enterra-o até ao cabo, e cae. . . Mas logo se levanta, mais bem disposto do que antes do golpe, porque a lamina do punhal teve a bondade de se esconder dentro do cabo.

Não ha exemplo de que um homem tenha ficado no fundo do poço ou tenha succumbido á punhalada. E acrescenta o auctor da *Lanterne*:

— «Nunca poderei admittir que haja a menor coragem em affrontar um perigo que toda a gente sabe que não existe. Para que a scena das provas offerecesse algum interesse, seria preciso pelo menos apunhalar seriamente um neophyto sobre dez. Cada qual diria então: A lamina entrará ou não entrará no cabo? . . . E d'aqui resultaria uma commoção de que haveria certa temeridade em procural-a.»

Não sabemos se nas lojas lisboetas ou no Grande Oriente Lusitano, as coisas se passam do mesmo modo carnavalesco e theatral que se passam em França, conforme o dizer de Rochefort. Mas deve ser identico; pois não nos parece que o sr. Anselmo Vieira queira realmente deitar-se a um poço, ou apunhalar-se.

Isto seria um suicidio premeditado; — e a policia, por um dever de humanidade, devia impedil-o por todos os modos. A vida do sr. Anselmo Vieira não lhe pertence. Pertence á Sociedade e — principalmente — á Rhetorica!



PARA O SOLAR

A caminho.



—«Como estou contente! Como gosto de ser bonita, de ter este vestido côr de rosa, de tornar a ver Alfredo, e de dançar logo toda a noite no baile da condessa de Alvim!»

Tanto basta para que se avalie do vivo interesse que despertará este subtil romance psychologico. O melhor elogio da obra da sr.^a D. Claudia de Campos está em saber-se que não se lhe chega ao fim no mesmo estado em

que deve ficar essa desvai-rada menina, depois de dançar toda a noite, como uma doida, no baile do conde da Espinhosa, em vida!



ALBERTINA PARRAISO.

Do outro livro, *Musgos e Rosas*, nada diremos, por enquanto. Esperamos, para isso, que chegue essa epocha á qual D. Albertina allúde na seguinte quadra:

«Quando esta aurora dos meus roseos annos se dissipar, como um fugaz clarão, e a rude mão dos negros desenganos, impiedoso, esmagar meu coração...»

Permitta Nossa Senhora que os negros Desenganos não tenham mão tão rude como isso; mas quando a aurora dos seus roseos annos se dissipar, então, D. Albertina, falaremos dos seus mimosos versos. Até lá, muito e muito agradecidos, gentil menina!

Alba, pseudonymo d'um fino espirito, reuniu em um delicado folheto alguns *Monologos*, destinados a fazerem a volta de quantos theatros particulares o sol cobre. Todos esses monologos, quando ditos por quem saiba dizel-os, seguindo a recommendação sábia de Coquelin — *Il faut mimer les phrases qui manquent au monologue* — devem ter pilhas de graça... Serem bem ditos ou mal ditos — eis a questão.



Elevação e harmonia, sciencia e graça, mestria e força, predicados são esses que não nos surprehende encontrar no novo livro de *Bulhão Pato*. Ninguém, como elle, actualmente maneja a sonora e opulenta lingua portugueza, ninguém possui no seu exercicio mais deslumbrantes joias da linguagem para adornar a esculptural magestade do seu verso.



BULHÃO PATO.

Um caso phenomenal nos assombra todavia no *Livro do Monte*: é o calor de mocidade que requebra atravez da impecavel forma, como se o tempo não ousasse regelar o cerebro e o coração do sexagenario poeta, chefe de fila de uma geração illustre. No decahir de raça, cujo espectáculo nos punge, quantas vezes sentimos vontade de soltar o brado de desesperança: *Finis juventutis!* A mocidade porem não findou ainda: não se extinguirá enquanto durarem... os velhos de hoje.

Temos agora duas senhoras distinctas a mimosear-nos. Uma d'ellas, em prosa; a outra em verso. Em prosa, a sr.^a D. Claudia de Campos, como quem diz, em *Lettras* — a Rainha Claudia! Em verso, a sr.^a D. Albertina Parraiso — o que já é meio caminho andado para galgar o Purgatorio. Em prosa, um romance, *A Esphinge*; em verso, um açafate de flores, *Musgos e Rosas*. Do primeiro, podemos comprehender, folheando, gostosamente, que o caso se vae passar entre uma menina de nome Lydia e um joven de nome Alfredo. A paginas 3, diz a menina, radiante:

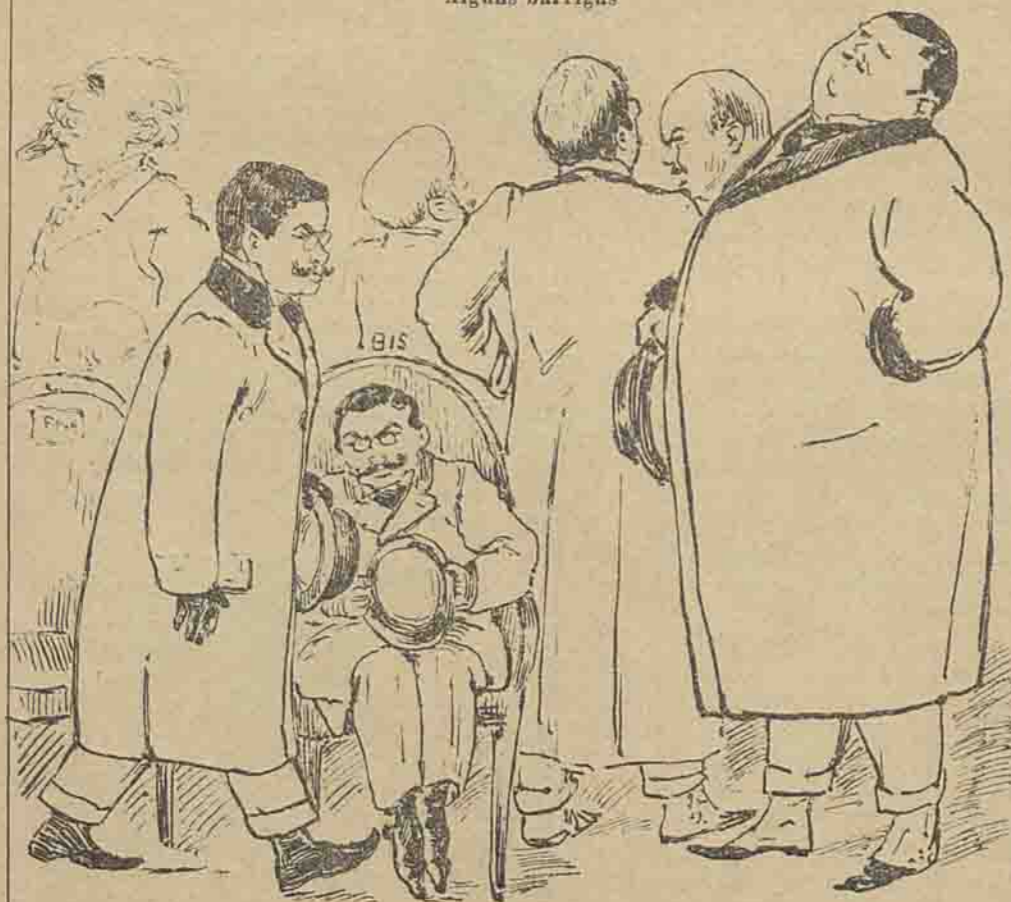
Nas galerias



Se o reporter é gordo

Se o reporter é magro

Alguns barrigas



Fratel, opposição, casação, sensaborão, não chega com os pés no chão.

Justificando a alcunha

IMPRESSÃO DO "SOLAR"

UM DISCURSO DA OPPOSIÇÃO



— Sr. Presidente!

— Aqui o declaro à camera e ao paiz..

— Que o governo!...

— O nefasto governo!

— Será a ruina do paiz! ('Bumba!')



— Peço desculpa ao illustre deputado! Julgava que era a pedra da carreira

...ador desata a correr para a mesa do fundo, unico lugar destinado pelo governo aos desabaços da opposição. E zás!



E depois de ter do seu gesto

volta para o seu logar, e exclama:

— Sr. Presidente!

O governo!...

A victima: — Oh! sr. conselheiro! Tenha temor de Deus, e não me esborra-che a moleirinha!...

E aqui está o motivo porque não ha opposição. Carteiras a menos, e... carecas a mais.

(CONTINUA)

RAPHAEL BORDALO PINHEIRO



Sessão agitada.



De Coimbra nos chegam, recentemente, ás mãos, versos do nosso amigo Manoel da Silva Gayo, herdeiro unico de um prestigioso nome. Deliciou-nos o autor alguns instantes, que mais não dura a sua curta leitura. E' um poema, que assim se intitula: *O Mundo vive d'illusão*. Até agora se sabia, e cada um de nós sabia,

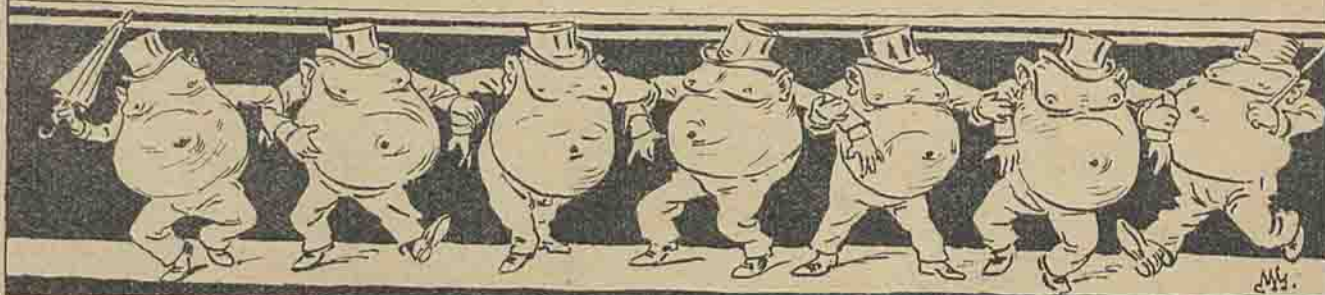
graças a Deus! que nem só de pão vivia o homem. Imagine-se cada um de nós a viver só de pão—e pão de Khune ou brôa, que é qualidade de pão mais usada agora! Não seria isso possível; pelo menos, humanamente possível. Quando muito, em materia de sacrificio e de sobriedade, o mais a que se tem podido chegar é a pão e laranjas. D'aquí, o comprehender-se que é falso esse principio aceite e demonstrado pelo sr. Silva Gayo no seu recente poema. O mundo não vive só d'illusão... Temos ali em baixo, á esquina, o Augusto do Restaurante e o proprio Restaurante do Augusto, abanando com a cabeça que não. Temos mais acima o Tavares, dizendo que não tambem e oppondo ás razões poeticas do sr. Silva Gayo, a razão culinaria de uma boa sopa de queijo. Temos o Fortes, temos o Santareno... Ha de o primoroso poeta embevecido na corrente dulcissima do Mondego, perdoar-nos que

falemos de sopa de queijo a proposito dos seus lindos versos; mas bem vê que de alguns argumentos precisamos lançar mão, para combater a idéa que do seu poema quer irradiar—sem allusão ao sr. Bernardino Machado. Se, porém, em vez de encaminhar os excellentes favores da sua Musa, que é prodiga, por outro atalho mais florido e mais risonho que o atalho espinhoso da Decepção, o poeta insiste e nos replica que se o Mundo não vive só de illusão, não é só tambem de sopa de queijo que vive—chamamos o Romão e pedimos-lhe que deixe ver a lista...

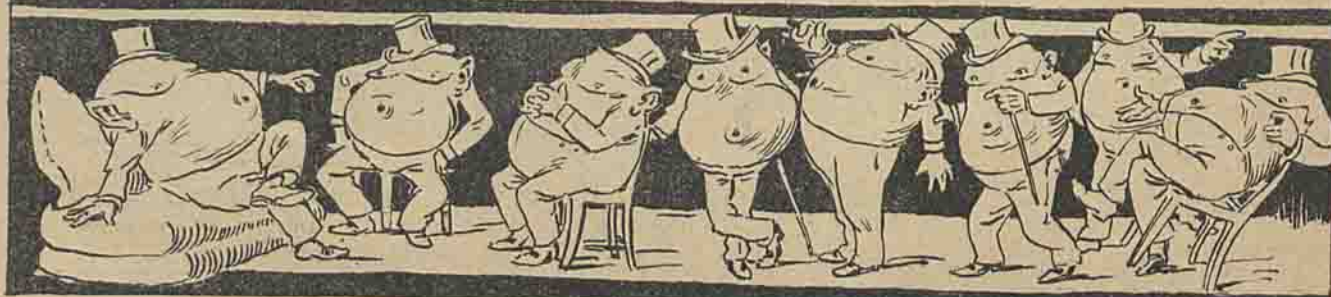


Tambem de Coimbra nos é remetido, pelo sr. Manoel Caetano da Silva, o seu curiosissimo e utilissimo *Almanach Auxiliar*, que é, em ponto pequeno, e por barato preço, do mesmo interesse variado, facil e minucioso do *Almanach Hachette*, modelo de almanachs.

N'estes livros, desde o *Borda d'Agua* ao *Anuario Commercial*, o freguez quer encontrar, infallivelmente, o conhecimento rapido de factos que tanto podem ser de ordem meteorologica como de outra ordem qualquer, incluindo a Ordem de S. Francisco e a Ordem do Exército. No *Almanach Auxiliar*, encontra-se de tudo, como nas boticas. Até se encontram folhas em branco, para apontamentos de dia a dia.



A' sahida.



A' noite.

S. CARLOS



VEKON-HALVORSEN.



DINA BARBERINI.



CESIRA FERRANI.



CONCETTA BORDALBA.



MARCONI



IDA RAPPINI.



ROSATI.



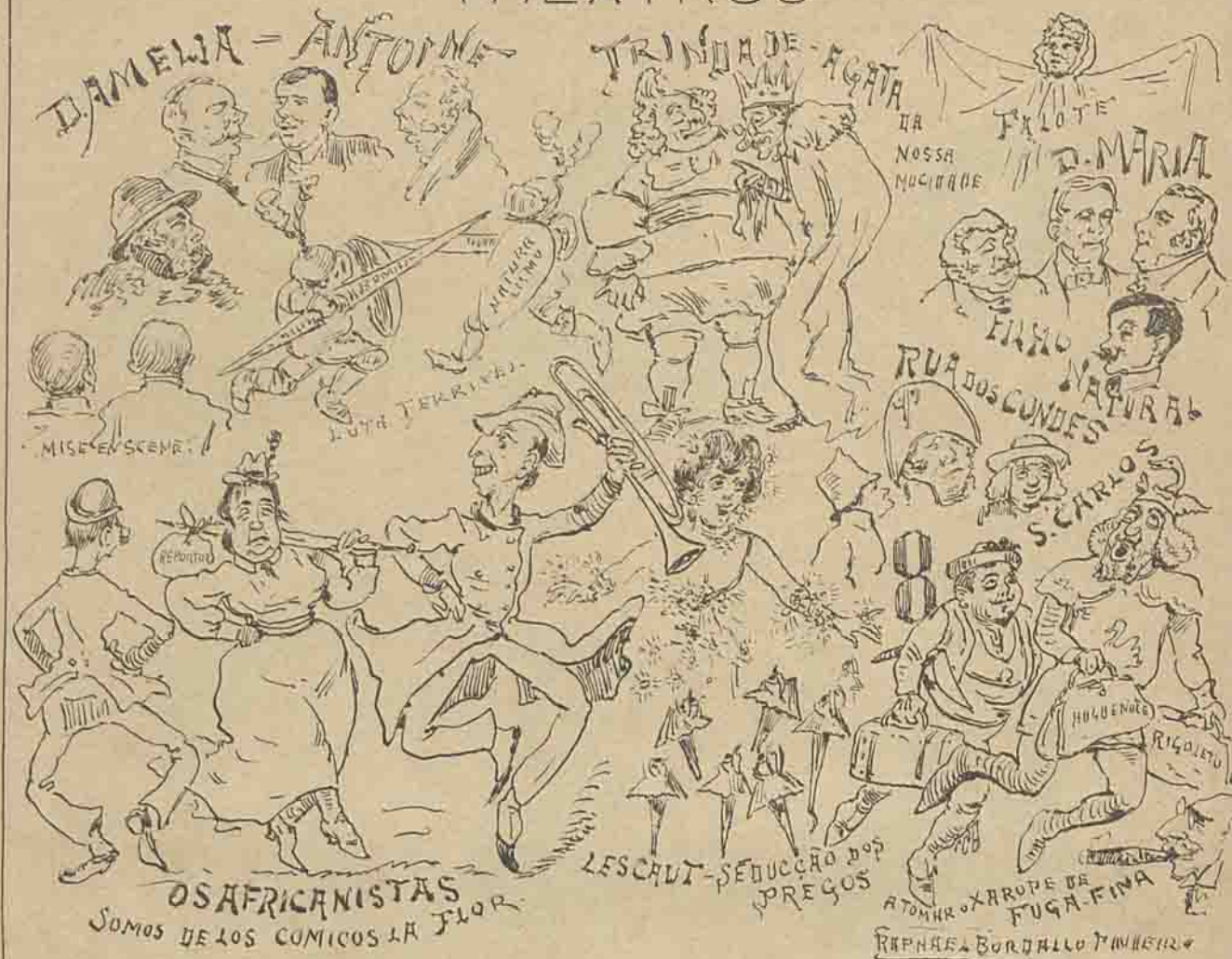
BELTRAMI.



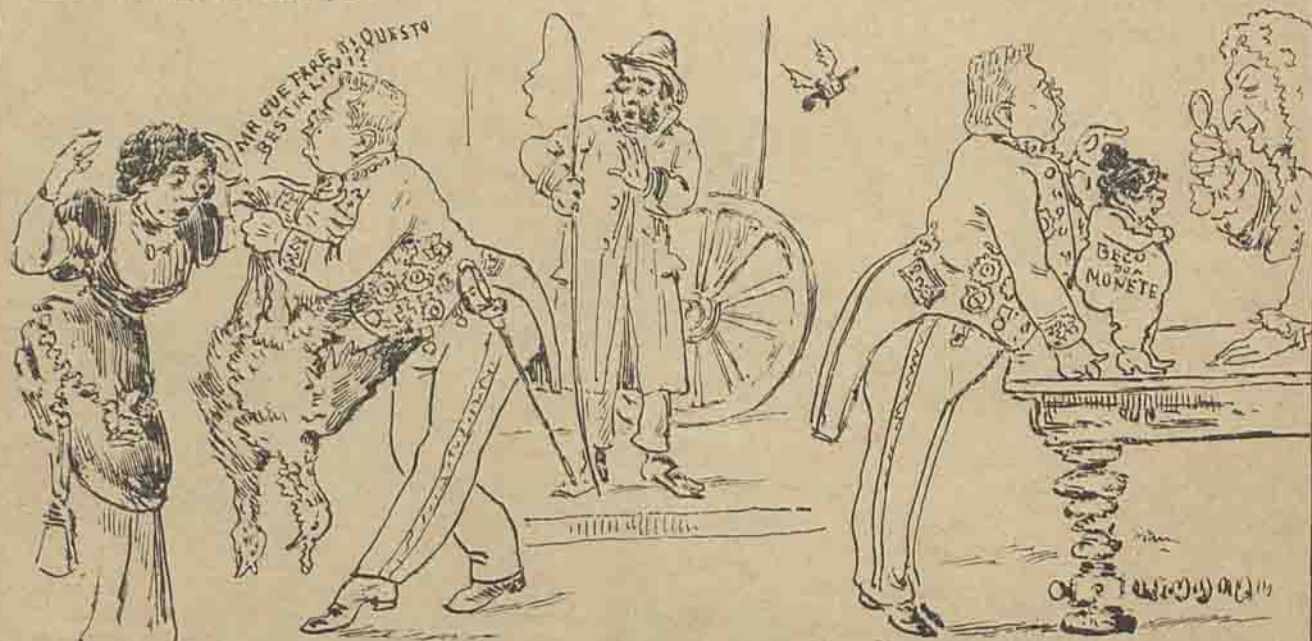
DE GRAZIE.

Não sabemos se amanhã, quando apparecer este numero do *Antonio Maria*, ainda estarão em Lisboa alguns dos distintos artistas cujos retratos publicamos. Não é provavel! Marconi, porque o não coroaram em scena, na ultima noite do *Rigoletto*—abalou furioso. O tenor Suagnez acaba de fazer outro tanto, porque e não levaram em triumpho após a representação da *Carmen*. Que Deus Nosso Senhor nos preserve do mal de semelhantes vaidades, é o que sinceramente ambicionamos!

THEATROS



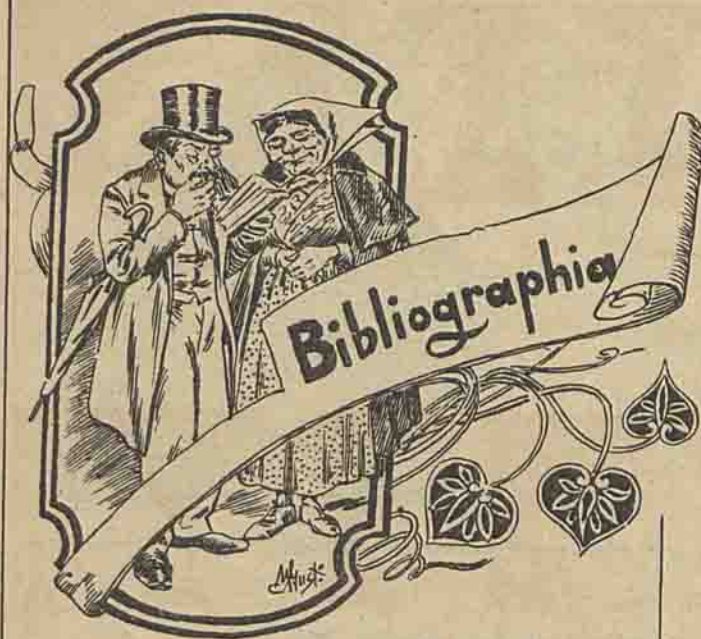
Aventuras e outras coisas succedidas ao reporter theatral Antonio Du, em varias praças da cidade, desde a de Camões até á do Municipio.



IL MIO CUORE E QUESTO CAZALINI DI PERUZINI

AQUI TEM SR MARQUEZ O QUE EU QUERO ATIRAR PARA A TRAVESSA.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.



ROCHA PEIXOTO

Ha dez annos, no Porto, rua do Moinho de Vento, reuniram-se, conclave de iniciação scientifica, algumas actividades môças e irrequietas, com o fim, nobre e candido de,—*fazer fallar o solo.*

N'esta vaga, symbolica locução, lançada assim com ousado proselytismo, era comprehendido tudo aquillo que n'esta talhada de solo peninsular, vae dos socalleos graniticos ás realisações sociaes, da Geologia á Patria.



Tão inflamada galeota precisava de um patrono que em espirito a alumiasse, e era preciso clamal-a em sonora tuba. E foi assim que ficaram velando sobre ella o nome, a Obra de Carlos Ribeiro, e que as suas taboas da lei se capitularam na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*. Ora foi Rocha Peixoto o S. Paulo da nova propaganda. Havia lá um pintor e um litterato que se foram embora, pois que não se sentiram com forças de levantar a barra; outros sumiram-se na vida ou na morte como um punhado de areia arremessada. Rocha Peixoto ficou só, resistente e tranquillo, talhando a pedra, medindo a selva productora, escutando a lenda, defendendo a costa. Com amoroso e platónico carinho, por vezes sacudido de coleras bruscas, (ralhos paternaes), continuou a auscultar o solo e a tradição desde os marmores ao S. João, desde as Maias ao vinho e ao mel.

Este feixe suggestivo e rico da *Terra Portuguesa* que elle agora nos dá em volume, não representa apenas o severo e superior trabalho de investigação que n'este transitorio periodo, marca o roteiro orientador.

Elle representa tambem uma grande acção moral, porque, inventariando e explicando os elementos que constituem a urdidura da nossa vida collectiva, exhalada da terra ás almas, agrupa os materiaes de que é feita a Historia. Além d'uma curnocópia de abundancia revellada ao pais mendigo e sonnambulo, o livro de Rocha Peixoto dá-nos a noção impercível da Patria, embalando-a no rumor fecundo das colmeias, no rumorejar das aguas e das frondes, juntando a tristeza do mar a aridez das dunas que vão comendo as costas, povoando-a de cantigas e lendas,—ensopando a na resignação do seu bucolico paganismo. Ora, claros amigos, mesmo arrastada nas cordas gementes e fatalistas do *cruel e triste fado*, a Patria, a agasalhada Patria, é ainda, para nós, a Grande Realidade.



Musée pittoresque du voyage du Tsar.—Tal é o titulo do interessante e valioso volume, illustrado com imagens, *bibelots*, caricaturas, etc., devido á pena do illustre collaborador do *Figaro*, dr. J. Grand-Carteret.

Este escriptor tem-se entregado a uma tarefa realmente original, qual a de escrever a historia de nossos dias, com o auxilio da caricatura em todas as partes do mundo. Pode-se e deve-se considerar o sr. Carteret como um brilhante continuador de Champfleury; e a especialidade a que se tem consagrado valeu-lhe uma tal reputação no mundo e litterario e artistico de Paris, que o *Figaro* o convidou para redigir uma secção permanente ácerca da caricatura no estrangeiro.

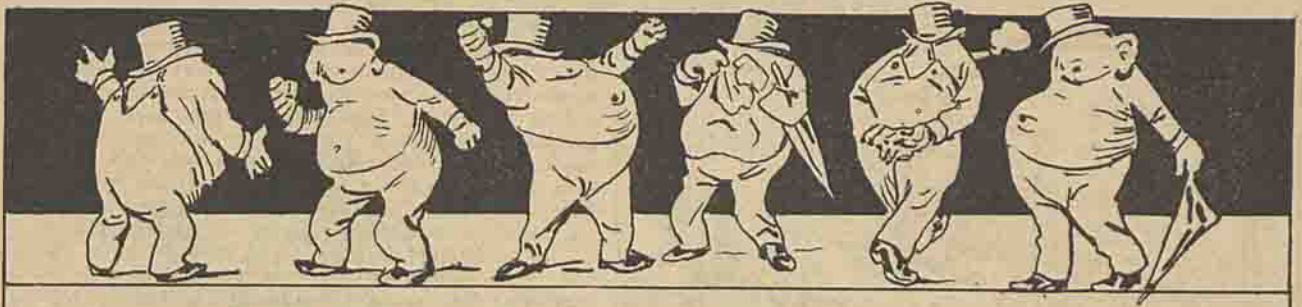
Nos seus artigos, como no livro de que nos estamos occupando, por mais de uma vez o *Antonio Maria* tem merecido a honra de ser citado e reproduzido.

O *Musée pittoresque du voyage du Tsar* encerra tudo quanto de mais pittoresco se imprimio, no dominio da iconographia propriamente dita, durante a viagem triumphal do imperador de todas as Russias através da Europa—viagem que determinou um novo estado de coisas no dominio da politica internacional.

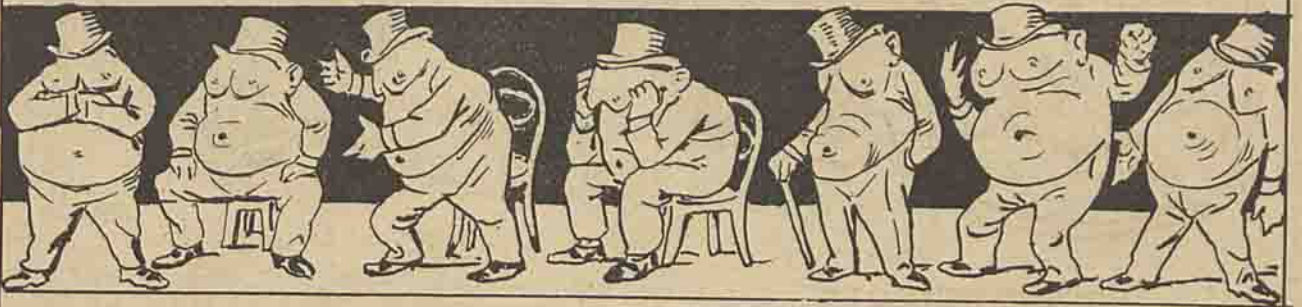
Recommendamos aos leitores do *Antonio Maria*, amantes da caricatura e do pittoresco, a aquisição d'esse volume, como um dos mais curiosos e animados que ultimamente tem sabido dos prelos francezes.



MAIS BARRIGADA



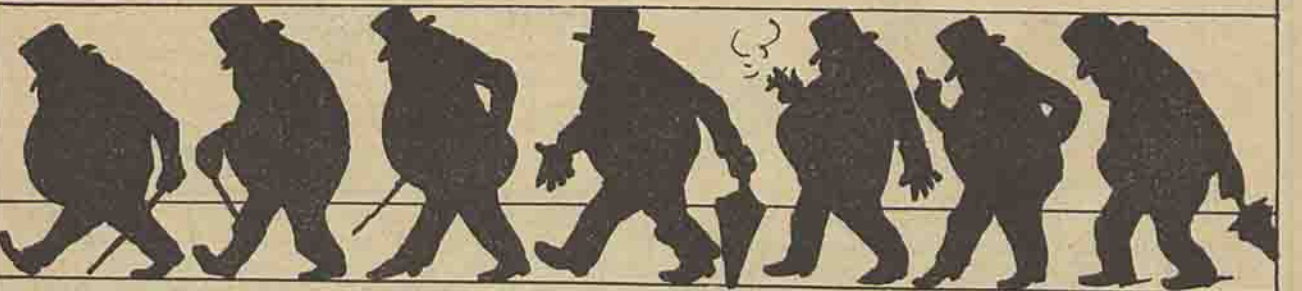
Vamos deixar de ser barrigas ...



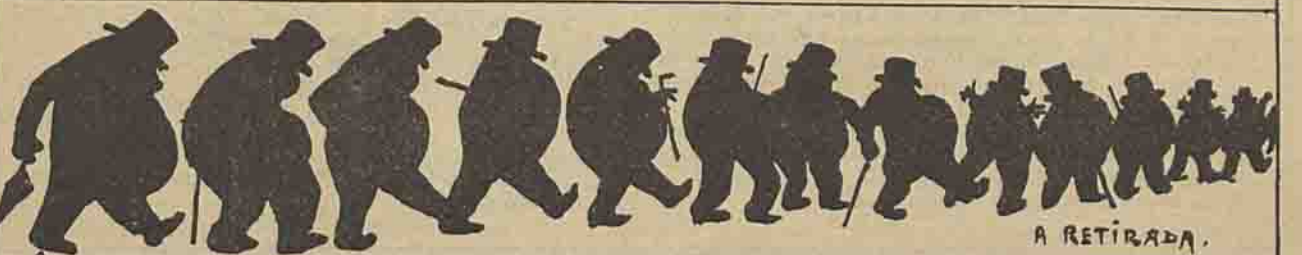
Mas porque? Santo Deus!?



Já não somos barrigas.



Vamo-nos embora ...



A RETIRADA.

SEM PRINCIPIO NEM FIM

I



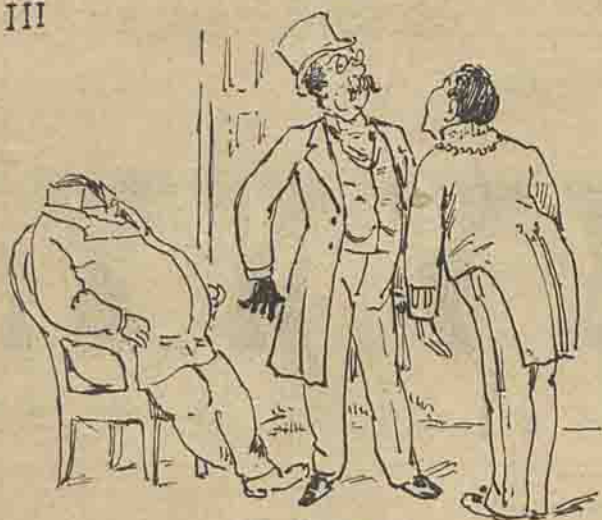
II



Saiu.

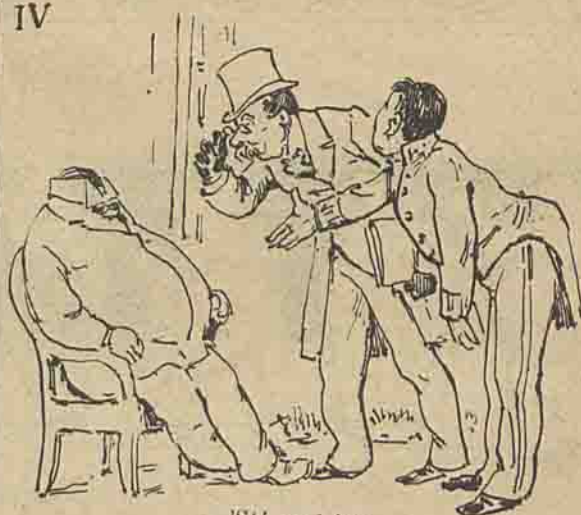
Entrou.

III



—Sr. Conselheiro...
—Que é?

IV



—Stá aqui isto.

V



—Ah! E' um barriga que esqueceu aos outros.

VI



—Deixa-o ficar porque se aproveita para a primeira...
—Acato as ordens de V. Ex.ª

RAPHAEL BORDA A LLO PINHEIRO.

DEPOIS DO SOLAR

(Conclusão do n.º antecedente)



—Está de remissa.



—O que fazer agora do meu rico capacete d'alfinetes, d'este excelente preventivo contra as iras opposicionistas?
Recolhel-o com a barriga á Lourinhã.

DE ROMA AQUI...



Se o padre santo soubesse
O gosto que o fado tem,
Viria de Roma aqui
Bater o fado tambem.

Mais feliz que o padre santo,
O Mathias de Carvalho,
Nas mais doidas escovinhas,
Faz a pansa n'um frangalho.

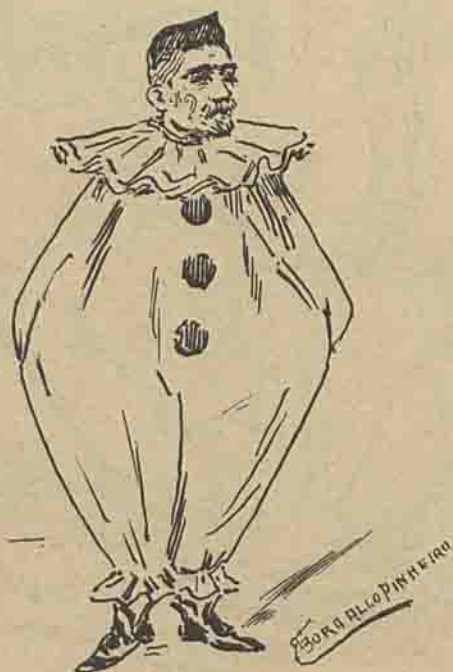
E, ao som do triste piano,
Das pernas fazendo um S,
Grita p'ra Zé Luciano:
—Se o padre santo scubesse!...

Theatro de S. Carlos



Na *Manon*, em S. Carlos, tivemos o debute da gentilissima cantora, sr.^a Darclée, que em Portugal, como em todos os paizes que visita, teve o dom de captivar o publico.

Estreia do sr. D. Manuel de Noronha nos «Palhaços»



—Assim não me venhas vêr!

O hotel da Parreirinha

Quem der um dia o pescoço
A' canga policial
E fôr preso antes de almoço,
Passa uma vida real
Mettido n'um calabouço.

Pois que o ingente Sarmento
Que manda na Parreirinha
Teve ha dias um invento,
Com que ha de ir e depressinha
Ao seio do parlamento.

Inventou uma prisão
P'ra gente mais associada,
Onde, além de um bom colchão,
Terá, por certa *queijada*,
Excellente refeição.

Assassino que fôr preso
E aveze bastos tostões
Fica do lixo defeso,
Vivendo em grandes salões,
Muito alegre e muito teso.

Se, por qualquer brincadeira
Eu, que não tenho vintem,
Fôr parar á tal Parreira,
Não me livrará ninguém
De ir parar á piolheira.

Que os calaboiços brunidos,
Vão ser de novo pintados,
E de estofos guarnecidos,
Pois quartos tão associados,
Não ha nos Irmãos Unidos.

Em todos dá az e sota,
Come-se bom e barato
E a comida é sem batota
E até mette n'um sapato
O coelho da Porcalhota.

Vae ser um hotel pimpão
Porque até dizem que o Veiga.
Irá servir á prisão
Torradinhas com manteiga,
Por cima café limão.

Seja janota, ou fadista,
Seja raneira ou princeza,
Cautelleiro, jornalista,
Lá tem jantar á franceza,
Lá tem serviço por lista.

Saiba o clero e saiba o povo
Saiba a nobreza também
Que vae ficar como um ovo
Tal hotel, pois que já tem
Um casco de vinho novo.

Hei de ver sobre uma hombreira
Esta phrase assim pintada:
«O Sarmento da Parreira,
«Com vinhos da Mealhada
«E lulas á fragateira!»

ESCULAP.O.

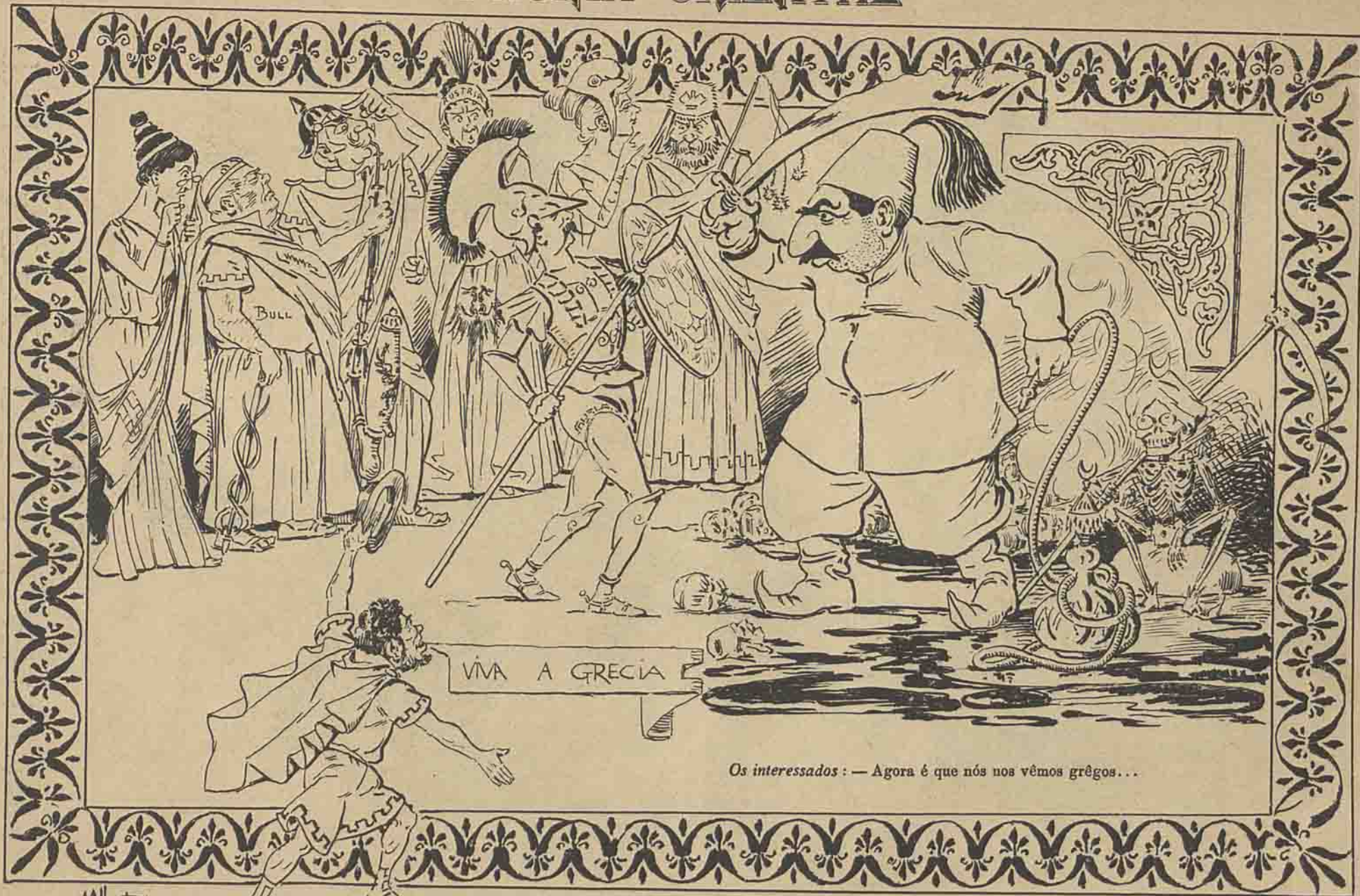
THEATRO DE S. CARLOS

BOHEMIA



S. Carlos deu-nos ha pouco a *Bohemia*, de Puccini, primorosamente interpretada pela sr.^a Ferrani, e com uma *mis-en-scène* excepcionalmente brilhante, que teve o raro condão de satisfazer os mais difficeis frequentadores do theatro lyrico. E' o mais que se pôde dizer...

PAGINA ORIENTAL



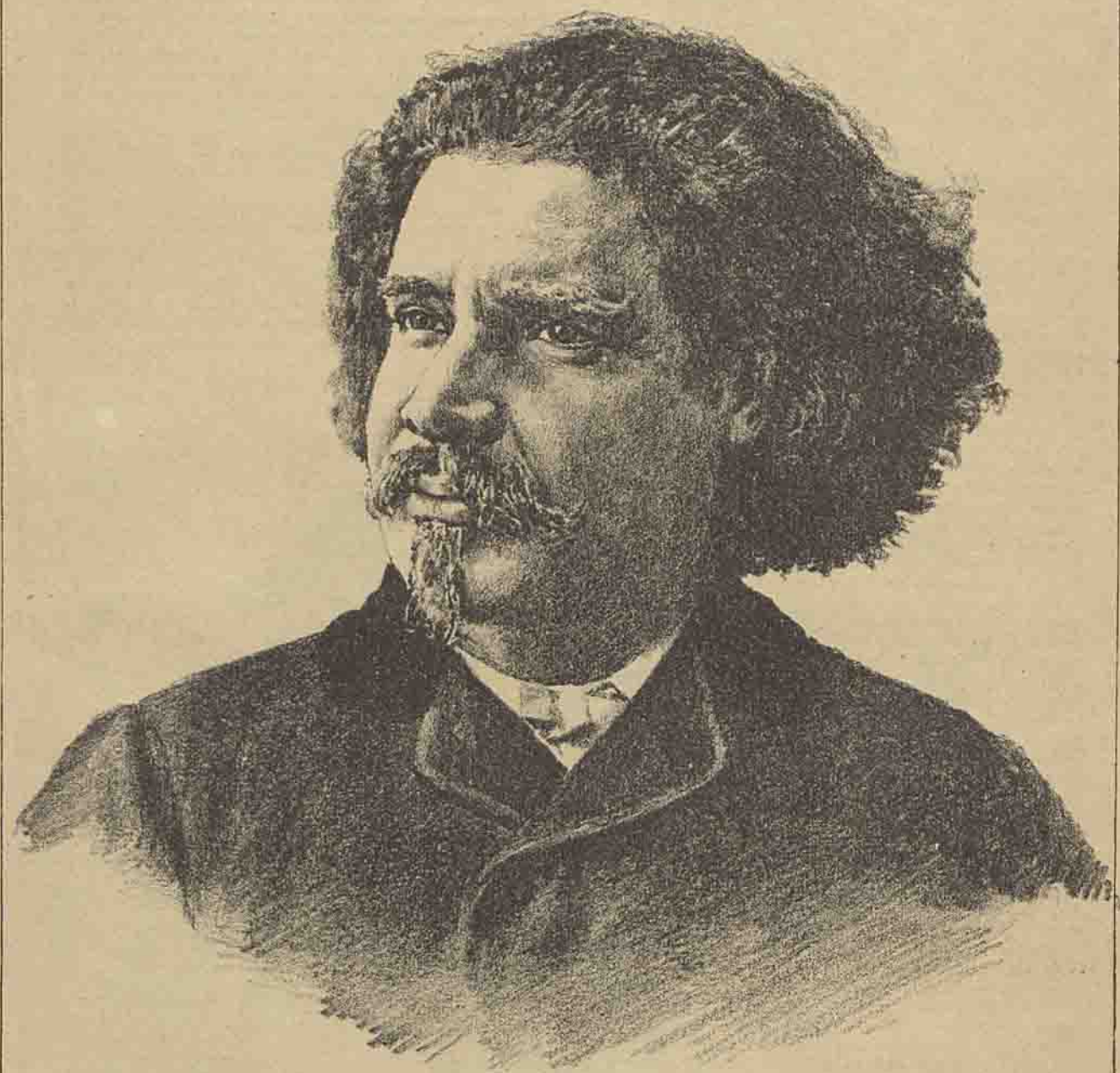
VIVA A GRECIA

Os interessados : — Agora é que nós nos vemos grêgos...

Gustavo



COSTA CARREGAL



O *Antonio Maria* presta hoje a derradeira homenagem de admiração e de estima, por um dos artistas de maior talento e de maior character que o Porto tem conhecido. A tristeza que nos invade e nos opprime ao alludirmos ao seu pensamento, só pôde ser comprehendida por aquelles que uma vez se approximaram de Costa Carregal e que para sempre ficaram seus amigos. A attracção da sua alma e do seu espirito é que produzia semelhantes prodigios da mais inquebrantavel fraternidade.

VARIAÇÕES



Por Portugal passou no domingo o medonho tempo das eleições, que de tempos a tempos se desencadeia sobre este pobre paiz, com uma violencia extrema, sempre seguido d'uma chuva torrencialissima de zurrapa, e de carneiro com batatas.

No circulo 69, que é o de Lisboa, disse-me o *Diario de Noticias*, no dia immediato ao do medonho temporal, que nas urnas haviam cahido 7:794 listas. Mas extraindo d'este numero 2:626 listas que entraram nas urnas dos Oliveaes, Besto, Campo Grande, Lumiar, Belem, Ajuda, Bemfica, Oeiras e Cascaes,—temos em Lisboa 5:168 individuos, ou antes 5:168 patuscos que em vez de passarem o domingo nas hortas, ou em bicycleta, por essas estradas fóra, se entretiveram a jogar ao deputado, elegendo amaveis cavalheiros de que ninguem conhece uma ideia ou uma phrase, ou propria, ou emprestada, os quaes por sua vez se julgam realmente legisladores, e não menos salvadores da patria...

Eu confesso a minha ignorancia politica; mas não percebo para que é preciso ter camaras e deputados, desde o momento que está provado e mais que provado, que as maiorias parlamentares são sempre do governo, approvando tudo quanto o governo lhes manda approvar, e que tambem está provado que os negocios publicos marcham, tão mal com as camaras abertas, como com as camaras fechadas.

Portugal acha-se ao presente dividido em 102 circulos. Quer dizer: os cidadãos portuguezes teem a faculdade de eleger até 102 individuos, d'entre aquelles que considerem mais aptos para dar á lingua.

Mas no extinto *Solar dos Barrigas* é que se vio quanto vão rareando n'este jardim da Europa, os Ciceros e mais os Demosthenes. No genero Demosthenes tivemos apenas o sr. Carneiro de Moura; e na qualidade de Cicero só se apresentou irado e até facundo o irrequieto sr. Fratel. O resto da representação nacional era composto de deputados silenciosos, do mais perfeito systema Singer, e de que foi um exemplar completissimo, o illustre mudo da nação portugueza, sr. Quirino de Jesus.

Não havendo quem falle, não havendo sequer quem diga asneiras, pois até nem já ha d'isso! não vemos para que se hade abrir uma camara. Seria mais salutar e mais hygienico conserval-a fechada. E os deputados—deital-os ao Tejo!

Convenho que este banho forçado não seria agradável, principalmente áquelles illustres paes da patria a quem uma tina por ventura inspire mais terror, do que um cano-d'uma espingarda prompta a fazer fogo.

Mas convém tomar alguma medida inergica contra este mal parlamentar que avança, fazendo victimas aos milhares.

Aqui temos agora 102 estimaveis eleitos, que se preparam para nos governar.

D'aquí a um mez vão cahir sobre Lisboa, vão-se reunir, vão nomear commissões, vão repetir essa burlesca comedia em que todos se enganam mutuamente—deputados e ministros.

Onde está a utilidade de semelhante assembleia? Em coisa alguma. Mas deixa-se funcionar a assembleia de comparsas inventados pelo ministerio do reino, por que é indispensavel continuar a ficção constitucional. Ora não era muito melhor, pegar em semelhante assembleia—e despejal-a no Tejo?

Os antigos tinham uma rocha do alto da qual atiravam para o abysmo com as creanças que nasciam defeituosas. Assim purificavam as raças.

Como hoje em dia qualquer mocinho, por mais verdes que seus annos sejam, já quer ser legislador, e como dos legisladores dos ultimos trinta annos tem só resultado a desgraça d'este paiz, para se evitar a ruina total, só ha uma coisa a fazer—legisladores ao mar!

Para que precisamos nós de mais leis? Já temos mais do que toda a Europa reunida. Sabias e justas não serão, mas são numerosas. Ora supprimir o legislador, apenas n'elle se manifeste o desejo ou a phantasia de ser deputado, deve ser tão valeroso e patriotico como dar cabo em Africa de quantos Gungunhanas por lá ainda appareçam.

Se por ventura acham duro a suppressão pura e simples do individuo atacado do mal legislativo, então aconselho-lhes um processo tão radical como este, e talvez menos doloroso.

Cada sr. deputado da nação portugueza perderá a sua qualidade de deputado, se por ventura não mostrar, uma vez por semana, que tem uma ideia na cabeça.

Ora como n'aquellas cabeças nem já se encontram minhocas quanto mais ideias, o parlamento teria de fechar, com o que muito ganharia a algibeira do contribuinte—e em especial o senso commum.

QUIDAM.



Recebemos e agradecemos o novo livro de Alfredo Mesquita—*De Cara Alegre*.

A'cerca do merecimento litterario do auctor, pedimos licença a Trindade Coelho para transcrevermos o que d'elle disse, na *Revista Nova*:

« Esse escriptor é Alfredo Mesquita, e este Alfredo Mesquita um rapaz como não ha segundo, um typo, um original, mas d'essa extranha e sympathica originalidade que consiste em não ferir a vista por coisa alguma em especial, mas em se não parecer, em coisa alguma, senão consigo mesmo.

O ANTONIO MARIA

A NOVA HYDRA DE LERNA

HONTEM



O pequeno Hercules grego, teve a ingenuidade de supôr que a Europa que se diz civilisada, estivesse ao seu lado na lueta contra o Grão-Turco...

O ANTONIO MARIA

A NOVA HYDRA DE LERNA

HOJE



Mas a Europa que se diz civilisada, tem mais a peito defender os interesses da Turquia, do que a propria civilisacão; e o resultado é o pequeno Hercules, que tinha por si a força da Razão, ver o Grão-Turco arrancar-lhe brutalmente a pelle.

Escreve? Ninguém escreve assim. Conversa? Ninguém como elle. Quando está alegre, enche uma casa com uma risada, e parece, quando está triste, um bonzo dentro d'um esquite! Veste como eu ou como tu, mas ninguém veste com aquelle ar; e sendo, como de facto é, a creatura mais dada d'este mundo, mais simples e mais lhana, parece ás vezes um inacessível, e não passa, ainda então, de um bom rapaz, que uma creança governaria com um aceno, e submettería, fazendo d'elle o que quizesse, com dois beijos.

Como escriptor, Alfredo Mesquita é das organizações mais vibrantes, mais gentis, mais frescas, mais equilibradas e mais graciosas, que possuímos; e tem, além d'isso, duas qualidades raras: assimila com uma promptidão e com uma fidelidade admiráveis; e quando expõe, quando narra, quando diz ou quando conversa, tudo aquillo sae-lhe lá de dentro muito repassado da sua pessoa, rescendendo a alface e a linho branco, muito casto e muito lavado, com a marca, bem nitida e fina, do seu espirito. Tem esta coisa rara, delicadissima e que se não define: a graça... — a graça, que é uma efflorescencia espontanea e olorosa do seu temperamento, e que lembra, no delicado do recorte e na doçura suave do colorido, um raminho, muito fresco, de myosotis. E possui, como se aquillo fosse ainda pouco, outra coisa ainda mais rara: a arte, a galanteria fina, a suprema galanteria de ter espirito...

Com quem se parece elle, litterariamente? Muito, muito com Julio Cesar Machado. E' a mesma graça, mas com mais arte. Porque na arte, lembra um tanto o Garrett das *Viagens na minha terra*; mas, em certas coisas, Ramalho, Guilherme de Azevedo, Eça, Fialho.

A sua prosa é toda em linhas nitidas, linhas de praça, lançadas quasi sempre em recta, velozes e muito afinadas; mas não deixa, por esse facto, de dar no padrão um desenho caprichoso que está muito longe da simplicidade, talvez, talvez por não ser nunca banal, e porque é sempre originalissimo. Mas assim como no seu quarto de rapaz as coisas estão todas onde devem estar, muito attentas, muito risonhas, muito espertas, cada uma inteiramente conscia do seu papel e do seu mester, promptas á primeira voz: — assim tambem na sua prosa as palavras estão perfeitamente disciplinadas como se fossem educadas n'um collegio suíço: sabem musica e tem excellente ouvido; fazem gymnastica, e sabem valsar; sabem pensar e sabem rir; e são sobretudo — oh, sobretudo! — assediadissimas, escaroladissimas, cheirando a sabão e a saude como se acabassem de sair do banho, e viessem, todas risonhas, obsequiar-nos com a sua visita...



FLAVIA, por D. Guiomar Torrezão. — Um livro cheio de interesse, por muitas razões, das quaes a primeira é esta: ser a sua autora uma illustre dama, distincta entre as mais distinctas do seu paiz, onde de resto são bem poucas as filhas de Eva que se dão ás Lettras. Entre as outras razões que dão interesse ao livro, esta de ser

tudo elle repassado de illustrações escolhidas, trabalhadas por alguns dos nossos melhores artistas, taes como: Columbano, Salgado, Malhóa, Villaça, Casanova, Queiroz, etc.

Flavia é, por certo, uma das obras mais aperfeiçoadas, mais carinhosamente tratadas, pela sua autora, das que mais teem tornado devéras apreciavel o seu bello talento litterario, servido ainda por um bem delicado e bem vibratil coração de mulher. E' o estudo singular de um outro coração feminino, bem escutado e bem ouvido, o que constitue o requintado entrecho d'este pequeno romance, ao qual dá nome o proprio nome da mulher extraordinaria de quem elle falla.

Quando se não é Paul Bourget, nem Paul Adam tão pouco, difficilmente se poderá penetrar assim, familiarmente, nos escaninhos complicados de uma psychologia toda involvida em rendas, e ora disfarçada subtilmente pelas varetas abertas de um leque irrequieta, ora servida discretamente pelos vidros sem grau de algum lorgnon impertinente...

D. Guiomar Torrezão recebeu porém da Natureza, muito antes ainda das lições que de Bourget e de Adam tem recebido sem duvida, o melhor dom que é possivel ter-se, para comprehender, profundar e interpretar assim, como n'este romance, a alma de uma mulher: o bello dom de ser tambem mulher!

*
*
*

CORAÇÃO DOENTE, por Lourenço Cayolla. — Romance como ha muitos, mas escripto como poucos. O entrecho é o menos; tudo está na maneira de o contar, de o desenvolver, de o condimentar. Lourenço Cayolla é um novo romancista, com todas as ronhas de um romancista velho: abre capitulos como Georges Ohnet, sabendo fechal-os como Montépin. A intriga, a complicação, a surpresa, a naturalidade e o imprevisto, tudo isso elle maneja n'este primeiro romance como se ao proprio *Rocambole* o houvesse elle inventado. Mas todo o interesse d'este romance está em que, sob os pés bem calçados das personagens distinctas que por elle passam, nem um só alcapão se abre, nem um só mysterio se alevanta. Vê-se, por exemplo, em certa altura da Rua do Oiro, um trem de praça que pára subitamente, e de dentro apparece á portinhola, com grande surpresa para nós, a cara nossa conhecida de um dos mais interessantes personagens que atravessam o livro. Instinctivamente, olha a gente para o numero do trem, imaginando já que esse trem só pôde ser o *Fiacre n.º 13*. . . Pois não senhores: é o 480, muito simplesmente, da Companhia — e á hora!

L. Cayolla é pois, pelo que vemos, um romancista conhecedor de todos os *trucs* antigos, sabendo bem applical-os a enredos novos. Tem, sobretudo, e sempre, esta grande virtude, a par d'este grande engenho: quando o espirito do leitor já se tem inclinado a admitir como inevitavel a perpetração de algum hórrivel crime por parte d'uma certa personagem de maus figados ou coração doente, Cayolla dá se ao cuidado de melhorar-lhe a fagadeira e recommendar-lhe uma mudança de ares, por maneira a affastal o, muito a tempo, e n'outras intenções, do local onde o leitor phantasiara já que o crime viria a dar-se, inevitavelmente. E o panno cae, com bravos ao Cayolla!



THEATRO DE D. MARIA. — «O REGENTE»



Quadros historicos extrahidos das velhas chronicas e transpostos para o palco com a mais brilhante fidelidade; um notavel desempenho por parte de Rosas e Brazão; uma *mise en scène* luxuosa e deslumbrante; um scenario em que Manini mostra de novo as maravilhas do seu talento, e em que Augusto Pina affirma sensiveis progressos; — tal é o espectáculo verdadeiramente attrahente que D. Maria offerece n'este momento aos seus *habitués*, e que lhe tem valido successivas enchentes. Os nossos applausos, e os nossos parabens.

O CONCURSO DE PINTURA HISTORICA



Attitude da famosa maioria do jury, deante d'um quadro que a critica considerou essencialmente mau, mas que essa maioria considera fundamentalmente bom, em obediencia ao elevado criterio do mais desaforado favoritismo.

VARIACÕES

Anda tudo n'uma dança!...

A poesia por causa de certo artigo desdenhoso d'um *novô*, a propósito das escriptoras portuguezas, ás quaes se não reconhecia talento litterario de nenhuma especie, excepção feita... da sr.^a D. Guiomar Torrezão!

A finança por causa d'um annunciado e não menos apeteido empréstimo de 50:000 contos (ó santa illusão dos paizes arruinados!) 50:000 contos em oiro, que, no dizer dos entendidos, obrigaría as libras, as *ladras*, as *piratas*, conforme as patrioticas expressões do anno da graça e da desgraça de 1890 — a retroceder, não para as modestas proporções de 45500 rs., mas ao menos para as não modestas de 65000 rs. Perder apenas 15500 rs. em cada *ladra*, já se affigura ao bom portuez sufficiente agio e não menos sufficiente castigo monetario, para as injurias que houve por bem cuspir contra o ouro inglez, após a intimação que nós sabemos, de actual primeiro ministro de Sua Graciosa Magestade.

Anda n'uma dança o zelo catholico-jornalístico portuguez, por causa do sermão do padre Olivier, na igreja de Notre-Dame, de Paris, nas exequias das pobres victimas do «Bazar de Caridade», — procurando provar que não foi o ether d'uma lampada do cinematographo, que produziu tão grande catastrophe, mas sim o famoso dedo de Deus, no intuito de punir a França dos seus desregramentos philosophicos e particularmente positivistas.

Anda n'uma dança o governo, desde que os eleitores de Alemquer tiveram o mau sestro de fazer deputado, o mavioso, unctuosos, penteado, alisado, escorrido, e retrocido bacharel Armelim, o unico, o inclito, o genial Armelim, o Junior! — que é como quem diz o mais moço, o mais tenro, o de mais fresca data e produção; — e desde que a opposição feroz, de *armelim* fez *merdelim*, transformando assim em *merdelins* os legitimos descendentes dos *barrigas*...

Anda tudo n'uma dança e n'uma roda viva! E ainda ha quem se atreva a afirmar que n'este paiz não ha assumpto!

Não ha assumpto?... Mas em Lisboa e suas proximidades não se ouve, de quando em quando, senão detonações de revolvers, — D. Josés ardendo em feroz ciúme, Othelos authenticos ardendo em ciúme não menos feroz, mettendo balas no corpo de pacificas Carmens e de descuidadas Desdemonas

Não ha assumpto?... Mas a cidade anda salpicada de sangue, agitada por scenas tragicas de que o terrível ensaiador e machinista emérito é o Amey, esse medonho explosivo, mais perigoso que a dynamite ou a nitro-glycerina, e que resulta apenas do contacto de duas epidermes, conforme a descoberta de Chamfort, que em chimica amorosa era tão forte como o seu proprio apellido.

Não ha assumpto?... Ha sim, meus senhores! O que não ha é romancistas, nem dramaturgos, nem maestros. O que eu pergunto, é que differença pode haver entre o drama da rua de S. Joaquim, e o *elle me resistais, je l'ai tuée*, de Dumas pae; que differença ha entre a *Carmen* que todos os invernos é duplamente assassinada em S. Carlos, (assassinada a *Carmen* e assassinada a opera) e a recente tragedia do Barreiro?

Digam-me se são capazes! Deaafio os a que m'o digam!

E se fôr preciso, para sustentar o que digo, farei como o sr. Fernandes Costa: — vestirei o rijo peito d'aço, e no campo do torneio aguardarei a descida...

Provavelmente ninguem deseje, para contestar que ao drama do Barreiro, ou da rua de S. Joaquim, só faltou a musica de Bizet, e o ser consummado o crime á porta da praça do Campo Pequeno ou em Algés — porque ninguem hoje em dia está para torneios e para massadas, quer em prosa, quer em verso.

Só o sr. Fernandes Costa, que apesar de descer todas as tardes o Chiado, gravemente abotoado na sua sobrecasaca, ainda sente dentro em si os generosos impetos dos lendarios paladinos, — correndo para o sr. Julio Dantas, o Plutarcho da sr.^a D. Guiomar Torrezão e o algoz das restantes escriptoras portuguezas, de durindana em punho, com uma furia não menos guerreira que a que é permitido, a troco d'alguns tostões, observar todas as noites em D. Maria, quando o sr. Augusto Rosa, no ultimo quadro do *Regente*, se decide a cahir a fundo sobre o inimigo.

Bella furia! bella furia! Oh! a bella furia!...

Que de resto, os *novos* andam de ha muito a provocar durindana! Quanto mais se lêem, mais aborrecimento nos causam. A sua Musa só nos falla de tristezas, de luctos, de soffrimentos e de dôres. Parece a Musa d'um enfermeiro do hospital de S. José, ou a Musa d'algum coveiro trovador do Alto de S. João.



Quando os vemos caminhar pelas estradas do Parnaso, dão-nos a sensação de conselheiros gatos-pingados, cujo Ideal é um apodrecido e roxo cadaver, que elles passam o tempo, n'um delirio macabro, a enterrar e a desenterrar!

Diabo leve os *novos* d'este anno da graça desengradada, — que para mim só quero haver-me com aquella mocidade alegre e descuidada, de que nos falla o Guerra Junqueiro, na sua *Musa em férias*:

Recordam-se vocês do bom tompo d'outrora,
D'um tempo que passou e não volta mais,
Quando iamos a rir pela existencia fóra
Alegres como em junho os bandos dos pardaes?
C'roava-nos a fronte um diadema d'aurora,
E o nosso coração vestido de explendor
Era um divino abril radiante, onde as abelhas
Viuham sugar o mel na balsamina em flôr.
Que doiradas canções nossas bôccas vermelhas
Não lançaram então perdidas pelo ar! ...
Mil chimeras de gloria e mil sonhos dispersos
Canções feitas sem verros,
E que nós nunca mais havemos de cantar!

Isto sim, isto é que eu chamo mocidade. Essa que para ahi se ostenta, envolta pomposamente n'um ridiculo *snobismo* mortuario, gaguejando um calão medico, imaginando assim desluzbrar as Lettras, não passa d'um comico agrupamento de descrentes de vinte annos, que andam a pedir a Deus Nosso Senhor que lhes ponha ás costas uma muchilla, e os mande para os sertões d'África, ás ordens do Mousinho, para ver se tem mais apego á Vida, mais temor da Morte, e sobretudo mais respeito pelo Senso-commun.

Fernandes Costa! P'ra baixo! E' dar-lhes, sem dô, nem piedade!...

QUIDAM.

O ANTONIO MARIA

THEATROS DE PROVINCIA

Figueira da Foz

OS VIDINHAS



MANO VIDINHAS



PER. CARREIA

J. MONIZ
(BRIGANZA)



J. DIAS
(MORGADO)



CONSTANTINO TEBOSA.

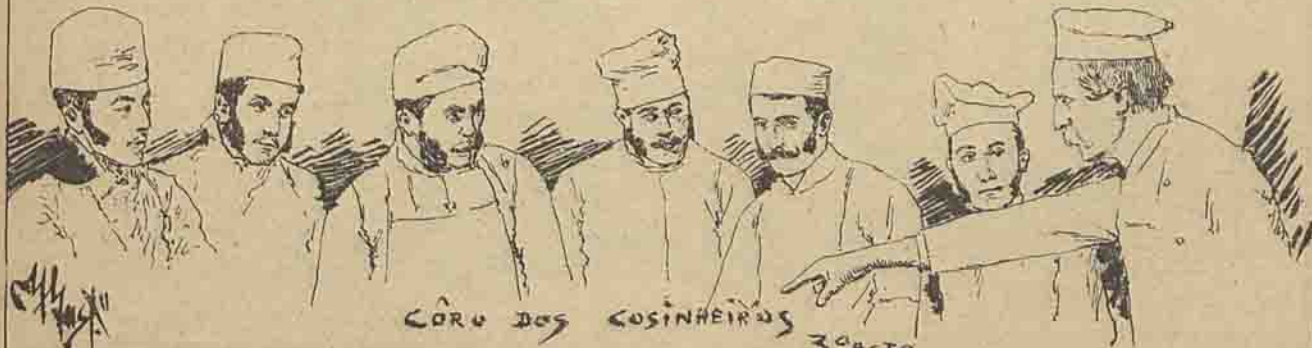
(MEIRALLES)



CORO DOS ROMEIROS - 1º ACTO.



CORO DAS RENDEIRAS - 2º ACTO.



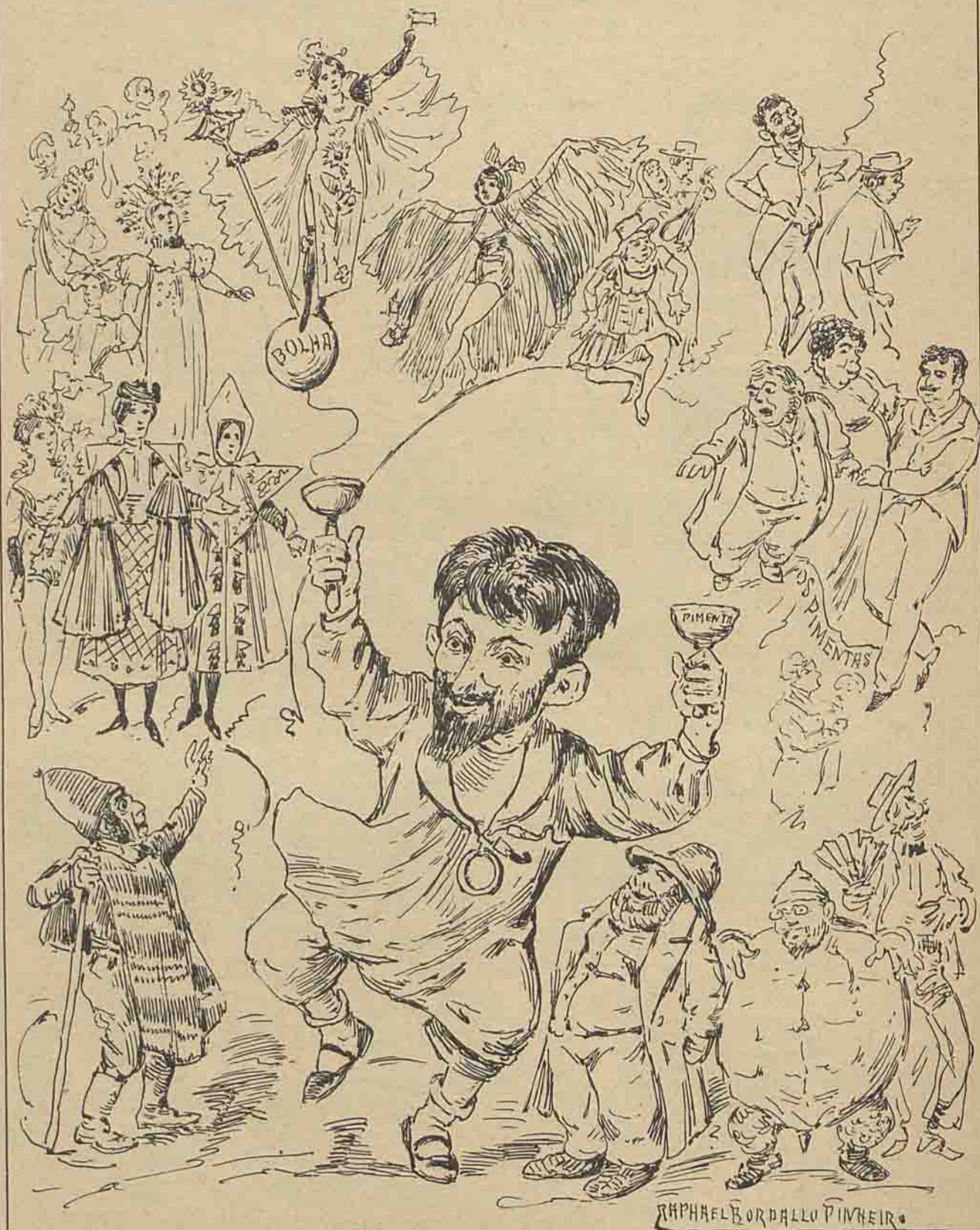
CORO DOS COZINHEIROS - 3º ACTO.

Na Figueira, a mesma sociedade d'amadores que no anno findo levou á scena a opereta portugueza *O Morgado de Antanholes*, acaba de representar uma nova opereta *Os vidinhas*, libretto original de Pereira Correia e musica de Ribeiro Couto. O desempenho foi excepcional, grangeando farta porção de applausos todos os amadores, especialmente Pereira Correia e Paz (manos Vidinhas), Julia Moniz e Jayme Dias. A Figueira da Foz, em gosto theatral, está mettendo a um canto a propria Lisboa.

O ANTONIO MARIA

THEATROS DE LISBOA

Rua dos Condes — «O REINO DA BOLHA»



Na Rua dos Condes continúa a disfructar d'um exito extraordinario, a espirituosa revista do anno de Eduardo Schwalbach. *O Reino da Bolha* é uma das revistas mais engraçadas que nos ultimos annos teem ido á scena. Junte-se a isto um desempenho primoroso, e facilmente se comprehenderá a razão do publico continuar affluindo ao elegante theatrinho.

O ANTONIO MARIA

THEATROS DE LISBOA

Trindade — «EM PRATOS LIMPOS»



Mais vale tarde do que nunca! Que Sousa Bastos nos perdôe o não termos em tempo opportuno consagrado pelo lapis o exito da sua revista tão cheia de phantasia e de graça picante; revista onde Palmyra Bastos nos apresentou uma encantadora variedade de typos, Rosa Vignon nos mostrou os requebros do *maxixe*, e em que Machado affirmou mais uma vez os extraordinarios recursos do seu engenho scenographico.

Bibliographia.

Mentira vital, por Henrique de Vasconcellos.— O ardente e caprichoso auctor d'este livro, surgiu primeiro em Athenas como um ephebo, habil nos jogos, mais bello e atrevido do que Euryalo, semelhante a Marte. Nenhum igualava a graça robusta e fina do seu corpo, nem houve disco ou flecha, entre os mais invejados, que alcançasse sequer a meia distancia dos seus. Ora, um anno passado, os mesmos que elle vencera, rindo, nos jogos e nas luctas, puderam ver com assombro que a mão triumphante nas arenas recebêra tambem de Apollo o dom alado de ferir a Lyra divina. Sobre essa nova revelação do favor dos deuses não se fechou ainda a primeira olympiada, e já por cinco vezes o Aedo illustre nos visitou, para nos encantar.

A *Mentira Vital* é a ultima visita e o ultimo encanto. Que Zeus, distribuidor das nuvens e dos raios, e o divino Apollo, seu filho, nos mandem brêve um presente das Musas tão bello como este—eis o nosso voto e, certamente, o de todos os mortaes.



Versos, de Luis da Matta.— Dão os versos ganhos fracos, e assim é quando dão... Que poeta que não era da linda Ignez o cantor, quem mais do que elle dissera d'esse féro Adamastor — e afinal todos nós sabemos o fim que elle teve e a vida que levou, ver-se-ja! Bem de vêr que o sr. Luis da Matta não pensa em ganhar a sua vida por tal officio, nem entra pela Poesia na supposição de ser ella, para a celebridade do seu nome, o Ascensor da Gloria... O novo poeta deve ter medido bem o passo a que atreveu pela mão de sua musa, e saberá, por isso, conservar-se a pé firme, para o que dêr e viêr. Em todo o caso, ao mesmo tempo que vai tratando, sem duvida, de procurar melhor caminho pela estrada pedregulhosa da vida — e mais uma vez virá aqui de cabida o chamar-se a attenção das Obras Publicas para o estado lastimoso em que essa estrada se encontra... — o sr. Matta acha occasião de compôr alguns versos que não lhe ficam mal, antes pelo contrario quando são como estes:

ESCHOLA ANTIGA

Se Vos vejo, Senhora, alguma vez,
Ao lado do prazer de Vos ter visto
Magua sinto, porém n'ella persisto,
— Pois é magua " os ver e insensatez...

Se Vos não vejo, sinto a fixidez
De vossa Imagem que na minha alma avisto
E ao prazer de Vos ver então resisto,
Tão desditoso tal prazer me fez!

Eu soffro quer Vos veja ou Vos não veja,
Do que faço o contrario sempre qu'rendo...
Já nem sei qual mais Amor deseja:

Pois Vos não ver quizera, em Vos eu vendo
E de vêr-Vos, se não vejo, sinto inveja!
Eis quer assim Amor que eu vá vivendo!



Bohemia antiga, por D. Thomaz de Mello.— Quem o não conhece, ao D. Thomaz de Mello, como um dos mais patuscos, mais curiosos, mais attrahentes typos d'essa bohemia de melhores tempos que lhe valeu agora, em boas reminiscencias, um bem alegre livro?! Quem o não conhece, ao da grande pera e mais o grande bigode, grande chapéo desabado e grande pança cahida, dilatada por quantas ceias e idas ás hortas memoraveis de que nos fala a Historia, e em que elle tomou parte, denodadamente, em tremendissimas pandegas de estalo! Agora, passados muitos annos, quando os achaques da idade já lhe tornam menos facéis as digestões das grandes pratalhadas com fartas régas do tinto, e as rapiocantes esperas de toiros, pelas madrugadas, em Carriche — dá-nos o D. Thomaz de Mello, em livro jovial, as saudades de melhor tempo e de bem melhores aventuras do que aquellas em que, todavia, ainda a sua pessoa original não desmerece hoje em dia, se algum bom acaso para isso o ajusta...

Bohemia antiga é, graças a Deus, um verdadeiro livro para riso, e para interesse, do principio ao fim, desde que elle parte da Travessa dos Burros, á Boa Morte, com a sua troupe estouvada de merveis celebridades para terras de Hespanha, até que de lá volta e emquanto por lá anda. No genero patusco e raro de alegres memorias, este livro é dos mais curiosos, mais pittorescos, mais hilariantes.





Origens e desenvolvimento da população do Porto, de Ricardo Jorge. — E' o auctor d'este livro um erudito, um investigador e um artista: d'aqui todo o interesse que tem, para os doutos, para os curiosos e para os de bom-gosto qualquer trabalho que sae das suas mãos, muito bem cuidado sempre pelo seu espirito. O presente livro é, a todos os

respeitos, uma interessante peça. Talvez o assumpto se afigure, a muitos, de nenhum molde para perda de tempo com enfeites e galas ao redor; mas a verdade é que para quem póde e quer, como o sr. Ricardo Jorge, todos os assumptos se facilitam e se amoldam a boas maneiras litterarias. Depois, como elle bem o diz, isto de seguir na sua marcha gradativa a cresecença d'uma cidade como o Porto, desde a humilde communa d'onde alastrou e pujou, á vastidão e populosidade

d'hoje em dia; ir ao arrepio dos seculos até á pequena mó do burgo episcopal d'onde lentamente se derivou a segunda cidade do reino, graças ao character das gentes, á consideração politica e á absorpção commercial e financeira, é por certo um estudo interessantissimo de civilização local nas suas relações com o numeramento dos radicaes humanos. Mas para melhor idéa dar de como é cheio de coisas curiosas este trabalho do sr. Ricardo Jorge, assignalaremos o modo por que elle destroe as fabulações encampadas por pseudo-historiadores a respeito da fundação do Porto, havendo alguns que a encabeçaram em um genro do Faraó biblico até ali acossado pelas pragas do Egypto, outros em Diomedes á volta da guerra de Troia, outros em Menelau com a bella Helena, e ainda um ultimo que se alça a Noé, entrando pelo Douro com suas galés a observar o occaso do sol e a estrella chamada Hesperia vespertina. Com muita graça nota, a tal respeito, o auctor do livro: «A erér piamente n'esta arribação de Noé, era muito mais verosimil o pensar que o venerando patriarcha, em vez de trazer os olhos na tal estrella, vinha assim de tão longe ao lambisco das novidades do Douro; assenta bem que a este emporio do vinho lhe dêsse Noé a primeira cava della no alicerce.»

EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO

Salão comico



69 — *Malhóa* — Ensaio de pas-de-quatre.



72 — *Malhóa* — A primeira ocarina.



96 — *Santos Junior* — O' seu Franco, você viu bicho?



67 — *Leal* — Arreda que te espéto... se consigo tirar a durindana!



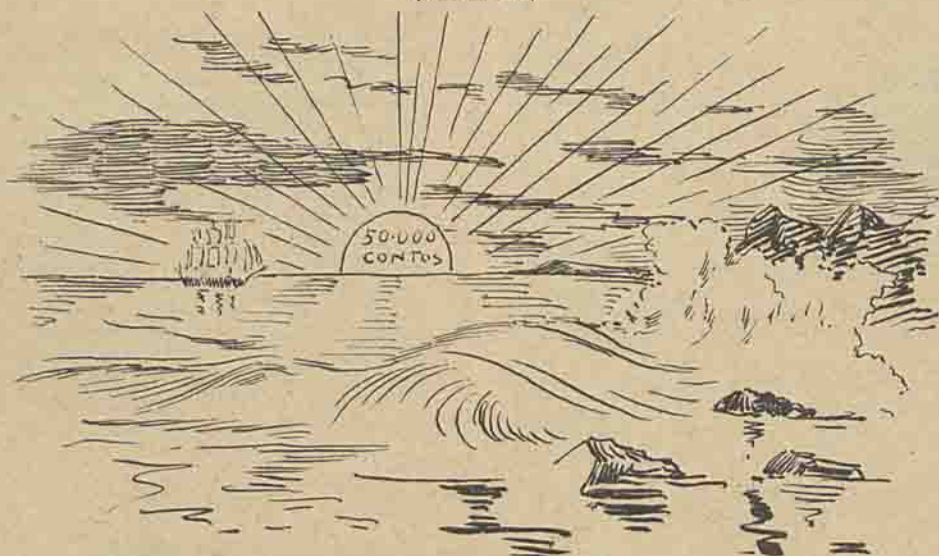
127 — *Moraes* — A actriz Mercedes armada em pastel folhado.

Antonio Maria

EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO

Salão comico

(CONCLUSÃO)



1 — S. M. El-Rei — O proximo emprestimo illuminando o mundo.



60 — Guedes — Tanto cabelo, que fizeste?



149 — Wauthelet — Eu bem lhe dizia que não bebesse tanto licor de rosa...



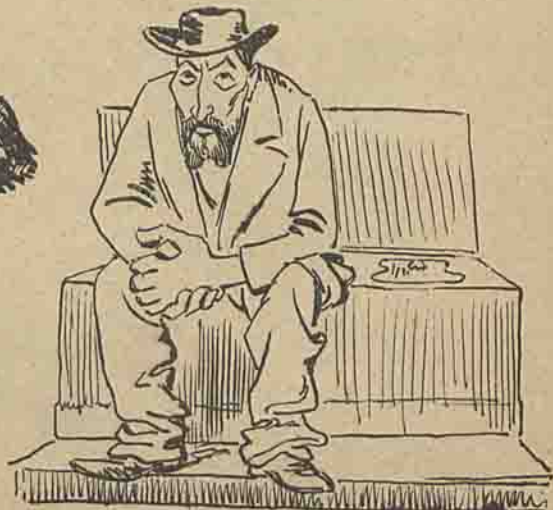
66 — Lauer — O que se diria ali para fazer assim corar aquelle valente lobo do mar?...



44 — Galhardo — Manel Pencudo.



145 — Galhardo — Julio Triste.



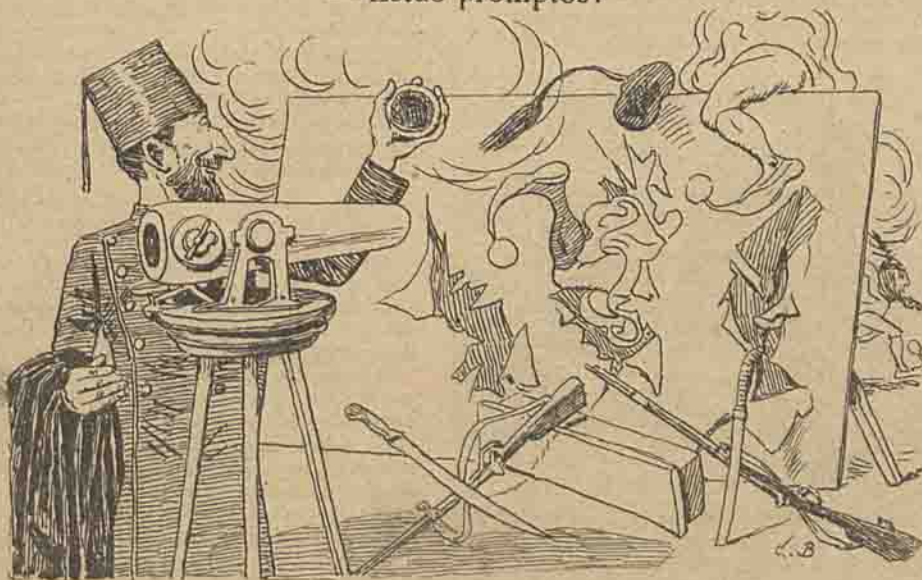
45 — Galhardo — Está cá gente...



AINDA A GRECIA E A TURQUIA
UM INSTANTANEO



— Estão prontos? —



— Uma! duas!! trez!!!

(Extrahido do «Kladderadatsch»)

VARIAÇÕES

A influencia do illustre sr. Pinheiro de Mello no actual momento da politica portugueza é — quanto a nós — altamente manifesta.

Se a pasta da fazenda não estivesse a cargo do sr. Ressano Garcia, tudo nos deixaria suppôr que era n'este instante sobraçada pelo conspicio proprietario da bem conhecida casa de penhores da travessa da Queimada. (3 % de juro ao mez para amigos e correlligionarios.)

Qual é em verdade, ó meus queridos concidadãos! o regimen economico que presentemente preside aos nossos destinos, e principalmente ás nossas algibeiras, senão o do bom, o do providencial, o do maravilhoso prego?...



Na vida financeira dos individuos, quando a crise aperta, se alguém consultar o sr. Pinheiro de Mello, s. ex.º responderá o mais hamleticamente que lhe é possível:

—«Empenhar ou não empenhar. Eis a questão!...»

Na vida financeira das nações o sr. Resano tambem não encontra outro expediente. E' a quanto se reduz a sua sciencia economica.

O thesouro não tem vintem! O thesouro está exaustio! Os ministros reúnem-se em conselho, e em conselho ficam, desde o anoitecer até madrugada...

O thesouro não tem vintem! O thesouro está exaustio! E os governantes arrepelam-se, e meditam, e falam, e gesticulam... até que uma voz, que parece vir da travessa da Queimada, exclama soturnamente, como convém em momento de spuros monetarios:

—«Empenhar ou não empenhar. Eis a questão!...»

Está resolvido o problema! Que ha por ahí capaz de se pôr no prego?.. E principiam os ministros a vasculhar pelos cantos dos ministerios...

Rumas de «Diarios do Governo,» rumas de «Diarios das Camaras,» rumas de memoriaes, rumas de relatorios... Ninguem os quer, nem a peso!



Depois de muito vasculhar descobre se a um canto d'uma gaveta o caminho de ferro de Minho e Douro e mais o caminho de ferro de Sul e Sueste. E ao primeiro conhecido que atravessa o Terreiro do Paço, grita o ministro da fazenda:

—O' sr. Fulano! Faz favor, chega cá cima...

A pessoa em questão trepa as escadas do ministerio, e ao penetrar no gabinete do ministro este diz lhe:

—Ora imagine v. ex.º que estamos positivamente sem vintem! Não ha dinheiro no thesouro; precisamos governar; precisamos merecer a confiança da corôa e do paiz; precisamos anichar convenientemente uma caterva de correlligionarios que ha sete annos, desde 1890, desde que o Salisbury nos atirou de pernas para o ar, suspiram por um falher á meza do orçamento. Correlligionarios com sete annos de opposição! E' uma fome que se não desereve! Só a penna d'um Dante... E precisamos immediatamente de dez mil contos. Ora o governo acaba de encontrar, a um canto d'uma gaveta, os caminhos de ferro do Estado. O senhor é que nos vae salvar... O senhor vae pôr-os já no prego, e traz nos aqui o dinheiro que derem por elles. Sim?...

—Mas em que prego? No da travessa da Queimada?

—Não. Vá a Paris. Sempre hão de dar mais alguma coisa...



E é assim que se administra um paiz a que, segundo dizem, precisa de boa administração.

Como plano financeiro, o criterio do sr. Pinheiro de Mello não é em nada inferior ao do sr. Ressano Garcia.

E depois do sr. Ressano, quem virá para ministro da fazenda?...

Naturalmente o sr. Mó. E' o que está racional e economicamente indicado. Por que ainda espero ver no prego, a estatua de D. José e mais a do poeta Luiz de Camões.

Não fallo na de D. Pedro IV, porque é mais difficil de aprear. Mas se a crise continúa, tambem o Dador será reduzido a patacos.

N'um paiz sem vintem, a posteridade do bronze seria uma odiosa provocação ás algibeiras desprovidas de moeda.

A's horas em que estas linhas escrevo ha cerca de cem portuguezes que se preparam para exhibir solemnemente a doce illusão de que são realmente deputados por obra e graça dos eleitores, e não segundo as determinações do ministerio do reino.

A comedia parlamentar vae recommençar em S. Bento; e o sr. José Luciano de Castro, que teme as aleunchas como o Diabo teme a cruz, decidiu em sua alta sabedoria que as duas casas do parlamento funcionassem n'uma só casa, que as duas camaras tivessem as suas sessões n'uma só camara — na dos Pares — pois que a dos deputados, pela vontade de Deus e do fogo purificado ficou reduzida a um triste montão de cinzas.

Se as minhas informações são exactas, a camara dos pares funcionará das 8 ás 11 horas da manhã, e a dos deputados das 2 ás 5 horas da tarde.

Os pares andam furiosos com tal solução. Lisboa não é positivamente uma terra de madrugadores. E na verdade não nos parece justo que em quanto um digno par, que nada ganha pelo exercício de tão alto mister, se veja obrigado a comparecer ás 8 horas da manhã em S. Bento, — um funcionario publico (de 1.º official para cima) só dê entrada na repartição ás 3 horas da tarde.

Quanto aos deputados, o que sobretudo os enche de regosijo, é a ideia de que Armelim (Armelim para as damas e Merdelim para as *Novidades*) tenha definitivamente perdido a sua eleição por Alemquer. Ao que parece Alemquer queria Merdelim a represental-a em côrtes. Mas Cadaval achou o nome d'um perfume um tanto avariado; e na impossibilidade de um perfumista celebre, como o Piver ou o Lubin, elegeu uma pessoa, que ao que nos consta, não deita nenhum cheiro, nem do corpo, nem do nome.

Foi Cadaval, que tem a pituitaria mais delicada e sensível do que Alemquer, quem deitou á margem Merdelim Junior, vulgo Armelim.

A camara dos deputados tinha obrigação — em signal de reconhecimento — de votar um grande sabonete d'honra aos eleitores do Cadaval. E para commemorar tão extraordinaria manifestação d'acção politico, Cadaval d'aqui para o futuro, devia receber todos os annos da meza da camara uma caixa de perfumaria, em signal de reconhecimento e hygiene.

*
*
*

Parece que com a abertura do actual Parlamento vamos entrar no que se chama — o Regimen da legalidade.

Os regeneradores, segundo se deprehende da leitura dos órgãos actualmente ministeriaes, haviam violado a Lei. Os *progressistas* pegaram na pobre victima de tão nefando estupro, e refizeram-lhe uma virgindade. Não sabemos como; mas elles que o affirmam é porque a Lei, depois de violada, torna a apparecer-nos novinha em folha, como qualquer virgem.

E' pena que os *progressistas* não ensinem ao publico a maneira de dar virgindade áquillo que a perdeu — ou á força, ou por sua livre vontade.

Parece que, com o recommear o regimen da tal legalidade, nós vamos ser o povo mais feliz da Terra. Oxalá!... Eu comtudo tenho o mau gosto de declarar, que preferia andar fóra da tal legalidade, comtanto que as libras baixassem a 4\$500 réis.

Mas essa baixa é que já nós não veremos em nossos dias. Desde o momento que nos governamos segundo o criterio do sr. Pinheiro de Mello (acima citado) tudo nos leva a crér que uma libra ainda pôde vir a custar 30\$000 réis, como no Brazil. 4\$500 é que nunca mais.

Mas se o regimen da legalidade é uma consolação para a miseria que nos espera, — abençoado seja o sr. José Luciano, o unico que tem artes para transformar uma virgem violada e avariada, n'uma virgem novinha em folha...

Abençoado seja!...

QUIDAM.



ILHA DOS AMORES, por Antonio Feijó.—E' o auctor d'este livro um delicado poeta, senhor de um fino, espirito, amante de uma linda musa, todo inclinado a'nda para assumptos de coração, a despeito de quanta^s influencias diversas, proprias da sua época e contrarias á sua arte, procurem desvial-o d'aquillo que predomina em sua idéa e decide da sua obra. N'essa sua pertinacia está o seu melhor louvor e o maior interesse do seu trabalho lyrico—uma vez que parece ter passado de moda esse genero que todo se consagra á expressão dos grandes enthusiasmos, e toda a importancia dá ao sentimentalismo e ás paixões. Persistir hoje, em arte de poetas, pelo cultivo de simples coisas ternas; gastar tempo e sonetos para só cantar ingenuas de cabellos de ouro e traidoras de olhos garços; amontoar em livros soffrimentos de amor; querer falar de ternuras a ouvidos que a blasphemia endureceu—é possuir o valor de uma bem rara audacia. Mas alguma coisa mais ha n'este livro do sr. Antonio Feijó; e se á conta de méro pretexto para versos se quiser levar quanto n'elle ha, de facto, em eccos d'alma e vibrações de puro sentimento, tenhamos ao menos o desassombro de confessar que esses versos sahiram d'uma bella fórma e que, pelo simples facto da vulgaridade que amesquinha a maioria dos lyricos contemporaneos, não deve deixar-se de alevantar a este, em meio dos distinctos, o pedestal que merece.



Rimar toda uma série de oitavas como essa que n'este livro se designa por *Auto do meu affecto*—é não só ter o coração no seu logar, e ao serviço d'elle, sollicita e carinhosa, uma formosa imaginação; é possuir um bem requintado sentimento de arte, altivo e raro. E ser senhor de tudo isto é ser-se, incontestavelmente, um bom poeta.

Muito lhe agradecemos, Feijó, a offerta do seu livro.

Salvador da Patria pelo processo da lagarta de couve



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O Zé — Podes fomentar todas as couves e toda a beleza d'hortaliça porque, quer fomentes ou não fomentes, com pés p'ra dentro ou pés p'ra fóra, busca em familia ou na escada, a miã sahe-me sempre espiga. De resto, fomenta-te tu que fomentado estou eu já...



Macabro, armado de ponto em preto, entra na liça, desembainha um femur, e lança o reptio:

Por minha Dama
De nome Dona Fôfa Gordalhaça
Eis-me na liça! Trago arbins de Chama
E mestos forcaretos na couraça.
No laquear briaes com esguiões
E cyanoses... para a sobremesa.
Mais tragos um pardessus com gorriões
E artezões... que é mesmo uma belleza!
Da minha audaz Torre... de Dona Chama
Vieram mil e tres pagens de galga!
Por minha Dama,
Se hay un hombre... que se salga.

Um hombre se salga. E' João Fernandes, da tropa de linha. O silencio faz-se profundo. O recémvindo pede a palavra ao sr. presidente e bota estas fallas:

Primeira companhia — perfilar.
Segunda companhia — um passo em frente.
Faz que anda, mas não anda, minha gente.
Ordinario, marche! Direita rodar!
Rana cataplana
Mata aquella ratazana.

Vae travar-se a peleja. A anciedade é gorda. Mortos rôxos apostam por Macabro. Loiras ingenuas por Fernandes. Os adversarios chegam-se ao bico, e começam por bater-se de lingua, como segue:

— Mas quem és tu? — O ó papão dos Novos!
— Novos aqui? Vae-te despir... E's louco!
Nascemos a pár oyo,
E ao sponstar do sizo... zás... p'ra o chôeo.

J. F. não pode ouvir mais. Rapa do chanfalho e atira-lhe este bote:

— A sua idade, ó seu chibo idiota,
Cá pelo Ideal é coisa assim tfo pouca,
Que você anda ainda com a bocca
Dentro de um canno de bota!...

— E que é você, ó seu abcesso mór?

Mas elle não perde a linha com este clyster de algibeira. Engrila-se, rapa do passaporte, e diz:

— Sou Burromeu para a gente selecta.
E para a tropa sou o Floridor.
Se toca algum piano... sou poeta.
Se toca a botar sellas... sou major.
Poeta — eu sigo a esteira do Vidal.
Major — eu provo o rancho da panella.
E faço até, á porta do Ideal,
Quartos de sentinella!...

A tropa apresenta armas. Macabro parece que achatou o bêque. Mas, de repente, engatilha uma tibia e sifsa-lhe esta:

— Já que fallaste em Ideal, tratante,
Que é Ideal? — E' contemplar a lua.
— Ideal é ver um morto... de purgante;
Fazer a côrte á Peste, semi nua...
— E' pôr em verso a rôla co'os filhinhos.
— Comer tripas com ellas, no hospital.
— Quanta belleza ha no viver dos ninhos!
— Quanta poesia ha n'um hemorroidal!

A anciedade cresce. Os mortos chegam a corrar. As ingenuas cheiram frasquinhos de saes. A lucta continúa.

— Ideal é suspirar pelos vallados.
— É ter no recto um dobre de finados.
— É mastigar narcisos todos juntos.
— É delirar por iscas de defuntos.
— Ai, como o pum de artilheria é bom!
— Ai, que petisco: um morto... aux champignons!

Com esta é que J. F. não pôde. Dá um piparote no kepi, faz um quite por companhias, e atira-se de cabeça:

— P'ra traz Satan! P'ra traz Pavio Triste!
Quem não possui da fêmea a dor acerva,
Não põe a lança em riste.
Passa... á segunda reserva.

A piada militar está mesmo a pedir um troço pathológico. Este não se faz esperar. Cada um mette a unha que tem:

—Dentro de ti eu ainto uivar os perros!
E' noite no teu utero. A Poesia
Anda por lá aos berros!
Vou eu tirar-t'a... a ferros.
Vem ao pintar a ovariectomia...

—Nunca hei de ter esse voraz tormento
Pois só ás vezes, quando como o rancho,
E' que me doe da musa o esquecimento,
Assim um esquecimento...

—De gancho.

O presidente chama à ordem. Intervallo. Os adversarios recuam. M. come uma sandwich de maromague com rodellas de graçiscos. J. F. mette buchas. Reaberta a lambada, entra o assalto n'um periodo de modestia mutua:

—Fosse eu de infantaria,
E não de artilheria,
E outro gallo te cantaria...

—Um gallo! Em mim só canta o cantochão,
E só me toca, no fatal teclado,
A mão do finado
Nas santeries do Alto de S. João.

—Em mim ha sempre fungágá e graça,
Pois no quartel da minha pança, até
Cupido assentou praça,
E Venus recebe o prest!

—Em mim até o proprio bofe chora!
Pingos de tocha, eis a minha bebida!
E tomo um morto, ás pilulas, uma hora
Antes de cada comida...

—Em mim sussurra a brisa dos vergeis
E a voz da artilheria.
—E' dysenteria...

—Sinto cá dentro o Verso resolutivo
E a bella feijoada dos quartéis!
—Toma bismutho,
De quarto em quarto de hora, dois papeis.

Em vez de bismutho, J. F. toma de novo a offensiva, e offerece a sorte a Camillo, que fica muito penhorado com tal prova de affecto:

—Gato pingado, tóla de Medusa!
Recruta reles no um dois da Arte!
Tu és o Montes da poesia lusa!

—E tu um fêto que abalou de Marte!

—Não pescas nada de Ideal, ó avido
Catalogo ambulante de mobilia!

O' lobinho do Vicio!
Não sabes quanta graça ha em sentir
Tênicas viuvas, a carpir,
No nosso mausoléu... alimenticio!
—Não toscas nada de arte, ó bule... grande
Por onde os mortos bebem chá de tilia!

O duello vae acabar. Os contendores caem de layeira. Macabro já não pode com a caixa thoraxica, nem o outro com a dita de rufo.

—Eu já não posso mais!
—Nem eu! Paremos
E vamos lá a vêr, a uma e uma,
As feridas que temos.
—Eu cá nem uma tenho!
—Eu cá... nenhuma!

Estão os dois quasi a dar sorte, quando Macabro eriça a região peliforme, aguça as meninas dos olhos e aponta para um vulto de mulher, caído a distancia:

—Não vês? Alem! Um corpo! E' verde! E' morto!!
—Talvez algum balasio que foi torto...
—E é de mulher! Conheces? ..
—Pela rama.
—Como se chama?!
—Chama-se... Dona Satyra!
—Da Costa?
—Nunca teve appellido.
—Então? ..
—E' exposta.

Anoitece. A noite é negra. Toca a recolher no quartel dos Paulistas. A cupula celeste é como que um grande utero... com luminarias do centenário de Santo Antonio. Macabro e João Fernandes fazem uma cova no chão:

Enterremos a Satyra, os dois juntos,
Envolta em nessas lagrimas amargas!...

Ao que o macabro accrescenta:

—Eu... cantarei a Missa de Defuntos...

E o outro conclue:

—E eu... darei as descargas...

DON MYSTERIO.



Raymundo

SALÃO COMICO

(Continuado do n.º antecedente)



9 — *Assis* — Quebra-nozes de péra cozida.

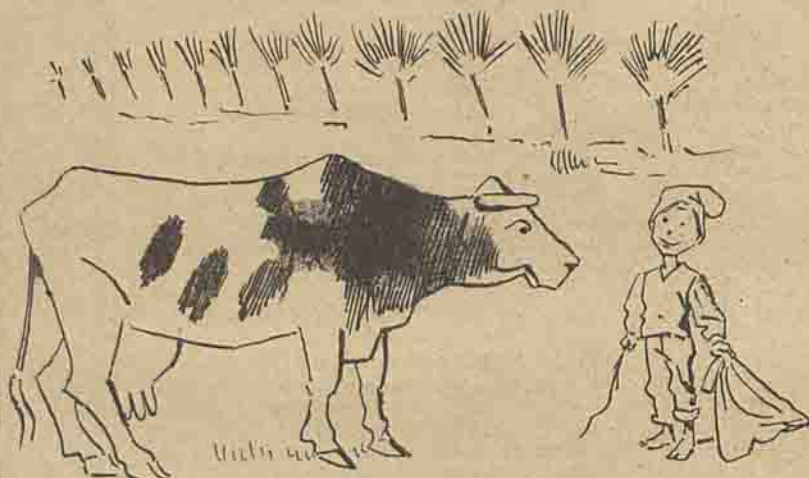


10 — *Bandeira* — (musica do «Pão fresco»)

Ou bem que é violoncello
Ou bem que é uma trompa,
Se é trompa não é violoncello
Se é violoncello não é trompa.



101 — *Sistello* — O visconde de Sanches de Frias a vêr se descobre o caminho, por terra, para o Brazil.



18 — *Brandão* — «Muy sereno y confiado» ou a infancia de Guerrita.



51 — *Garcia* — (offerecido ao sr. ministro da fazenda)
A' espera d'um emprestimo...



132 — *Ribeiro Arthur* — Salto á vara larga.



73 — *Malhõa* — Garçtos no espêto.

29 — *Columbano* — O ultimo bolero.



COMEÇO DE INVERNO



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

- Entramos com a castanha. Vá lá castanhada boa.

No reino dos Algarves

O Antonio Maria, nas notas á penna e a lapis que hoje vem dar a publico, não tem a louca vaidade de pretender exceder, nem sequer egualar, a medonha avalanche de pormenores telegraphicos e epistolativos que tanto distinguiram, durante a viagem regia ao Algarve, os bem conhecidos collossos da informação occidental.

O Antonio Maria foi, viu e annotou, conforme ponde, *a la diable*, em caminho de ferro, em carriola de praça, a pé, a bordo de navios, entre todos os borborinhos da terra firme, sem temor do sol nem da poeira, entre todos os balanços do perfido Oceano, sem temor do enjôo, e só receando que certos *reporters* enjoados, em vez de confiarem ao mar as desditas de seus estomagos, não as depositassem em cima da sua humilde pessoa, ou do seu caderno de notas.

O Antonio Maria, de regresso á capital, podia, á semelhança dos finais d'acto de todas as revistas do anno, compôr quadros apotheticos sobre os apontamentos recolhidos, e mostrar assim como o Algarve se apresentou d'uma gentileza incomparavel para com os regios viajantes. Mas com isso não traziamos a publico uma novidade sequer, pois todos sabem já como Suas Magestades foram recebidos n'essa formosa e florescente provincia; e só nos valeria o impertinente apodo de cortezanismo, da parte d'algum d'esses medonhos jacobinos que entendem que os Reis, os nossos e os estrangeiros, onde quer que appareçam, só devem ser recebidos—á pedra!

Resolve, portanto, o Antonio Maria publicar as suas notas de viagem ao Algarve exactamente como as foi tomando, na desordem do á ultima hora, entre o desejo de comer uma fatia de carne assada e a necessidade de saltar para um comboyo,—na consciencia de que assim ellas darão ao publico uma ideia mais exacta do que foi essa semana de festas deslumbrantes, cuja lembrança difficilmente se apagará da memoria dos que a ellas assistiram.

Só resta ao Antonio Maria enviar áquelles que no Algarve gentilmente o receberam, o acolheram, o acompanharam, a expressão do seu vivo e profundissimo reconhecimento.

A VOLTA DO ALGARVE

EM

80 HORAS

POR

PHILEAS FIGO

A' ida.—Os grandes e pequenos collossos da informação.



Diversidade de chapéus.

O cornetim de Villa Nova da Baronia, accorda toda a gente com as suas variações sobre o hymno da carta. Mello Barreto toma nota.



Em Faro.—Cocheiros e chapéus altos.

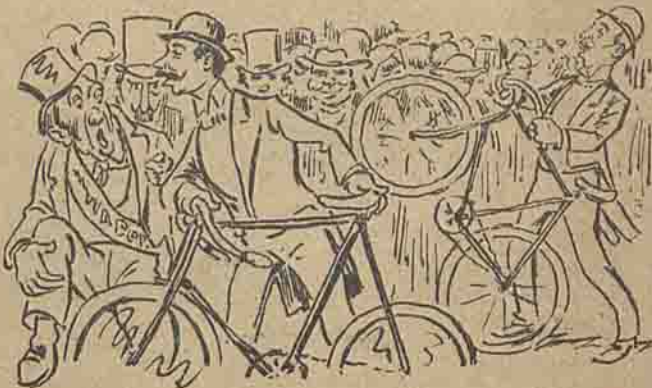


Um padre abraça a Vanguarda e diz ser esse o seu ideal!!!



Os mastros para os baldes de dia tinham ares de cabides. A' noite eram um deslumbramento.

Passam os Bramões com as bicycletas. As Novidades correm ao telegrapho mas já lá estava o Seculo.



Pergunto pelos celebres biocos de Faro. Um governador civil prohibiu-os por um edito estúpido.

Olhão.—Terra arabe de ruas estreitas nada propicia a correrias de lanceiros.
O nosso carro. Arde o casaco do Tavares...



Tavira.—Berço dos Parreiras. Linda terra com um rio ao meio. As senhoras de Tavira fazem grande toilette quando atravessam a ponte para irem á outra banda. Os povos de Tavira ficam convencidos que toda a regia comitiva é composta de velhos. Estão todos brancos... da poeira. O Mello Barreto apparece com um cestinho que nunca mais larga. Onde estarão os Bramões e mais as bicyletas. Um aperto de mão ao nosso amigo Eduardo Antunes e toca em marcha para

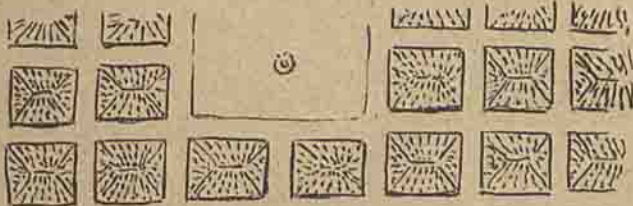
Villa Real.—Se em Tavira nos julgaram velhos, em Villa Real julgam-nos velhissimos. Encanecidos pelo pó da estrada. Surgem os Bramões e as respectivas bicyletas. Lindos olhos e illuminações. Falla-se muito hespanhol. O *Seculo* corre ao telegrapho mas já lá estava o *Diario de Noticias*. Claveric atira-se á *Zaire*.

Os navios de guerra transformados em hospedarias de pernoitar.



Ha um viva á Carta, a gaz. Será piada? O municipio decorado com cordas. Estylo Manuelinho. A allocação da Camara mette muita pharmacia. Pela primeira vez se ouve fallar no Luiz Caetano Pereira. Será pharmaceutico o Luiz Caetano Pereira?

Aspecto de Villa Real á vol d'oiseau, segundo me disse um hespanhol de Ayamonte.



HESPANHA

Batemos á porta da *Zaire*, altas horas da noite mas estava tudo cheio. Voltamos desconsolados para terra e eis o nosso desembarque. Porque? Por causa do L. C. P.



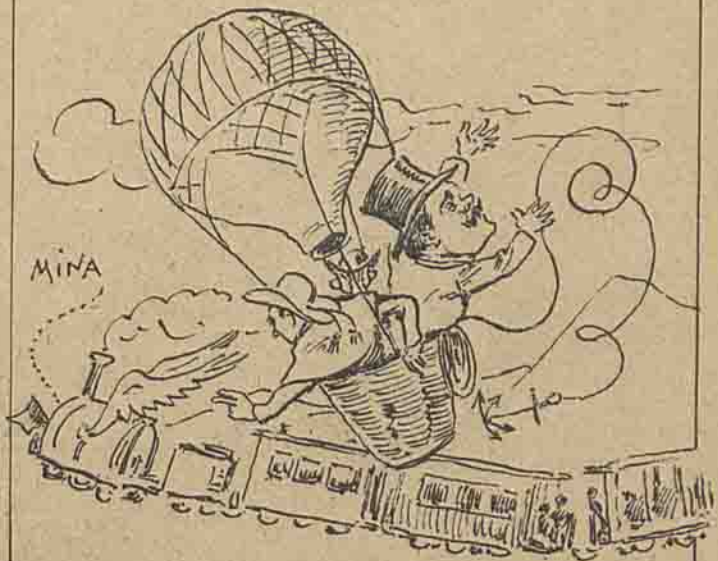
Começa a pesar sobre nós, a importancia de Luiz Caetano Pereira. Quem será Luiz Caetano Pereira? Querem vêr que foi elle quem conquistou o Algarve aos mouros?

Adormecemos Mas um pesadello nos desperta violentamente. Quem será o Luiz Caetano Pereira.

Será do Algarve ou da Beira
O Luiz Caetano Pereira?
Será d'aqui ou d'Albufeira
O Luiz Caetano Pereira.
A bordo da *Zaire*
Ou do seu Beirão na esteira.
Elle hade ser sempre
O Luiz Caetano Pereira.

Mas que grande pepineira
Ninguem saber d'onde é
O Luiz Caetano Pereira

Pomarão —O comboyo real tem ázas e o governador civil e o bispo concordam que o unico meio d'acompanhar os regios viajantes é em balão.



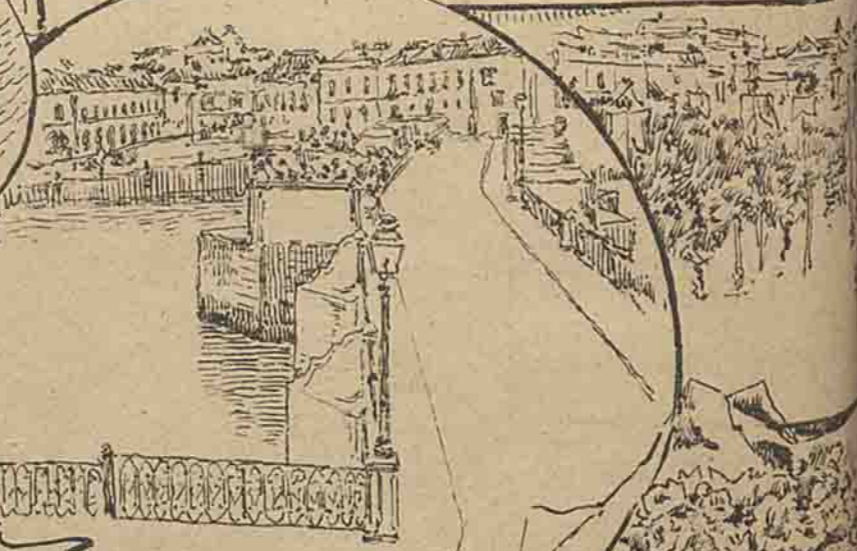
Encalhou a *Zaire*. Porque? Por causa do L. C. P.

FARO



A SE DE FARO

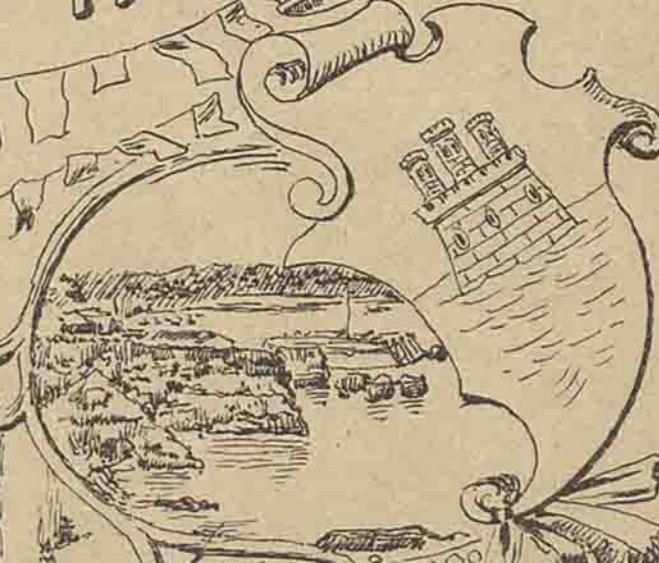
TAVIRA



Gustavo Bozdallo f.m.h.

Algarve

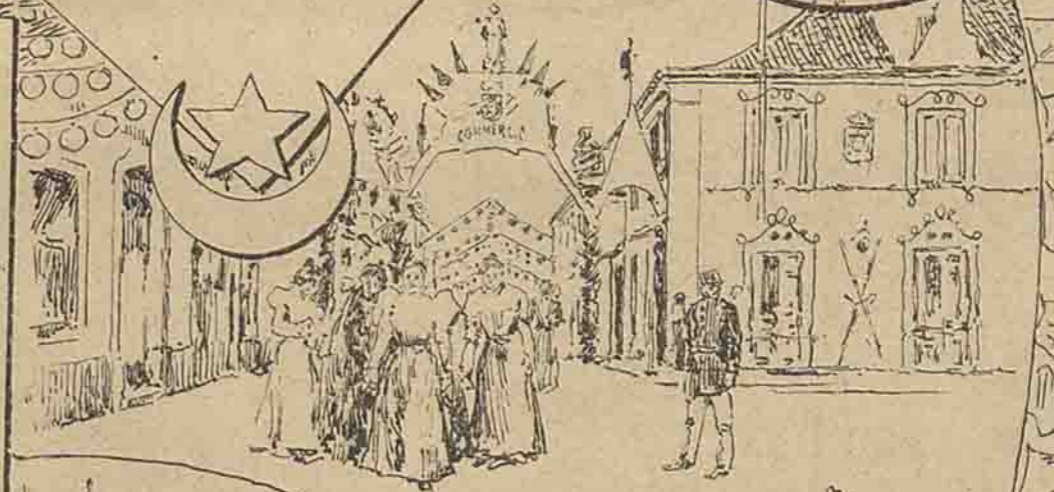
LAGOS



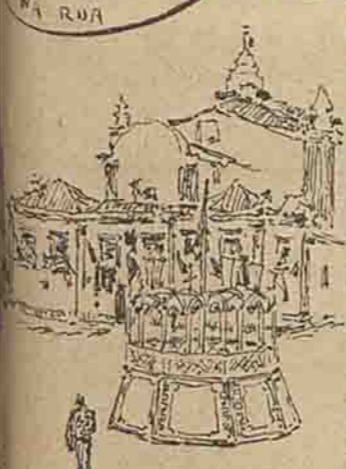
SILVES



PORTIMAO



OLHÃO



VILLA REAL DE S. ANTONIO



AGUIQUE



O capitão Dias e varios inoprensas ficam em Poma-
rão. Não podendo ir á Mina, resolvem ir á serra e fa-
zem cruces na bocca. Lorjô escreve um volume para o



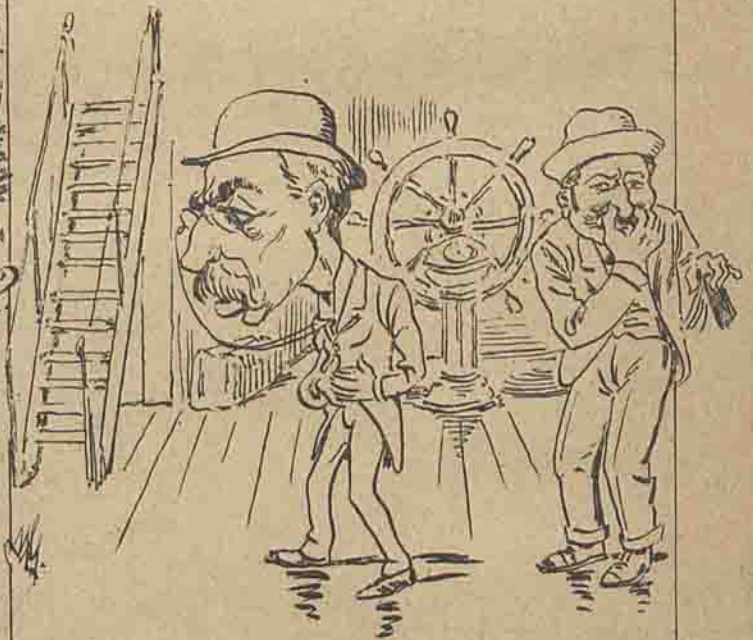
Correio da Manhã. A bordo da Zaire descaçam duas
bicyclétas sem Bramões e a charanga toca o *chulapon*,
dos Quadros Dissolventes, a fazer-nos saudades de D.
Amélia (theatro). Faz um calor de rachar e em Poma-
rão os homens andam cobertos de pelles.



Voltamos a Villa Real onde finalmente conseguimos
pernoitar na Zaire. A noite é escura e chuvosa. Va-
rios collossos de informação accomodam-se e preparam-
se para enjoar. O Clevo e a Imprensa.
Duas almas que se comprehendem.



O *Seculo*, que tem o ventre solto, perde o seu volu-
me d'apoutamentos. Aonde? O Parreira é que sabe.
Bramões dormem, mas as bicyclétas velam e enferru-
jam-se.



Portimão.—Uma certa originalidade nos balões. To-
dos de papel de seda. Illuminações para de dia. Bra-
mões percorrem a villa. Imprensas chegam n'uma car-
rinha, cheios de fome e de notas. Correm todos ao te-
legrapho. Parreira faz prodigios. Bramão faz sonetos.
Arnaldo faz photographias. Clavieie faz perguntas.
O *Seculo* chegadiinho faz, faz...

No Hotel Sansão restauram-se forças... Pedem-se
Dalilas... em altos gritos.



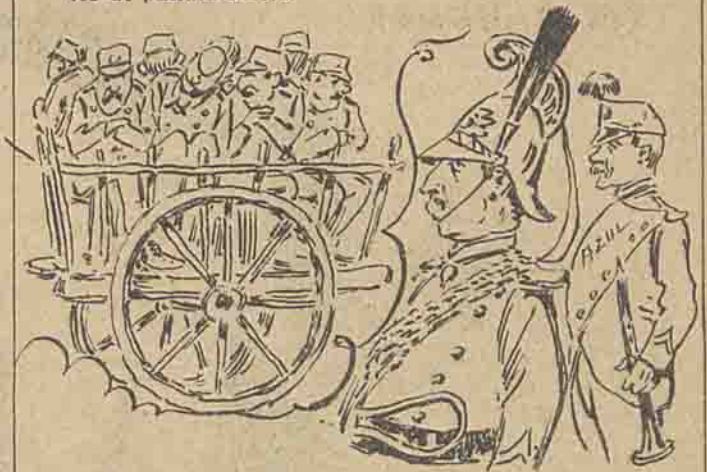
Monchique.—Terra d'Agua que offerece almoço. Os serranos não querem crer que seja a Rainha assim vestida de rapaz e descobrem-se de esguelha.



Subo a serra a pé e chego lá acima e em lugar de ver a vista (toda a costa do Algarve, dizem) o que eu vejo, é uma besta. Isto é, duas bestas, uma levando a outra.



O coice do cavallo montado pelo Lino é que castiga este Xinosfates de Monchique, que diz n'uma carta: «mandi vir 50 duzias de figuetes de estalo de tres respostas» e limpa a «quartola» com «Amua Fatalina». Que bruto!



Silves.—A carrinha dos policcias. Muito serviço e pouco alimento. Pão com azeitonas e vá que estão com sorte... Estes é que passam as passas do Algarve. Bombeios esplendorosos e variadissimos fardamentos de philarmonicos.

Ha aqui umas Aguas que tambem dão de comer a quem tem fome. «*Pero cobran!*» como dizia o hespanhol de Ayamonte.

No telegrapho onde já extenuados o *Noticias* e o *Seculo* dão as ultimas, um raio de luz apparece, Um convite do conde da terra para um jantar de garfo.

O *Noticias* sacode a poeira e agradece em nome dos collegas. Preparam-se as dentuças e acabam-se os telegraphas, á pressa, agradecendo a amabilidade dos donos da casa. Mas depois, onde é que está o jantar? Qual jantar nem qual diabo! Ha migalhas de pão, caroços de azeitonas, nodos de café e cinza de charutos caros...

D'esta vez a *Vanguarda* não aceitou... Pudéra!



Chegada a Lisboa. Agua se Deus a dava!...
O rei traz uma indigestão de allocações.
A rainha traz um quadro de cortiça.
A comitiva traz massadas e figos.
O Mello Barreto traz o eterno cestinho de Tavira, cheio de Novidades.

O Arnaldo traz 4:500 instantaneos.
O *Seculo* traz uma constipação.
O *Noticias* traz os pés molhados.
O Parreira traz um sorriso algarvio.
O Lorjô traz saudades.
O Gaspar traz fome...

O Claverie traz respostas.
Eu... trago um cajado.
E os Bramões... trazem as bicyeletas.

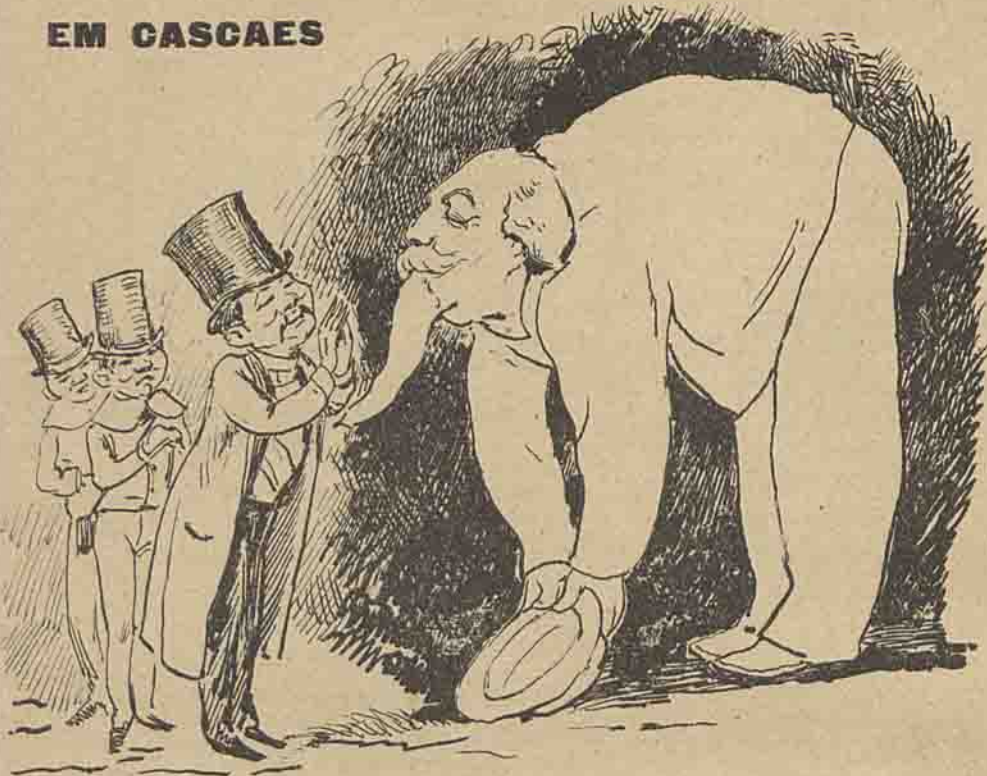
«Lisboa cidade de marmore e de granito!»
Toca-se mais uma vez o hymno e vae cada um para suas casas.
Tudo como d'antes...

PHILEAS FIGO.

CHULALONGKORN

EM CASCAES

Notas siamezas



—Que grande surpresa! O meu veneravel elephan-
te em Cascaes!!!



—Hotel para pernoitar com
cama de ferro á ingleza.
Simples porem rélles. Ca-
bidella (piada ao meu in-
vejado poder executivo) e
depois, fáva, expressão dos
sentimentos portuguezes.

Velhas escamadas pela
desfaçatez das minhas
4:000 . . não digo, porque
as senhoras de cá, coram.

Gostei muito do meu ri-
co elephante em fogo de
vista a atirar bombas pela
tromba e foguetes pelo ra-
bo. Com movimentos assaz
expressivos. Comprazi-me
em esperar comboyos e de-
lirei com o descarrilamento.

—Pois, sim, senhor, afinal
estão civilisaditos.



—Que decepção! Afinal sabe-me tambem o presi-
dente da camara! Muito branco e colossal . .



LISBOA
4 de Novembro de
1897

O TEMPO



Zê Dias Jeremias... mias... miss... mias...
A' espera do carapau... pau... pau... pau...

Meus senhores, atenção!

Acompanhando o movimento progressivo da imprensa portugueza, que n'estes ultimos tempos tem obedecido a um verdadeiro impulso d'Hercules no que respeita ao serviço da boa informação, o *Antonio Maria* procura, quanto em suas forças cabe, e quanto em seu formato caber possa, proporcionar aos seus leitores, que é como quem diz aos seus freguezes, regalias não eguaes, por certo, mas aproximadas áquellas que os famosos colossos da informação fornecem n'este momento ao illustrado publico.

A partir do presente numero, os nossos assignantes poderão vêr com regosijo que o *Antonio Maria* não se poupa a esforços, nem a sacrificios, nem a empates de capital, para bem fazer jus á sympathia das pessoas que, em Portugal, sabem ler... entre as linhas. Assim, um dos principaes melhoramentos que desde hoje poderemos assignalar está no numero de paginas com que o nosso jornal se apresenta: o *Antonio Maria* passa a contar 12 paginas, incluindo as 4 paginas da capa, com que até agora, não haviamos contado — por um imperdoavel descuido. E'-nos grato que, no momento em que alguns dos nossos mais estimados collegas, obrigados pela crise dos annuncios, teem de diminuir o numero das suas paginas, nós possamos corresponder ao favor do publico que nos consóme, augmentando o numero das nossas.

Tambem já hoje é possível registrar uma importante melhoria no nosso serviço especial de alta *reportage*, para o qual adquirimos elementos de preciosa valia, graças ainda á deliberação que tomámos de não olhar a despezas. Com dinheiro tudo se consegue, e é bem verdade! Em cada um dos diversos Ministerios o *Antonio Maria* terá, d'or'avante (Canecenses!) um informador addido ao proprio gabinete do Ministro, com serviço permanente de telephone, correio a cavallo, e bidedet. Assim nos será facil dar, em primeira mão, e com grande pirraça para o *Diario do Governo*, as melhores noticias officiaes, muitas das quaes, queremos crer, virão parar ás nossas officinas typographicas tal qual como sairem do proprio punho dos Ministros.

Para o serviço exclusivo das Arcadas, para aquillo a que uns chamam Informações Politicas, a que outros chamam Casos do Dia e a que um poeta da Junta de Credito Publico chamou, em tempos, Sons que passam, o *Antonio Maria* firmou contracto com um reporter inglez de nomeada, antigo collaborador do *Times*, e a quem garante o melhor de 1:000 libras por mez, em oiro, e uma sobrecasaca nova por semana, das compridas. O titulo d'esta nova secção, posto a concurso e a premio, foi encontrado, com bastante precisão, pelo nosso illustre confrade Mendonça e Costa. Esse titulo é este: *Arcades ambo*...

Outra novidade, palpitante, das quentes e boas, será o nosso Folhetim. Romances inteiramente inéditos, expressamente imaginados para o nosso jornal por alguns dos auctores mais populares de Portugal e do Extranjeiro, successivamente virão a lume nas columnas do *Antonio Maria*. O primeiro a publicar é d'um raro valor litterario, cheio de vivas peripecias e empolgantes episodios, escriptos n'uma linguagem correntia mas ao mesmo tempo muito castigada... no rabo, e toda em orthographia sónica, como se usa no Porto. Esse grande

romance, original d'um auctor cuja assignatura... reconhecida, é garantia bastante do valor da obra, intitula-se:

A Madama sem incommodo

e é d'um interesse permanente, do primeiro ao ultimo capitulo.

Mas temos mais, e melhor.

A «elvinite» aguda do sr. Cunha

Pedimos licença ao *Jornal de Noticias*, do Porto, para transcrever, avivando-o com algumas vinhetas, o interessante caso contado pelo seu correspondente de Lisboa:

«Conta-se até que, tendo entrado ha dias, no seu gabinete (de ministro das obras publicas), para tractar de assumpto vinicola, um hespanhol que falla um portuguez hespanholado, se deu uma scena deveras curiosa.

O vinicultor hespanhol, homem sobrio de palavras, e que sem rodeios aborda immediatamente as questões, dirigiu-se assim ao sr. Cunha:

—Sr. ministro El vino...



O sr. Cunha levanta-se irado, bate um murro em cima da meza e berra como doido:

—Ainda não! Ainda não! E nunca! Nunca!

O hespanho! ficou assombrado no primeiro momento, mas insistiu em querer apresentar o projecto que levava, e voltou á carga:



—Pero sr. ministro, el vino...

O sr. Cunha esquece-se então da gravidade que lhe compete, levanta-se tremulo, avança para o hespanhol, e com a cara quasi ao pé do boquiaberto pretendente, grita-lhe, n'um desespero em extremo comico:

—Sr. ministro Cunha! Sr. ministro Cunha! Não é sr. ministro Elvino! E! Cunha, Cunha, Cunha!



O hespanhol, sem nada perceber, voltou mais uma vez!

—Si, si, sr. ministro Cunha! Pero el vino . . .

O sr. Cunha, a suar já por todos os póros apoplético, com o continuo, que accudira á berraria, a puxar-lhe pelas abas da sobrecasaca!

—Pero Elvino . . . Pero Elvino . . . no me habla usted de Elvino!



—Pero de que hablar?—interrompe o hespanhol. Si fué usted que me habló . . . El vino entraria sin . . .

—Não entra! Não entra! Aqui não hade ser elle quem se sente, enquanto eu tiver um bocadinho de influencia . . . E não me fale mais d'esse homem!

Cae então o hespanhol das nuvens.

—Hombre?! Que hombre! El vino español . . .

Foi só com o hespanhol adeante que o sr. Cunha percebeu que não se tratava do director geral da agricultura, mas de *el vino español*! E desfazendo se em desculpas, e explicando o *qui pro quo*, que lhe fez perder pelo menos um dia de vida, pediu mil perdões ao vinicultor, e pegando com as suas nas mãos do hespanhol, que não percebeu patavina de toda a scena, poz toda a supplica e meiguice na voz e pediu-lhe:



—Meu amigo, quando falar commigo, faça me um favor, ponha o vinho em portuguez, e diga sempre «o vinho». Não me fale d'elle na sua lingua, porque, por mais fraco que seja, o vinho hespanhol sobe-me logo á cabeça, e quasi que me endoidece. Diga sempre: «O vinho! O vinho!»

Aqui tem a situação comica em que está o sr. Cunha, desde abril, e por culpa do sr. José Luciano.

E como esta muitas outras scenas se conhecem. Mas irão pouco a pouco. Em prestações que é para ser mais suave . . .

TRINDADE



A voz da razão:— Ora o sr. Posser em lugar d'andar durante 4 actos a arrepelar-se todo, a esbugalhar os olhos, e ter gestos commedidamente desesperados, porque não fez uma coisa? Porque não mandou lá da India, dinheiro á familia? E' verdade que pelas mallinhas que o sr. trouxe d'uma tão longa viagem se vê que o cavalheiro é tão forreta como honrado. O casaco de pelles que fez o espanto da sua mãe foi presente do seu amigo conde? O sr. devia saber que se não vive de cantigas, e que o seu pae alem de coxo, era tolo, a mãe ignorante, a mana Gigi invejosa, o cunhado mau, e a mana Almá bonita.

Ora, sabendo o sr. que estava cá tudo sem vintem, que a sua mana solteira era nova e bonita e o filho do conselheiro bonito e rico, devia ter previsto a catastrophe.

Mas se o sr. a tivesse previsto como diabo se arranjaria o Sudermann para fazer aquelle drama terrivel? e dissertar sobre a ideia que cada um faz d'esta coisa chamada Honra? A nós parece-nos que a Honra alem de ser uma excellente peça é como o caldo de gallinha, nunca fez mal a ninguem.

DESORIENTAÇÃO GERAL



Domina esta confusão enorme uma figura estrombolica, mettida á Cunha, com os pés (patas) pelas mãos (patas) e caminha pesadamente por uma fragil ponte de um prego e um cão.

A Verdade o que diz é que não só de pão se precisa, tambem ha falta de chá...
—Mas se todos quantos precisam, desatassem agora a tomar-o, não chegava... nem a China toda...

O ANTONIO MARIA

THEATROS

D. MARIA II

Reprise dos «MEDICOS»



Dizendo que representa o grande Taborda... temos dito tudo!

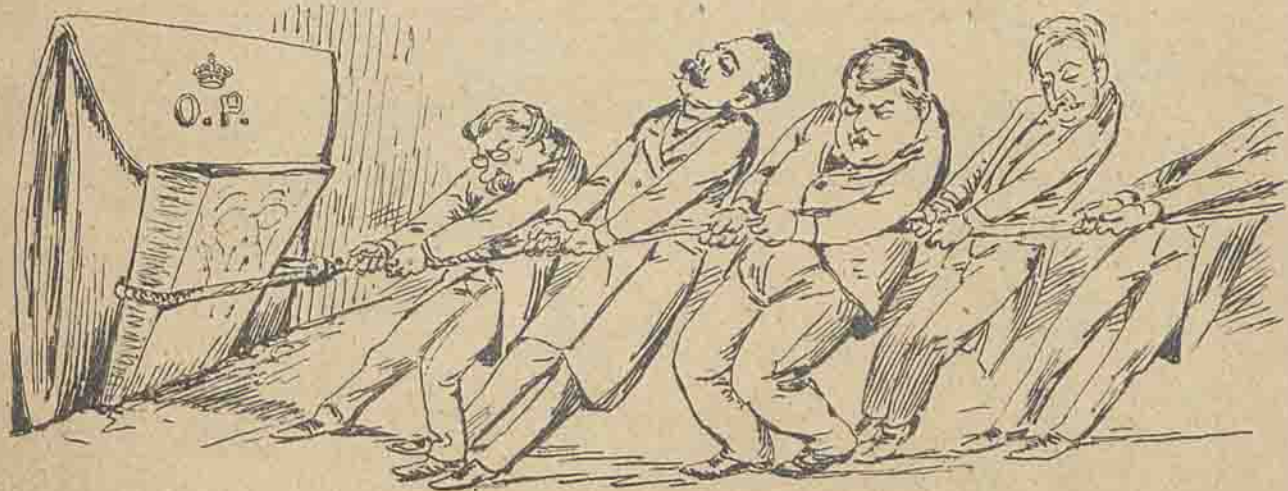
Rua dos Condes



Espirituoso o Schwalbach, elegante a Cinira, hilariante o duetto dos kikeros e engraçada a parodia ao Lamas.

A «CRISE»

(Sugestão da bem conhecida historia do gallego e do frade de pedra)



— Hade sahir... hade sahir... hade sahir...



— Hade sahir... Pucha
minha gente.

— Lá vou eu... Mãos-e
cuspo e... vamos a vêr.



RAPHAEL BORDALU PINHEIRO.

— Hade sahir... Sahiu... mas não o Cunha que está encravado.

O ANTONIO MARIA

EURICO JOSÉ DA CUNHA
POR
HERCULANO JOSÉ DA COSTA

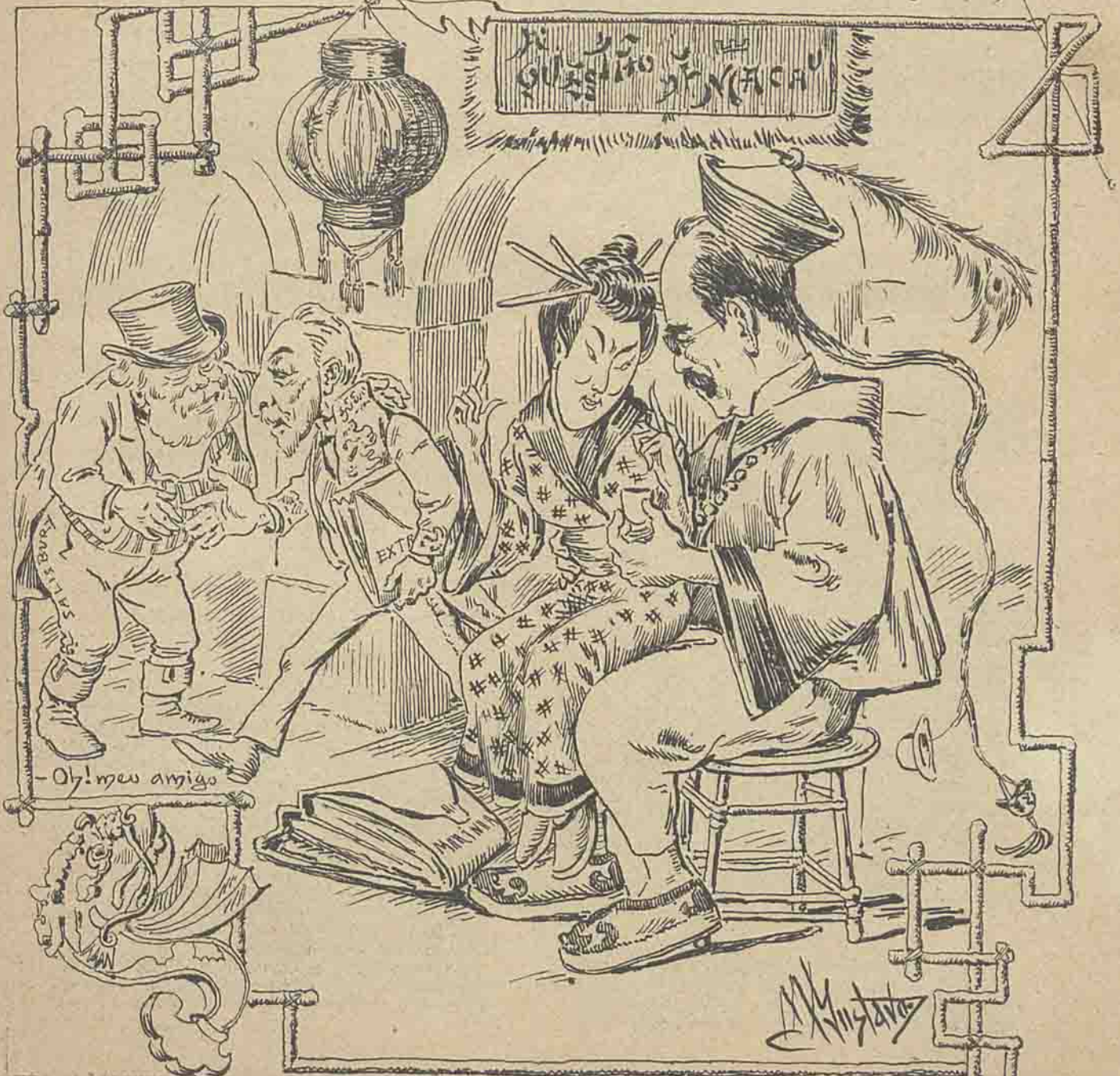


— Sabes tu, Hermengarda, o que é viver doze annos amarrado ao proprio cadaver ?
— Ora, adeus, amigo, se calhar, ainda vaes p'ro Brazil, com elle.



A RECOMPOSIÇÃO

(Entra um para a Marinha: — um remendo; passa outro para os Estrangeiros: — uma passagem)



Nem o remendo na Marinha nem a passagem dos Estrangeiros salvou a situação, porque a Fazenda está a estarrapar-se. Que o diga o sr. Burnay!
 Com o decreto do sr. Barros Gomes para os Estrangeiros foi assignado outro considerando de grande gala o dia 11 de janeiro. Está certo.

O Antonio Maria abre hoje os braços para n'elles receber, cordealmente, um recém chegado a este campo da Troça, que, por trazer lume no olho, bem merece, da nossa parte, acolhimento affavel. Bom é, para os alegres rapazes como este Cid imberbe, que a Terra da Arte a que pretendem aproar o barco não lhes seja inteiramente inhospita ou hostile. . . Nós somos dos que, sempre bem dispostos para todos os que chegam de novo, em vez de duas pedras na mão, para elles temos sempre, e de bom grado, o coração nas mãos.

Este amigo, que não se chega a boa arvore, chegando se para nós, mas a quem boa sombra já cobre, está disposto a cooperar, quanto em suas forças caiba, na nossa obra de riso e de galhofa.

Bem vindo seja, por isso!



LICÇÕES D'HISTORIA

VASCO DA GAMA

Sabe todo o mundo por uma chronica inedita, que Vasco da Gama frequentava em pequeno a casa do velho Silva Pereira — n'aquelle tempo ainda não era muito velho — que era actor da companhia do Gil Vicente que andava em *tournee* pelos paços.



O actor enthusiaslava a creança contando-lhe coisas que lhe tinham succedido na antiguidade, as grandiosas descobertas do seu tempo já esquecidas e o recente caso, de que fallavam os jornaes, do Christovam

Colombo ter sido mandado para a America por ter partido um ovo cosido n'um jantar de gala. Estas palestras infuirm no animo do joven Vasco, a quem vamos encontrar posteriormente cursando com applicação a aula de navegação da universidade do Conde Barão.

Concluido o curso, concorreu ao logar de commissario regio do futuro imperio das Indias e foi preferido por ter sido o ultimo classificado.

Coisas d'outr'ora, percebem vocês!

O governo depois de muitas hesitações resolveu mandar uma expedição á India e encarregou de traçar o itinerario um sabio geographo, celebre por ter sido maçado por varios ratões — feiticeiros com certeza — que queriam dar a volta do mundo a pé, coisa dos diabos n'aquelle tempo.

Por uma tarde de julho de 1897 — tarde de sol e moscas — largaram das boias as tres naus S. Gabriel, S. Rafael e S. Miguel e um pequeno batel construido no Ginjal por conta de D. Manuel.

A cidade correu a Belem para os vér partir e dos castellos da Junqueira tambem adheriram ao movimento muitas gentis e pallidas donzellas, fidalgos e trovadores.



Não intentamos aqui descrever o conhecido espectáculo d'uma partida de navios ao som do hymno, gritos de mulheres, estalar de foguetes e correrias de rapario.

Apenas houve de notavel n'essa tarde a prisão d'um velhote bem posto, d'aspecto venerando, por se intrometter no serviço da policia.

Passados mezes, quando já ninguém fallava do Vasco da Gama nem da sua gente, recebeu-se em Lisboa o seguinte telegramma:

«Cabo das Tormentas, a bordo da S. Gabriel. Tripulação e passageiros da esquadra bons e abraçam familias. Camões qu'está cá fiscalizando a construção do Adamastor veiu a bordo nadando com os Luziadas n'uma mão, estabelecendo *record*. Na soirée que demos recitou um monologo «Episodio do Adamastor» qu'elle vae offerecer ao Principe Real.»

Continuaram depois os portuguezes navegando para o oriente a fim de descobrir a India e visitar o rei Calceut, fim principal da viagem, porque ir á India e não vér o Samorim (sr. Amorim) era então, como já está averiguado, peor do que ir a Roma e não vér o Papa. Chegaram lá em maio — mez em que se tosquam as ovelhas e se attestam os vinhos.

Quando se soube em Lisboa do occorrido houve delirio: luminarias nos edificios publicos, philarmônicas percorrendo as ruas e estudantes aos vivas — o costume.

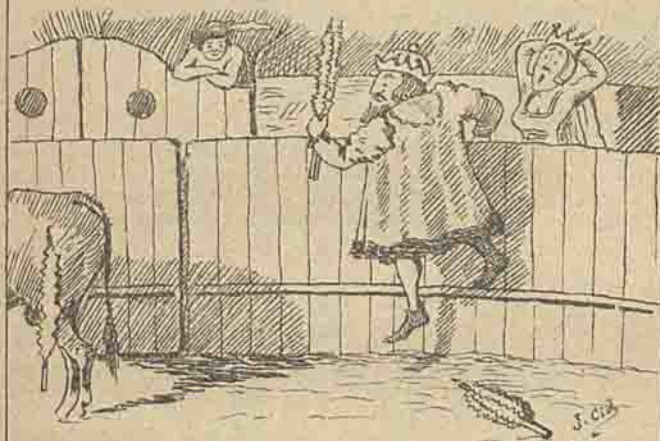
Appareceram logo, nomeadas não se sabe por quem, comissões de festejos, jury para um quadro historico, convites para congressos...

Tambem appareceu um grupo d'idiotas a propor que se puzesse a concurso um drama historico, mas el-rei mandou cortar as cabeças a todos no caes da Ribeira, facto conhecido na historia pela *matança dos christãos novos*.

O clou dos festejos foi a deslumbrante corrida á antiga portugueza, realisada no Campo de Sant'Anna e em que houve um gracioso intervallo pela troupe do Magriço com os seus onza companheiros.

Tarde d'entusiasmo. Varios amadores saltaram á praça com a auctorisação real e até el-rei, grande aficionado, esteve quasi a ir para a gaiola espetar o seu par de ferros no que foi impedido pela Rainha como se lê n'um numero dos Luziadas:

«Quizera o rei sublime ser o primeiro
Mas não lhe soffre a Regia magestade.»



Quando o grande descobridor chegou a Lisboa houve novas festas, mas elle pouco se demorou por cá, descontente por um jornal da opposição ter mettido a ridiculo as duas latas de canella, os buzios e os papagaios que elle trouxera ao rei. Retirou para Cochim onde morreu de desgosto segundo uns, e d'uma indigestão de mexilhões apanhada na Feira franca do Valle Pereiro segundo outros chronistas.

Repouse em paz... até ao centenario!



O HEROE DE CHAIMITE

Affirmam varias gazetas que se vão publicar documentos e até photographias — não sabemos se animadas—que hão de acabar com a leada de Chaimite.



No dia da noticia

- 1.º patriota.—Que valentia! Que heroismo!
2.º patriota.—Que rasgo d'audacia! Só com 40 soldados!
1.º patriota.—Ah! que sinto orgulho em ser portuguez!
2.º patriota.—Deve dar-se lhe já um posto d'accessão!
1.º patriota.—E uma pensão! ..
2.º patriota.—E levantar se-lhe uma estatua.
Os dois.—(Abraçando-se com lagrimas nos olhos)—Viva o grande heroe! Viva o Mousinho d'Albuquerque!



D'ahi a mezes

- 1.º patriota.—Então a historia do Chaimite?... (tos-sindo) Hum... hum...
2.º patriota.—Ora! Os pretos estavam cansados; o Gungunhana estava até morto por que o agarrassem.
1.º patriota.—Sorte! Uma questão de sorte!
2.º patriota.—Qualquer de nós...
1.º patriota.—Stá claro... Sorte, meu amigo, sorte.
2.º patriota.—E aquillo agora é que é maninha; posto d'accessão, pensão, ordenadões...
1.º patriota.—Nasceu n'um folle...
Os dois.—(Suspirando) Um felizardé!!



Hoje

- 1.º patriota.—A coisa não foi tal como se contou! Tudo uma lenda!
2.º patriota.—Bem me qu'ria a mim parecer!
1.º patriota.—Elle não prendeu tal o Gungunhana; foi o Gungunhana que o prendeu a elle!
2.º patriota.—Agora, agora! Isso é que me parece direito...
1.º patriota.—No caminho é que encontrei os soldados que o livraram e vae então com as costas quentes, mudou as guardas á f Chadura...
2.º patriota.—E fugiu que fôra elle que prendera o Gungunhana.
Os dois.—(Esfregando as mãos) Um gaj! ..



Moralidade

Quem quizer ser heroe deve começar por ser gajo. Porque se acaba por ser gajo quando se começa por ser heroe.

OS FILHOS OS PASSOS

Não se recomendando os membros do governo pelos seus meritos pessoais e antes pelo contrario, trataram de se dizer filhos dos Passos e d'ir buscar o livro das actas do marquez de Sá, para que os acci-tasse.



Mas *cherchez le naturel* . dentro em pouco o livro das actas estava n'este lindo estado :

Uns tiraram-lhe umas folhas, não sabemos para que, outros tiraram-lhe outras, sabemos perfeitamente para que, acabando por ficar só a lombada de que o sr. José Luciano fez gotteira para pingar sobre o paiz.

Como filhos dos Passos, teem tido estes passos... d'andadura :



*Passos lateraes

— Nós veremos... tudo o que se puder fazer..



Passinhos miudos:

Supprime-se um ajudante de ajudante... quatro vintens.



Passo grave:

—Vae?... Não vae? .. E o lombo?..



Passos em frente:

—Arre! Já p'rá cadeia!...

Passos á rectaguarda:

—Nós cedemos! Não se zanguem, nós cedemos!



Passos de dança:

—Um pé em Paris... outro em Berlim... juntam-se os dois em Londres e dobra-se o joelho direito.



E depois de tantos passos hão de acabar por ir em passo cadeneado... p'ra Palmella...

— Ah! que se eu tivesse o braço direito, bem sabia eu o que lhes fazia... filhos dos Passos.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Caldas da Rainha



Como a administração do hospital real das Caldas, como diria s. ex.ª, não tem José Dias, isto é, não tem tempo para cuidar de divertimentos que chamem banhistas àquella deliciosa estação thermal e os distraia, está resolvido que nas futuras epochas, cada familia concorra com o divertimento que tenha mais á mão (sem double sens).

Assim como o general Queiroz levou este anno a banda da Guarda Municipal, uma familia levará um theatro Guignol, outra uma corrida de burros em que tomará parte toda a companhia, etc., etc. As menos abastadas concorrerão com o jogo dos 4 cantinhos a sogra-cega e outros de pouco dispendio. Teremos assim um agradável pick-nick de divertimentos para que a administração do hospital concorrerá bizarramente com o terreno e a ventilação livre.

NAS PRAIAS



— Esta gente muito ordinaria... são pessoas muito finas



— Estas pessoas muito finas... são gente muito ordinaria.

COLYSEU DOS RECREIOS

Os cães cantores



— Invejavel empregação cá para a Fazenda para se entender com os outros...

O LYKEU EM SANTOS

Quando chove, é o que se vê!



Só tem um defeito — ensino errado.
Ensina os rapazes a nadar quando os deviam ensinar a armar á raposa.
O resto — uma delikia!...

O ANTONIO MARIA

THEATRO DA TRINDADE

A Bohemia



—Olaré, quem brinea, brinea...



ENTRE COLUMNAS... EM MADRID
 O grão .: Bernardi .:



— A sobrecasaca do Salmeron está-me folgadita. .
 — O barrete do Pi, não me entra na vasta cachimonia...
 Resolveu-se o grão .: a calçar as botas d'um sapateiro Simão... de Coimbra e botou-se ao caminho,
 a salvar a patria.
 E eil-o em Lisboa, vestido de Salvador... Marques...

Os Salvadores

De cada vez que acontece entre nós cair um governo ou constituir-se um partido, logo se entõa o côro sabido dos que affirmam não haver já homens capazes de tomar entre os dentes as redeas da publica governação entre aquelles que, n'estes ultimos vinte annos se teem succedido no poder ou se esforçam por chegar até lá. Afinal, as cousas são o que são, e o que a tal respeito se diz não é tanto assim. Nós ainda temos homens!

Ainda ha pouco, e quasi coincidindo as provas bem altivas que nos deram da sua intransigencia, da sua abnegação, do seu patriotismo, se ouviu o que nos disseram o Sr. Fuschini, o sr. Bernardino Machado, o sr. Gomes da Silva.

E, francamente, nós que nunca fomos dados a pieunhas pessoas e que sempre tivemos a grandeza d'alma bastante para confessar os meritos do nosso mais figadal inimigo, nós não podemos calar, nem conter os impetos de enthusiasmo que nos assaltaram quando ouvimos o que bem alto nos disseram esses tres homens, dois dos quaes já sobraçaram pastas, sobraçando o terceiro, ainda, a pasta da Fazenda municipal.

O sr. Fuschini está destinado, fatalmente, a ser o iniciador da grande obra de moralidade que ha a emprender na publica administração. E' o homem de pulso, senhor do seu nariz e com um escroto que obriga os sentimentos de energia que conveem a todo o estadista chamado para os grandes lances. E', o que vulgarmente se chama um homem de... pimentos! Quem, como elle, teria ahí a coragem de elevar as receitas do sello ao ponto a que elle as elevou augmentando, assim, d'un momento para outro, extraordinariamente as receitas do Thesouro, aos vintens e aos dez-réis, pela machiavellica idéa de applicar aos interesses do Estado aquelle sábio principio do economista Grandella, symbolisado no cortiço que um ename de abelhas a pouco e pouco enche de cera e mel... *Muitos poucos fazem muitos...* E, ao mesmo tempo que augmentava as receitas, coherentemente, diminuía as despesas, passando a fazer esta coisa que é, digam lá o que disserem, verdadeiro socialismo do Estado, e que nenhum outro ministro da Coroa se atrevera ainda a fazer, com o receio improprio de verdadeiros estadistas, de que lhe chamassem maluco: ter a pachorra de estar, em dias de assignatura régia, por horas esquecidas, no Terreiro do Paço, fardado, com a pasta de baixo do braço, á espera de um carro do Jacintho que fosse p'la Pampulha! So assim, afinal, por este systema valoroso de intransigencia cega e surda para com todos os ridiculos preconceitos e commentarios mesquinhos, é que um homem de governo pôde chegar a ser, no meio do descabro geral de uma nação á dependura, o iniciador da verdadeira, profunda e proficua reforma salvadora.

E o sr. Fuschini passará a ser, para a historia, e para todos os effeitos, o sr. Augusto Salvador Fuschini.

Mettida assim nos eixos a questão financeira, ao sr. Fuschini, que provavelmente se achará cansado ao cabo de tal tarefa, succederá o sr. Bernardino Machado, cujo programma propõe, no seu primeiro artigo, uma reforma das instituições até onde seja necessario á salvação nacional. Teremos, portanto, com a entrada d'este homem para os Conselhos da Corõa, o espectáculo unico, imprevisito, de um ministro monarchico que é chamado ao poder para dar á Corõa um conselho... de familia. E, como ainda hontem S. Ex.^a dizia, aos seus amigos do Gremio Lusitano, não ha possibilidade de fazer coisa que geito tenha dentro do actual regimen politico, o sr. Bernardino Machado proclamará a Republica entre dois sorrisos, com aquella serena simplicidade de palavra e de gestos que a *Vanguarda* já diz «encantadora».

E o sr. Machado passará a ser, para a historia, e para todos os effeitos, o sr. Bernardino Salvador Machado.

Proclamada a Republica, que é, como quem diz, ter a papinha feita, virá então o sr. Gomes da Silva, cujo nome anda já na bocca de todos os que, na sociedade portugueza, aguardam com anseio, como tambem dizia ante-hontem o illustre republicano n'aquelle mesmo Gremio, «quem a dirija com prudencia e com sciencia.»

Pois quem ha de ser senão elle?!

E assim chegados todos nós a esse periodo de relativo desafogo de que teem fallado, como de um ideal, todos os nossos ministros da Fazenda n'estes ultimos vinte annos, o sr. Gomes da Silva será então quem, com aquelle tino e justo conhecimento do valor das cifras de que tem prova na direcção geral das finanças municipaes, por sua vez virá manter no devido pé, em que já os houvesse collocado o sr. Fuschini, os grossos dinheiros do Estado; e quem, prudentemente de Moraes, saberá consolidar todos os elementos sobresaltados ainda do novo regimen. E o sr. Gomes da Silva, passará a ser, para a historia e para todos os effeitos, o sr. Gomes Salvador da Silva.



A julgar pela vera effigie do novo ministro da marinha, reproduzida pelos 57.000 jornaes illustrados de Lisboa, quem o não conheça continua a não poder cumprimentar ao certo S. Ex.^a quando o encontre na rua. Porque ha muitas pessoas que teem a boa educação de tirar sempre o chapéo a todos os ministros que passam. Para tirar essas pessoas de embarços, nós tambem quaremos dar o verdadeiro retrato de S. Ex.^a tal como o conhecemos, menino e moço... na ama. O *Seculo* deu o retrato de S. Ex.^a quando S. Ex.^a andava no Lyceu. Por isso nós fomos mais longe...



QUESTÃO LITTERARIA



Nunca Dois abandonados tiveram tanta gente a recolhê-los.

Por fim, lá foram parar ao Governo Civil...

Cruzes ou cunhos?

(Novo systema de resolver crises ministeriaes)

Estando o sr. José Luciano sentado ao borralho, veiu o diabo e tirou-lhe o Carvalho (Mathias).



Vendo-se o sr. José Luciano sem o Carvalho, substituiu-o logo pelo seu Barros Gomes, e pensou tambem logo em substituir o seu Barros Gomes, que estava de môlho na marinha.



Dois vultos lhe acendiram ao touthço : o do sr. Dias Costa, e o do sr. Eduardo Villaça.

E ficou perplexo entre os dois, tal qual a burra de Buridan entre o balde d'agua e os dois selamins de aveia.



Resolveu então mandar chamar os dois amigos Dias Costa e Villaça, que desde tenros annos são como Castor e Pollux.



Chamou-os, e fallou-lhes assim :

—Amigos e filhos dilectos, a ambos os dois (pala-vras textuaes) eu desejava dar a pasta da marinha, mas a pasta é uma, e vossês são dois!

VILLAÇA CASTOR (rapido)—E' para o Pollux!

COSTA POLLUX (idem)—E' para o Castor.

Assomou uma lagryma ao canto do ex.^{mo} olho de s. ex.^a, e deteve-os com um gesto, nas suas expansões!



Passado, porém, o momento de commoção, accrescentou :

—Não é de merecimentos que se trata, porque ambos os teem; nem de saber qual conhece mais os assumptos de marinha, porque a esse respeito estou deacancado : são ambos officiaes do exercito! O que me embaraça é unicamente decidir quem ha de ficar de fóra, e quem ha de entrar para dentro! (textuaes palavras.)

VILLAÇA CASTOR (n'um impulso)—Entra o Pollux!



COSTA POLLUX (em egual impulso)—Entra o Castor!



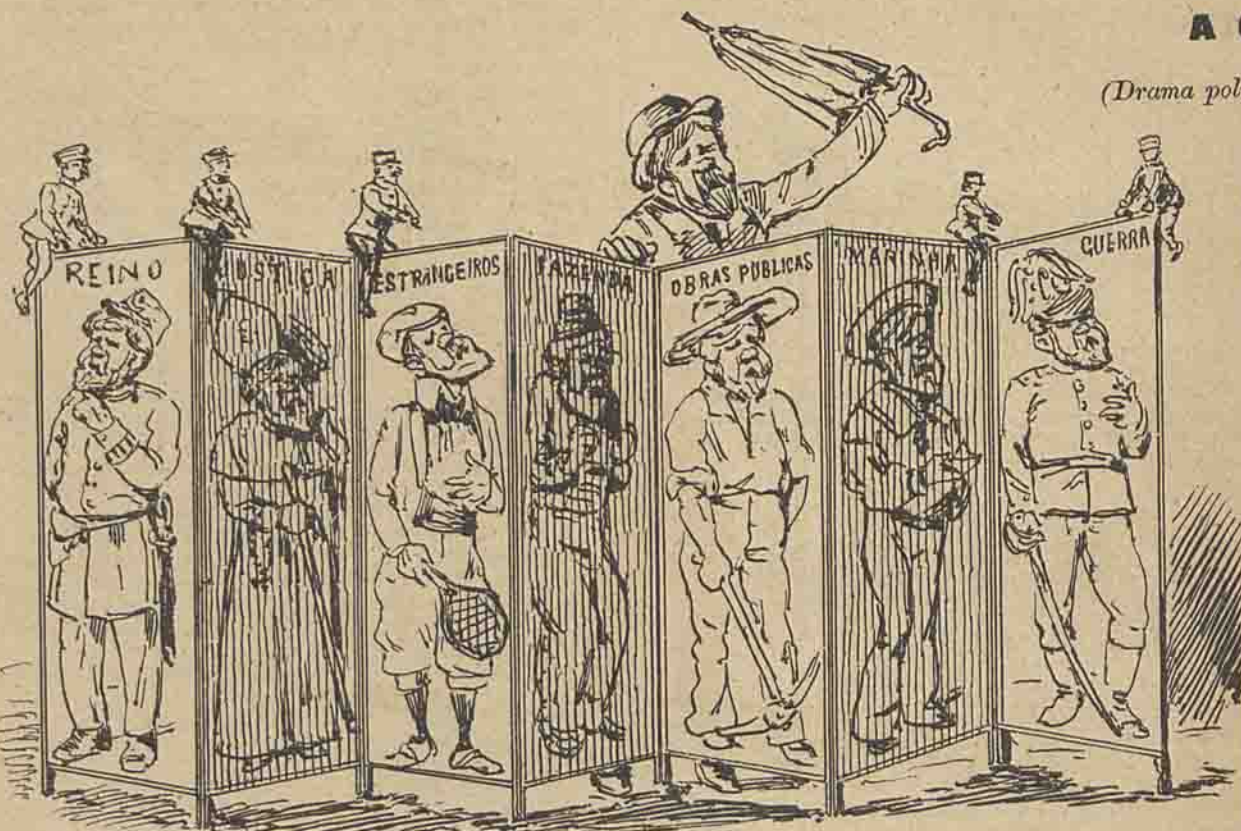
E agarraram-se ambos ao sr. José Luciano, Castor apontando para Pollux, Pollux apontando para Castor!



O MINISTERIO FUSCHINI & FUSCHINI

A CULPA VIGA A CULPA

(Drama politico em 7 actos em só quadro e... um biombo)



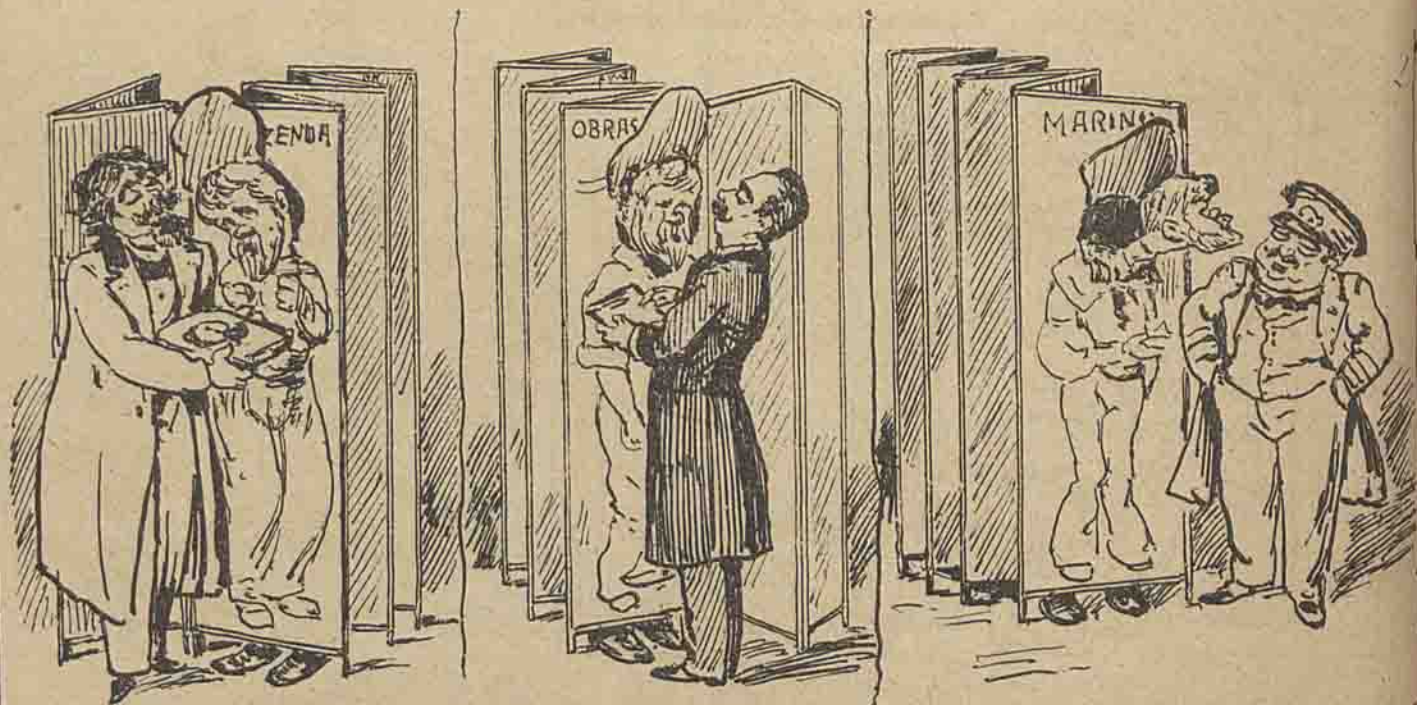
Declarou o sr. Fuschini que só tornaria a ser ministro... com mais 6 Fuschinis, o que quer dizer que nunca mais o será, por mais annos que viva; pois Deus hem sabe o que lhe custou a fazer um — sempre de nariz torcido! — quanto mais ainda ter de fazer seis em riba d'este!
 Mas, dado o caso que o Creador estivesse pelos ajustes de fazer mais seis entes, que não sahisses á sua imagem e semelhança, isto é, mais 6 Fuschinis, não desgostariamos de ver.

Elle era o reinado de Fuschini no reino... a realeza

Elle era o meritissimo e reverendissimo di o Fuschini na justiça e ecclesiasticos: — *Fiat justitia*! e *Ora pro nobis*!

Elle era o diplomatico di o Fuschini nos estrangeiros: — *Et alors Messieurs, de la prudence!*...

Conselho de ministros...



Elle era o oporario di o Fuschini nas obras publicas: — *Arreie o mestre!*

Elle era o neptunico di o Fuschini na marinha: — *Pra Cacilhas, larga o bote!*



Elle era o mavortico di o Fuschini na guerra: — *Ordinario, marche!*

E no fim... leva se á assignatura.

RAPHAEL BORGALLO PINHEIRO



Humedeceu se outra vez o ex.^{mo} olho de s. ex.^a, mas eis que de repente bate o sr. José Luciano na sua ex.^{ma} testa, e como Jupiter, que é, pare uma ideia. Radiante e alliviado, tira dez reis da algibeira e exclama:

—São estes dez reis que vão dizer qual dos dois entra! Tu, Castor, és cruces; tu, Pollux, és cunhos!

—Valha-te um cunho! murmurou o sr. Villaça, fitando o sr. Dias Costa.

—Que a cruz te proteja! balbuciou o sr. Dias Costa d'olhos fitos no sr. Villaça.



Então s. ex.^a atira ao ar os seus ex.^{mo} dez reis. Cae a moeda no chão. O olhar dos tres cae tambem sobre ella. Cunhos! Castor rejubila. Pollux entristece.



O sr. José Luciano contempla-os por um instante, dá um ex.^{mo} beijo em Pollux, e estende a ex.^{ma} mão a Castor.



Ha quem diga que fez batota! Não acreditamos, embora Pollux seja filho de Jupiter e Castor enteedo, segundo reza a mythologia.

D'esta fórma resolveu s. ex.^a a crise ministerial, por um systema que revelou mais uma vez o seu escrúpulo em escolher para as diferentes pastas quem mais a fundo conheça os assumptos que a ella se referem.

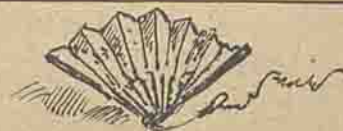
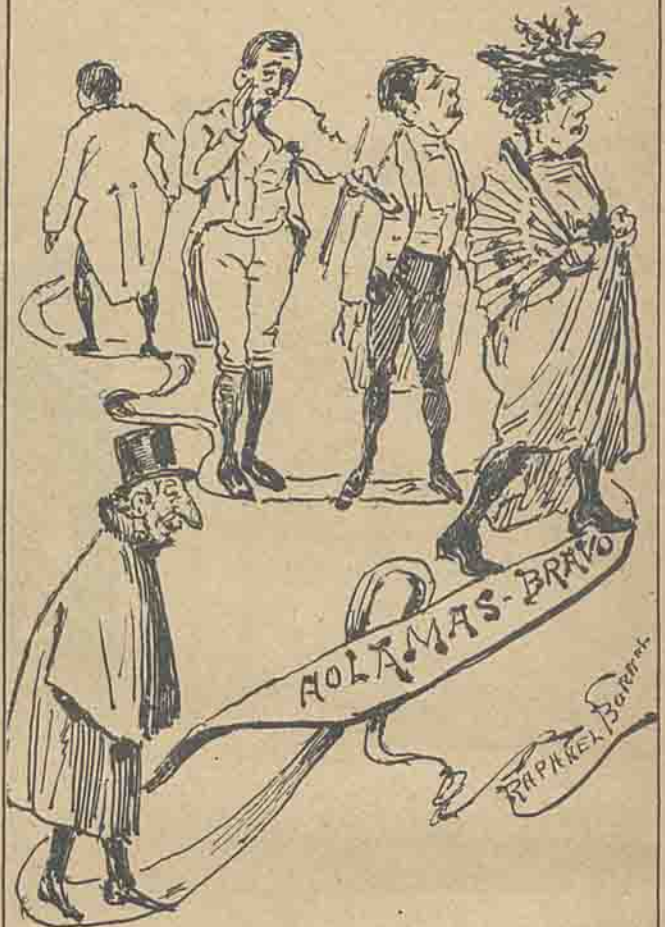


E assim o sr. Dias Costa, que tinha cunhos foi para ao pé dos Cunhas, e o sr. Villaça, que tinha cruces, ficou... a fazer cruces na bocca, apesar de ser mais antigo e n.º 1 para ministro.

MORALIDADE—Quando aspirares a ser ministro, livra-te do teu intimo amigo, se elle tiver igual aspiração!



COLYSEU DOS RECREIOS



Em um leque apresentado ao Presidente da Republica do Brazil por uma illustre dama — ao que referem jornaes — para n'elle escrever alguma coisa, havia já escripta, a proposito não sei de que, aquelle verso francez:

Les petits ruisseaux font les grandes rivières!

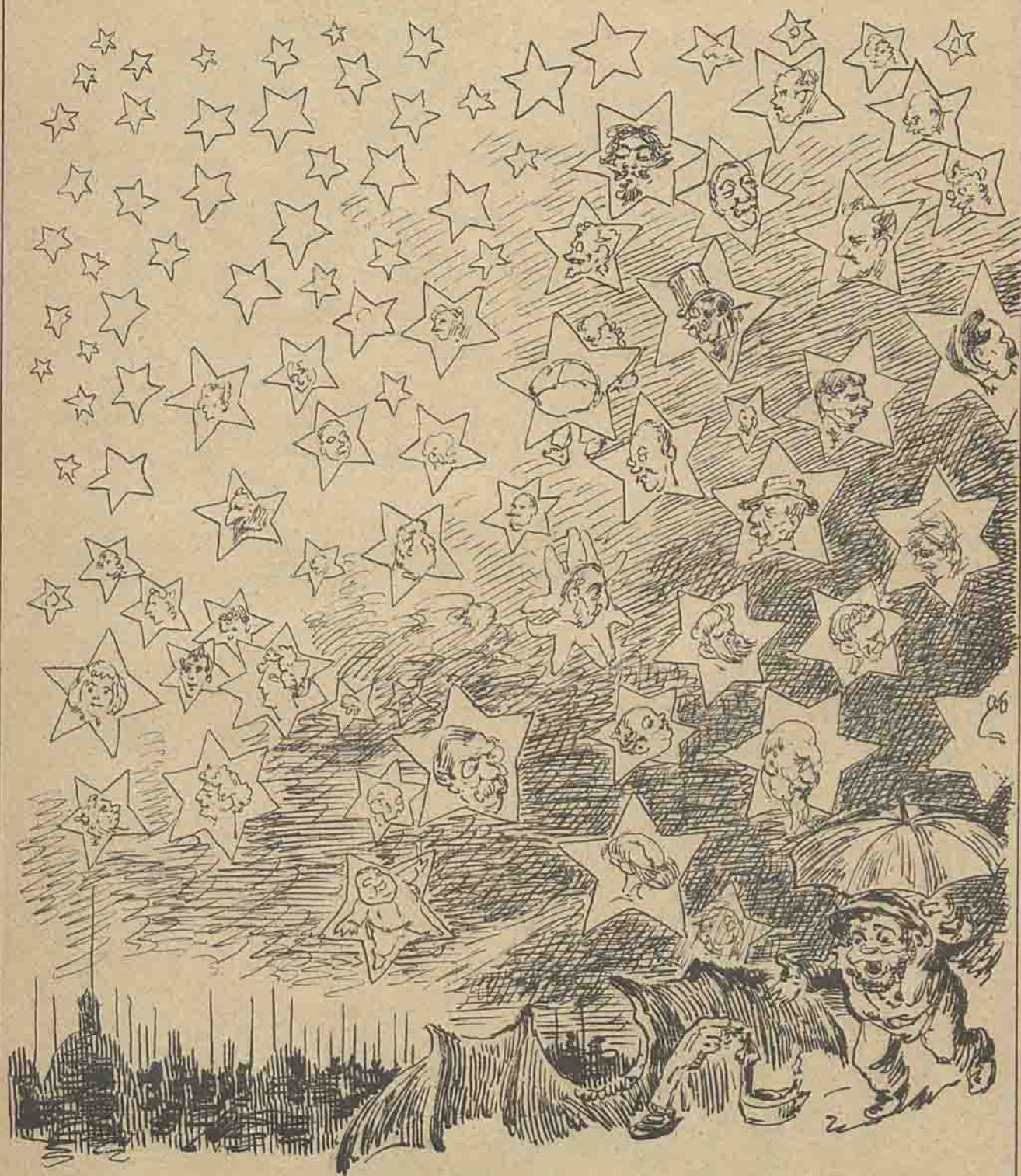
E S. Ex.^a, paraphraseando esse pensamento, escreven por baixo:



Dos pequenos canudos se forma este immenso canudo!

Era uma graciosa allusão ao actual estado de coisas no Brazil.

A CHUVA DE ESTRELLAS



Annunciou se uma chuva de estrelas no ceu. Nós temos cá uma permanente; mas para nos livrarmos d'ella, não basta um guarda chuva, são precisos tantos pára raios quantos os edificios sobre que podem cahir: ministerios, escolas, academias, etc.

SOBRE ALFINETES!

Equilibrios familiares



A grande maravilha! O mais extraordinario e assombroso trabalho da actualidade!
— Mas porque não o apresentou ainda no Colyseu o sr. Santos Junior?
— Porque, como todos o fazem, ninguem o admira!



IDA E VOLTA

(Papagaio)

(Papagaio)

— Papagaio real, quem passa ?
— E' o Burnay, que vae á caça !

— Para onde vaes, Maria ?
— Para a romaria !

— Papagaio real, quem passa ?
— E' o Burnay que vae ... a Terra !

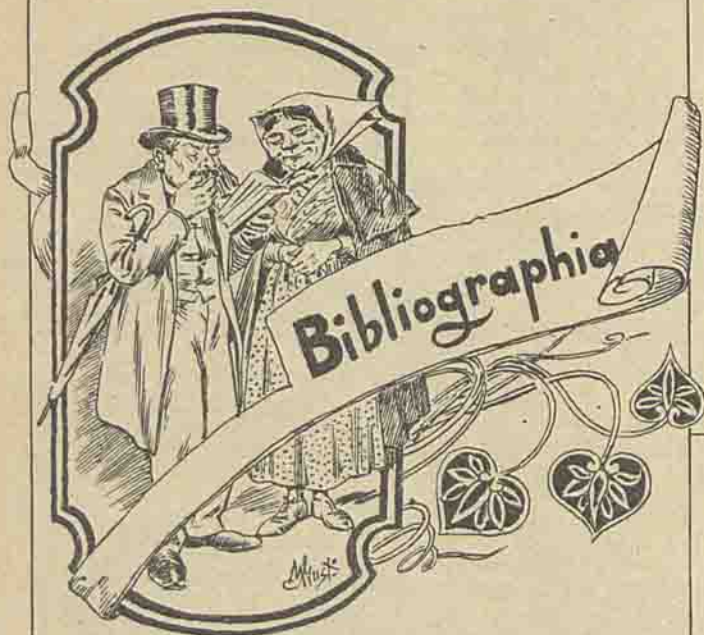
— D'onde vens, Maria ?
— Da romaria !



Foi assim para a romaria... ajujado de cargos!

Veio assim da romaria... com as mãos a abanar!

Augusto de Almeida



AZUL E NEGRO, por Affonso Botelho.—E' um outro volume de contos. O peor de tudo, afinal, é que nem só de contos vive o homem. Mas é o mesmo, para o caso de se desculpar o auctor d'estes, se é que nos promette não se metter em outra semelhante. Isto não é dizer que melhor faria se se deixasse de contos; por modo nenhum. Isto é como quem diz que muito melhor andaria procurando fazel os com mais arte, com mais observação, com menos preocupações de litteratiee modernissima. O sr. Botelho, com as aptidões que é possível encontrar-se em alguns d'estes seus pequenos quadros, poderia bem, se preferisse realizar um só d'alles no mesmo tempo que poderá gastar-lhe a factura de cinco ou sete, conseguir dar-nos a impressão de um contista muito accetavel, muito longe, embora, d'esse superior Trindade Colho que tanto lhe dá no gôto, evidentemente...

Estamos nós com isto, em ares de critica severa, quando a verdade é que lêmos com certo prazer os contos do sr. Affonso Botelho, e tanto basta para que a outros possa acontecer o mesmo. Esta nossa opinião não é critica, afinal; nem é severa. A Severa—já morreu!

HORAS PERDIDAS, por Sanches de Frias.—Este poeta illustre não deixa de ser, amiud-das vezes, caturra e massador; mas da sua caturrice; e n'uma ou n'outra massada que nos prégue, alguma coisa de muito nobre e de muito distincto vem ao de cima. N'este seu livro de poesias, refundido e acompanhado de comentarios, alguns dos quaes, a meio, dão vontade de lhe dizer:—«Senhor Visconde, sabe que mais?... Passe Vossa Excellencia muito bem!»—ha, todavia, coissas muito apreciaveis, muito bellas sem duvida.

Toda a dificuldade está em encontrar as boas no meio de tantas outras que nem soffriveis são. Vejam esta, por exemplo, ao acuso colhida d'uma poesia, recitada pelo actor Xavier n'um theatro do Pará, por occasião d'um espectaculo festival dedicado pela colonia portugueza á restauração da patria:

Do monarcha, que de inveja
de abastança e de poder
era o vivo simulacro,
como poucos podem ser.
faz a corôa no chão!
Parece um sonho o pensar-se
que esse principe abatido
é Luiz Napoleão!

... da Victoria!

A' GERAÇÃO NOVA, por Domingos Tarrozo.—E' um brado patriótico, sentimental, terrorista, philosophic, aerobata, progressista, regenerador, Vaz Preto, nevrotico, afflictivo, libertario, reformeco, pim-pim—em versos de doze syllabas, efusiantes e estriculas como foguetes de duas respostas—ao Discurso da Corôa. Chi-pá-pum, aqui vae um:

A idéa, perseguida, estiola-se, desmaia:
a razão, algemada, exhaure-se não pensa;
a tribuna succumbe. Erguei-a! Libertae-a!
A imprensa emmudeceu. Dae liberdade á imprensa!

O sr. Tarrozo é levado do diabo, ao que parece. Tudo vae mal, em seu pensar, e para a geração nova apella, em ultima instancia, esperando d'ella as energias de que não já capazes aquelles que ainda restam das velhas gerações. Evidentemente, Tarrozo tem razão. Os tristes velhos, coitados, já não têm... não têm... já não têm pimento!

A reforma da beneficencia

Como se sabe, o sr. José Luciano vae reformar a beneficencia. O assumpto tem sido, porém, levianamente discutido pela imprensa, que *igsogra*—como diria s. ex.^a—as bases da reforma, e os fins com que é feita.

Nós, porém, graças a termos um reporter muitissimo *Botas*—como tambem s. ex.^a diria—é que conseguimos obter os principaes artigos da genial obra, e saber o *marido da fita*—como da mesma fórma s. ex.^a se explicaria—com que ella vae ser dada á luz.

O governo vae reformar toda a beneficencia, publica e particular, collectiva e individual, e n'essa reforma a mendicidade passará a ser obrigatoria. Assim o resa o artigo seguinte:

Art. 1.^o—A mendicidade é feita por conta do estado e obrigatoria para todos os individuos de mais de 60 annos,



e para os menores de 3 a 10 annos.



§ unico. São dispensados do cumprimento d'este dever os membros da familia real, e os ministros de estado em effectivo serviço.

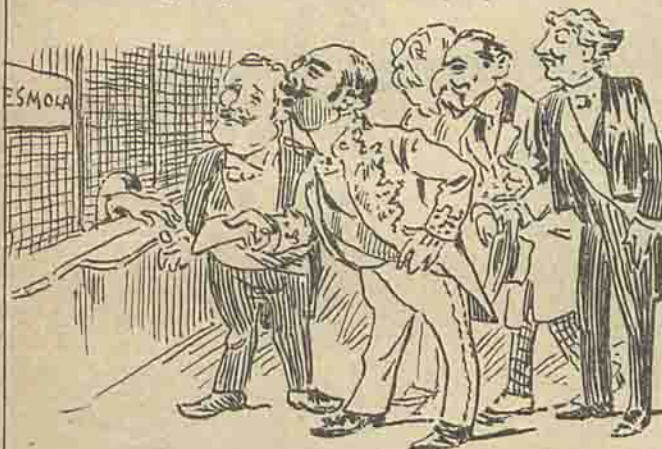
Art. 2.º — E' igualmente obrigatorio dar esmola, para todos os individuos entre 20 e 60 annos.

§ unico. A quem não cumprir este artigo será applicada a pena de 1 mez de cadeia; e, em caso de reincidencia, tres annos de Penitenciaría, na alternativa de 6 na costa d'África.



Art. 3.º — Quem der esmola até 20 réis, passará recibo de a ter dado, com sello de 10 réis; quem a der de 20 até 100 réis, com um sello de vinte; e augmentará d'ahi para cima o sello meio tostão por cada 100 réis, ou fracção de 100 réis.

Art. 4.º — Passam a receber pela verba da mendicidade o corpo diplomatico e a instrucção publica.

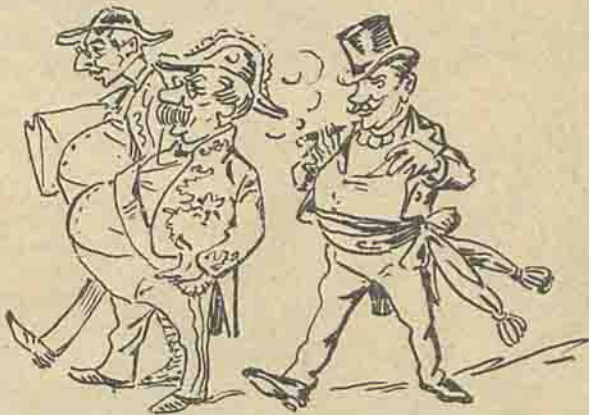


Art. 5.º — Serão nomeados representantes do governo portuguez, quantos este entenda necessarios, a fim de irem ao estrangeiro mendigar esmolas para o cofre nacional de beneficencia.



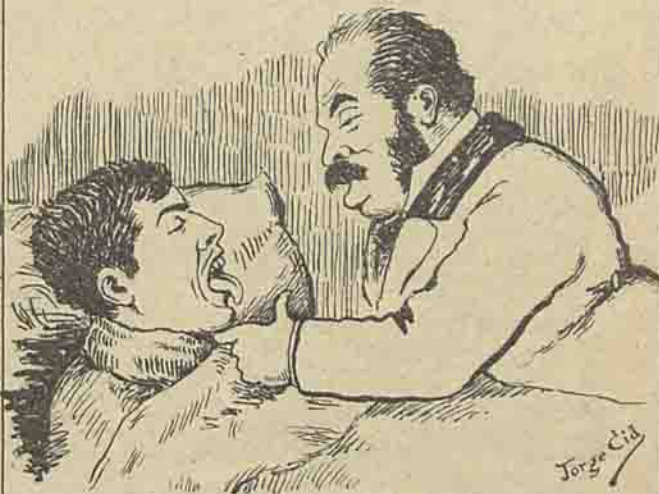
Art. 6.º — E' auctorizado o governo a levantar um grande emprestimo sobre os rendimentos da mendicidade publica.

Art. 7.º — O produ-to do emprestimo será destinado á extincção do deficit, ao augmento de ordenados aos ministros, ao restabelecimento do subsidio aos srs. deputados, e á acquisição d'um hotel de pernoitar para alojamento dos soberanos que nos honrem com a sua visita.



Aqui teem os nossos caros leitores uma noticia em primeira mão, e o grande plano salvador e benefico, sahido do albergue dos miolos abandonados do sr. José Luciano.

No capitulo paradoxos ninguem leva a palma e a ex.º: até vae salvar o paiz com a mendicidade! Ora, pois!



Atacado pela doença dos conselheiros, tem interrompido a publicação das suas lueubrações o nosso collaborador das «Lições d'Historia».

ANTES do DIA de REIS

DE POIS do DIA de REIS



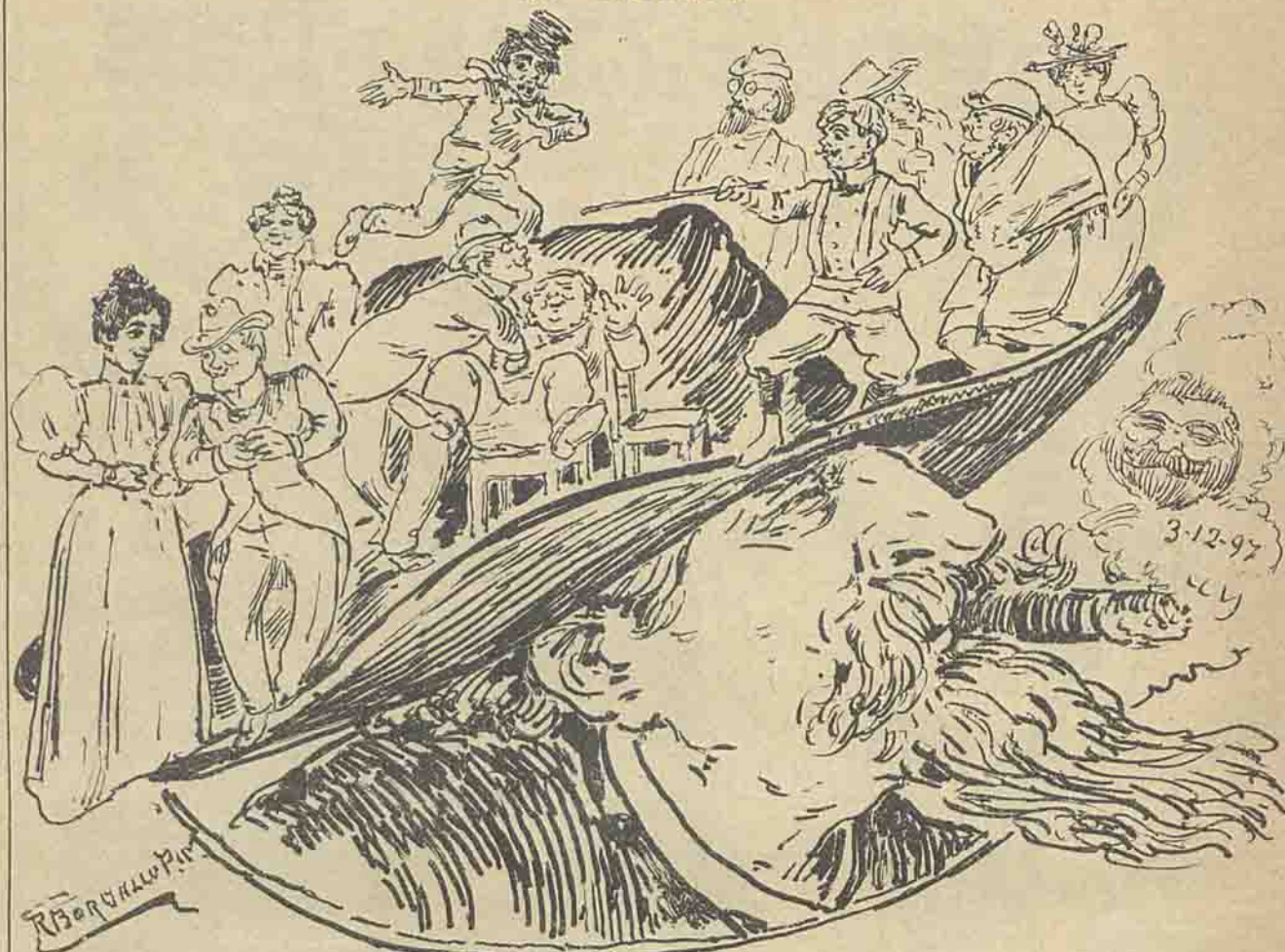
RONCA E GAITA

— Que te parece tudo isto?
 — Uma grande gaita...

O ANTONIO MARIA

THEATRO DO GYMNASIO

«O GATUNO»



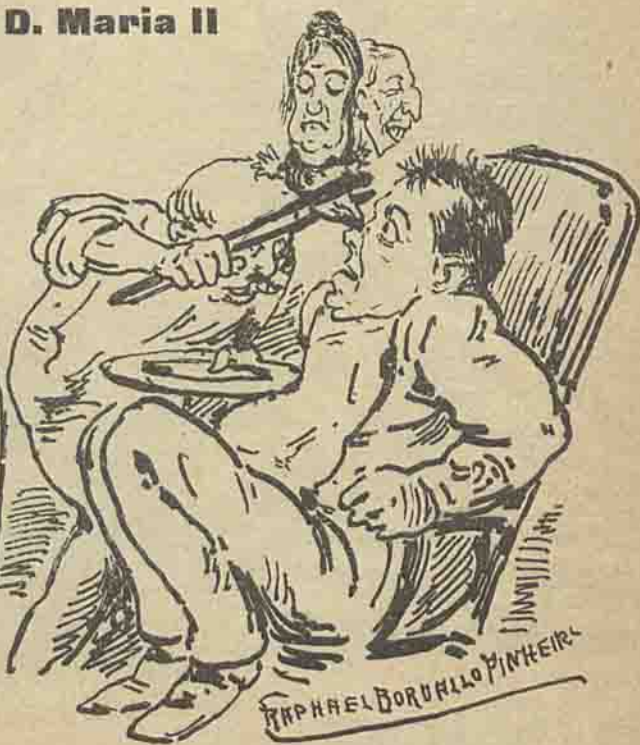
«Um gatuno a quem se agradece entrar-nos pela carteira!»

Theatro de D. Maria II

Os pupillos do Sr. Abbade... Constantino



Entraram todos na recomposição, apesar de não terem epistola.



Extracção da verruga.

O SETEESTRELO NARIGAL



—Deputado?

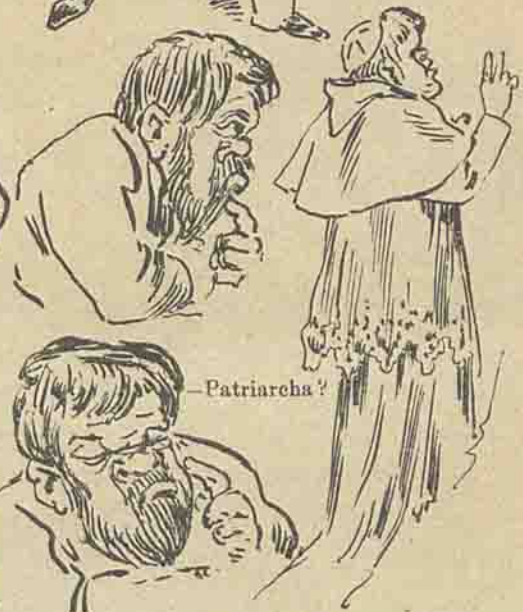


—Ministro?



—Rei?

—Presidente da republica?



—Patriarcha?

—Não me cheira.

Variações de cornetim sobre o mesmo motivo

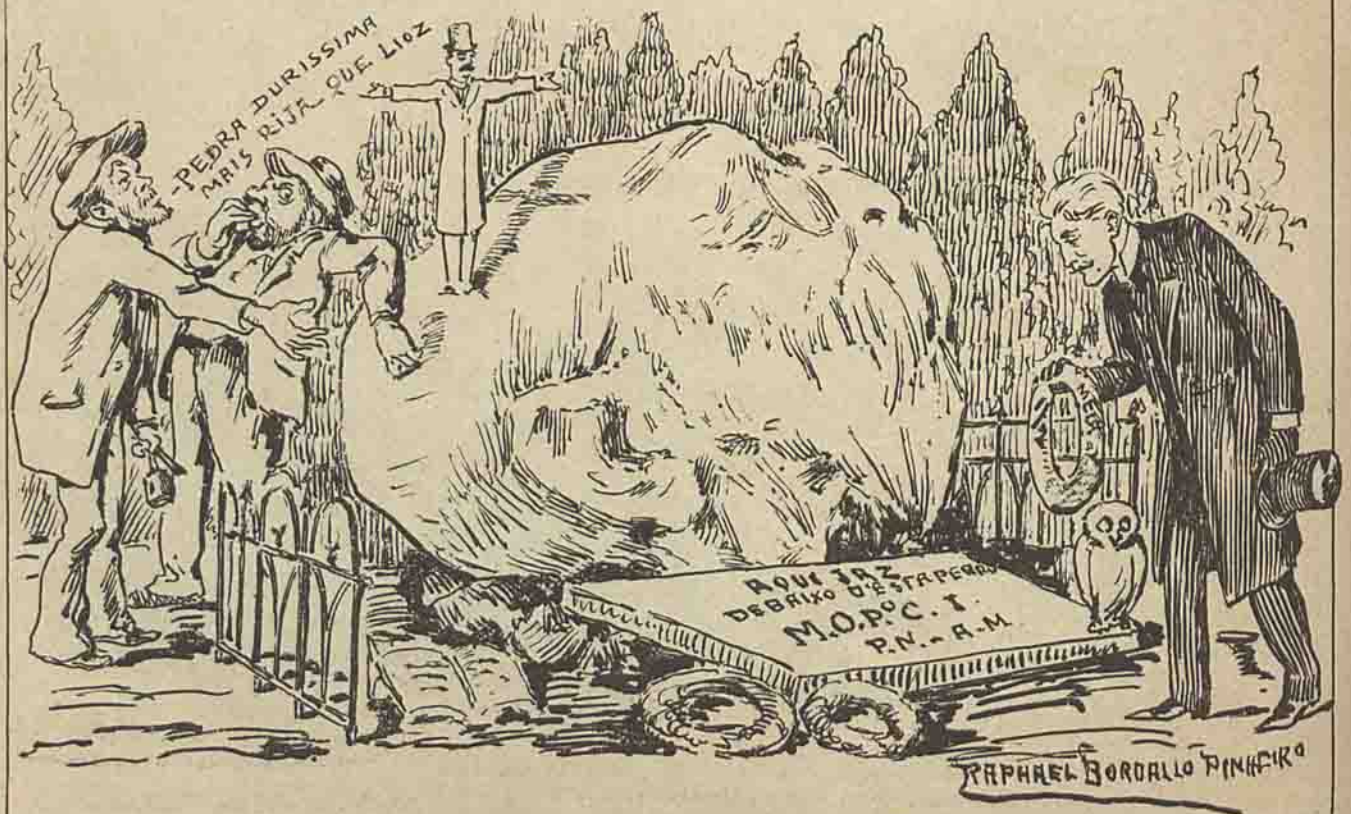
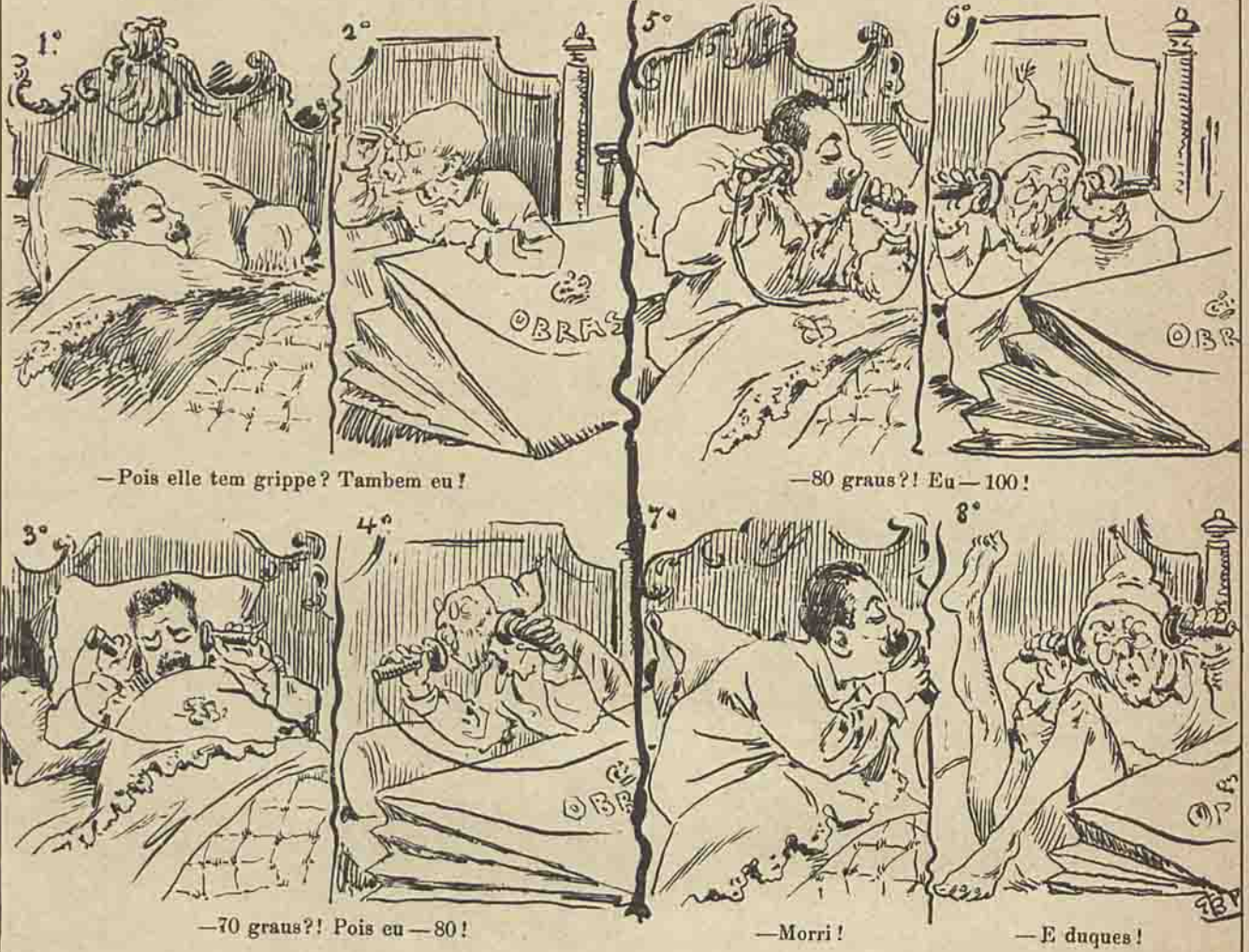


—Estou prompto a fazer tudo quanto em mim caiba para impedir a intervenção estrangeira.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

A DESPIQUE

Toda a gente sabe a reciproca ciuqueira, que traz accesos os peitos do sr. Augusto José da Cunha e do sr. Elvino de Brito. Em um fazendô uma cousa, logo o outro quer fazer cousa igual; em um tendo uma dôr ou uma alegria, logo o outro quer ter a mesma dôr ou a mesma alegria; e assim andam, ora a bem ora a mal, desde que o sr. José Luciano deu uma pasta ao sr. Cunha, e escreveu uma carta ao sr. Elvino. O ultimo accesso de ciuqueira deu se, ha poucos dias, com um ataque de gripe, que começou e terminou como se vae vêr:





**O 1.º DE DEZEMBRO
PHENOMENO PHONOGRAPHICO**



— Viva a independencia!...

EPISTOLA

ao Presidente da Comissão Central
1.º de Dezembro

Ill.º e Ex.º Sr.: Permitta-me V. Ex.ª que n'este dia eu venha, como bom patriota, e como admirador da pachorra com que V. Ex.ª continua presidindo á Comissão Central 1.º de Dezembro, saudal-o calorosamente uma vez ainda e nas suas mãos depôr os respeitosos cumprimentos que é desejo nosso endereçar á referida Comissão.

V. Ex.ª com o 1.º de Dezembro e o Azedo Gneco com o 1.º de Maio, são as duas individualidades mais dignas de respeito pelas suas convicções e pela sua pertinacia na defeza d'essas mesmas convicções, que eu tenho a honra e o gosto de conhecer. Não faltará, por certo, entre os que sempre estão promptos a mal-dizer de tudo o que é nobre e de tudo o que é grande, homens e principios, ideias e factos, quem a V. Ex.ª considere simplesmente caturra e do Azedo Gneco diga que é maluco. Mas a verdade é que, d'essa mesma maledicencia, tanto para V. Ex.ª, como para o Gneco, o que principalmente resulta é — no conceito d'aquelles que não trepidam em ser justos — que a pertinacia de V. Ex.ª e a mania do outro maior relevo tomam e melhor se accentuam como prova inabalavel de sinceras convicções. N'esta altura renovo, calorosamente, as saudações com que me dirigi a V. Ex.ª ao encetar esta epistola.

Posto isto, e bem certo de que a V. Ex.ª não restará a menor duvida a respeito da muito alta consideração em que eu tenho a sua pessoa já como particular, já como entidade patriótica á frente da Comissão Central de sua digna presidencia, permittam-me a bondade e o bom criterio de V. Ex.ª que eu ouse submeter á sua meditação algumas poucas, mas amadurecidas considerações, que este dia de hoje, já por aquillo que elle significa, já pela fórma de commemoração com que é celebrado, me sugere.

Eu atrevo-me a dizer, esculpado pelo meu bom nome de portuguez e de patriota que ninguem, até hoje, pode ainda deslustrar, eu atrevo-me a dizer que bem chegado é o momento para que a Comissão Central 1.º de Dezembro entenda dever dissolver-se, pondo em l'illão os seus coretos, as suas lanternas, os seus estandartes, e trespassando ao guarda-roupa do Cruz as casacas com que veste os seus membros para os *Te-Deums* na Sé.

Não irei em buscar a factos consternadores dos modernos tempos, tão conhecid a por desventura nossa e tão improprios de brios portuguezes, o argumento de maior peso que me seria possível apresentar a V. Ex.ª, em caso de controversia, que a opinião acima exposta podesse provocar. Eu poderia objectar, em tal caso, que da teimosia de V. Ex.ª e da illustre Comissão da sua presidencia, o menos que, benevola e delicadamente se pode já hoje pensar, é que não passa de uma grande casmurric, só propria, afinal, de pessoas idosas que, á data da Restauração de Portugal, já eram espigadas. Porque, no momento critico em que Portugal outra vez se encontra, a respeito da independencia, e sob o mesmo regimen monarchico de Braganças que succedeu á pagodeira dos Philippes, só casmurric é isto, que ainda hoje vigora, de andar a Comissão Central por essas ruas a estoirar foguetes e a zabumbar o Hymno da Restauração.

O que principalmente se deve tomar em linha de conta para o caso de cada um dos senhores do 1.º de Dezembro, a começar por V. Ex.ª, desistir do seu mandato e cada um ir para o seu lado, em debandada, é a conveniencia, muito patriótica sem duvida, de não mais insistir em tão ridiculas manifestações de amor patrio, e de tão despropositadas hostilidades para com

o estrangeiro, quando precisamente acontece que o elemento estrangeiro, a pouco e pouco e sob diversas fórmas introduzido na nossa terra, pela Finança, pela Industria, pela Arte, pelo Commercio, representa hoje para todos nós, quer V. Ex.ª o queira, quer não, uma parte integrante da vida portugueza.

As manifestações do 1.º de Dezembro não representam hoje mais que uma grande incoherencia nacional, que aos olhos e aos melindres do estrangeiro nos convém evitar. E depois, pelo que respeita á Hespanha, que modernamente tão sympathica se nos torna, e pela amavel hospitalidade que a colonia hespanhola nos merece, tudo isto já não tem a mener razão de existir e tudo tende, de ha muito, a desapparecer por completo.

Se a respeitabilidade de V. Ex.ª e dos outros membros da Comissão Central 1.º de Dezembro não se julgasse molestada com uma ultima ousadia nossa, a exarar n'esta epistola, eu aconselharia t da a illustre Comissão a tirar-se dos seus serios, e, entrando a fundo pelos diversos e multiplos restauradores que hoje enchem o mercado e que já são em numero bem maior do que foram os de 1640, desde o restaurador do *cabello* de Ayer, até ao restaurador da virilidade de Séquard, a preparar-se durante o anno, bem devidamente, para na noite memoravel ir n'uma doída batida de caleches, com hespanholas boas, ver raiar a aurora do 1.º de Dezembro, nos pineiros da Porcalhota!

Mas V. Ex.ª continuará fazendo n'esse dia o que muito bem quizer, e se com isso o paiz se mostrar contente, tanto melhor para elle e para V. Ex.ª

E sem mais, accete V. Ex.ª um abraço — e toque o Hymno!

ANTONIO MARIA.

Dois RESTAURADORES
Um restaurou PORTUGAL, outro restaura
CONCELHOS...



O Gafanhoto

RUA DOS CONDES



— Aqui está um gafanhoto que, sózinho, é capaz de dar cabo de todo o milho de Lisboa!...



Licções d'Historia

Camões

Ninguém calcula a commoção com que vamos tentar biographar esse grande vulto que domina as letras portuguezas e o Largo das duas igrejas.

Luiz Vaz, conhecido na litteratura e na ginginha de St.º Antão, por *Luiz de Camões*, nasceu em Lisboa, filho de Simão Vaz e da sr.ª D. Anna Macedo.

A proposito do berço do pequeno Grande Epico tem havido longas e animadas discussões no Gomes do Chiado. O sr. dr. Carvalho Monteiro *Milhões* que n'estas palestras tem sempre as honras da tarde, em quanto o sr. Marquez de Franco batia o fado com o sr. Barbosa Collen improvisou no outro dia a seguinte piada que vale bem uma certidão d'idade:

Nasceu Luiz de Camões
Em Freixo-d'Espada-à-Cinta.
Sua mãe D. Jacinthia
Negociava em melões.

Como desde o berço Luiz Vaz mostrasse queda para as Musas, os paes mandaram-no para Coimbra cursar direito.

No anno em que elle entrou para a Universidade estavam os rapazes muito pacatos e contentavam-se com dar ao joven academico alguns murros, canellões ou escangalhar-lhe a corôa de loiros que era então o distinctivo dos poetas.

Um dia é que levaram a brineadeira um pouco mais longe—tiraram-lhe o olho direito!

Poseram-lhe em troca a alcunha de *camões*.

O *camões* tornou-se popular em Lisboa desde uma vez que cá veio com a tuna de Coimbra tomar parte n'um sarau academico e em que elle cantou á guitarra como um grandississimo cantor da Patria, que era.



Data d'essa occasião o seu conhecimento com a Nathercia, corista da Rua des Condes d'uma forniosura descommunalmente peregrina, pela qual se apaixonou o poeta loucamente a ponto de abandonar os estudos, pôr a corôa de loiros no prégo e arruinar os seus velhos paes que não poderam sobreviver áquella catastrophe. A Nathercia não tardou em seguir-lhe o exemplo.

Então, sem fortuna, sem olho, sem paes, sem Nathercia, sem coisa alguma, nada mais restava a Luiz Vaz, do que ir-se embora para o Brazil, tentar fortuna.

Justamente annunciava-se a partida de caravellas com uma companhia d'operetta, em que figuravam varias estrellas vencidas da vida e que fencionava representar o *Tim-tim por tim-tim* entre os selvagens da America.

Assim que constou no Suisso a resolução do poeta, um grupo d'amigos resolveu dar-lhe um jantar como era uso dar a todos os artistas que partiam para o estrangeiro. Correu o banquete muito animado e ao champagne houve varios brindes, destacando se o do poeta das *Podridões*, que discorreu acerca da influencia das rainhas claudias sobre o ventre humano e terminou chamando ao *camões* o Victor Hugo portuguez!



Partiu o Luiz com os cabotinos e avistando-se já as terras do Brazil o navio afundou-se morrendo toda a gente excepto o poeta que deu á costa agarrado aos luziadas, que lhe serviram de boia de salvção.

Consta que fez dinheiro por lá e, ao cabo d'alguns annos, voltou, montando um café n'uns terrenos proximos do palacio da Inquisição.

Esse café foi a sua ruina, porque os freguezes nunca pagavam o que bebiam... e bebiam muito.

Arruinado, o poeta teve de recorrer a tudo para ganhar dinheiro: no entrudo pré-gava sermões n'uma carroça; durante alguns verões foi contratado por uma praça de fora para farpear vacas, mettido n'uma pipa; e n'um cortejo historico que organizaram pelo centensio d'um santo, o velho *camões* com as barbas rapadas... fez de virgem!



Foi a ultima vez que elle comeu pãozinho com linguiça na sua vida.

Depois, cahido na maior miseria, viu-se obrigado a mendigar acompanhado por um amigo, chamado Jau, antigo preto de S. Jorge.



Chegava a cahir no meio da rua com fome e ás vezes n'essas occasiões algum policia benemerito offercia-lhe um almoço n'uma taberna proxima e não consentia nunca que o poeta pagasse.

NA BACOLANDIA

Topa-manipanso grande—Fetiche prestimos em terra de brancos



— Posto o
dos brancos para fazer
o milagre. E lá

— Tomam
o zumba! ou
o manipanso

Assim como os devotos enchem os altares dos seus santos predilectos com braços e pernas de cera, assim os bacócos selvagens enchem de prégos os seus manipansos por cada milagre que lhe pedem. (*) Querendo elles agora o milagroso milagre d'um emprestimo, resolveram ferrar mais um prego na pansa do manipanso.

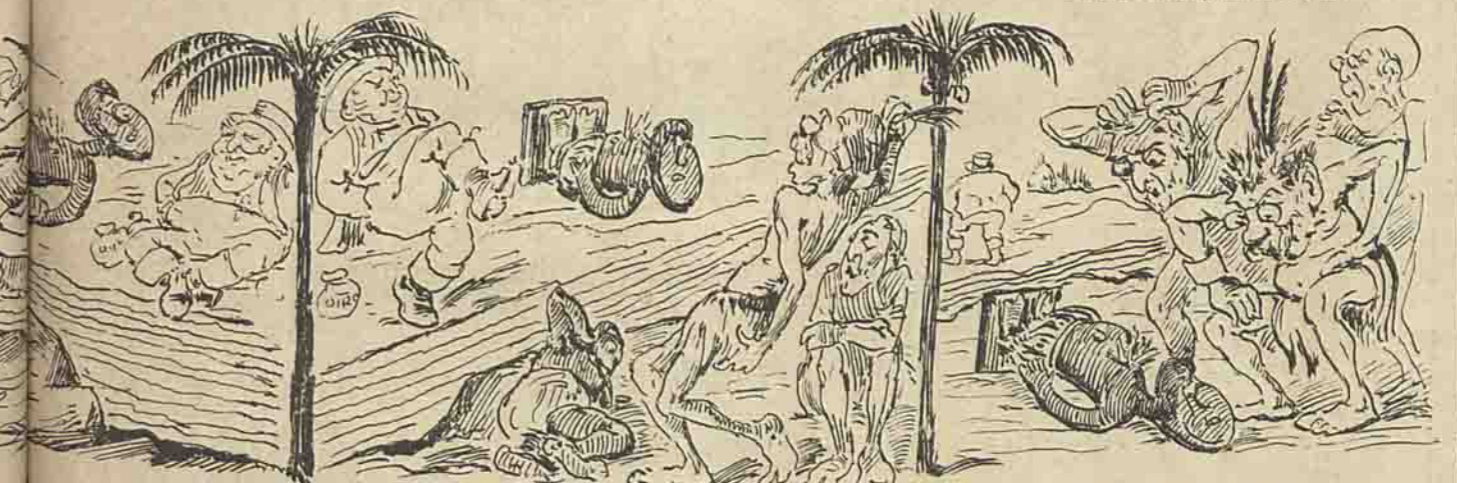
(*) Vide museu da Sociedade de Geographia, secção de manipansos.

— Pois
Manipanso
Manipanso
Volta
Sem vir



— Mas as *almas damnadas* dos brancos *bumba*, para cá com o manipanso! E lá voltou o manipanso!

— Os selvagens bacócos, vendo o seu idolo como o carrapato na lama, desataram a chorar e a arrepellar-se! — Manipanso *topa* não presta, não traz nada para bacócos!



— E de lá os brancos *bumba*! outra vez para os pretos!

— Perdem então de todo a fé, os bacócos, e exclamam desalentados: Manipanso *topa* não traz nada, só prégos e mais prégos! Está furado!



— E mandaram para o diabo o manipanso *topa*, por não saber fazer golpe de preto!

E agarrando n'um manipanso pequeno, velho virgem de prego, metteram-lhe um na barriga, a vê se faz o milagre... de dar alguma coisa á luz! Se não, para o diabo também!

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Um dia, depois d'um d'estes almoços commetten a imprudencia de tomar um banho derivativo (systema Kuhne) e uma apoplexia victimou-o. Quando Charlotte Corday chegou, mandada por Domingos Guimarães, para assassinar o Epico, encontrou-o já cadaver.

O orador José Esteves, tambem partidario de Kuhne, qu'estava n'essa occasião a preparar-se para tomar um semicupio em pleno Largo das Côrtes, suspendeu-se, e com as calças na mão, fez o elogio funebre do immortal cantor das nossas glorias.

Este rasgo lá está immortalizado pelo bronze.



A Sociedade de Geographia, aqui ha annos, resolveu festejar o centenario da morte do auctor da phrase que envolve a esphera armillar do seu escudo, (perceberam?) e convocou a assembléa geral.

Houve propostas commoventes.

Um queria que fosse a Sociedade em pezo, formada a dois e dois e armados os socios com os instrumentos necessarios, demolir a igreja de Sant Anna para descobrir os ossos do Mestre.

Outro, notavel pelos seus calembourgs, julgando talvez Camões seu contemporaneo, propunha uma pensão á viuva!

Et coetera.

No fim de contas resolveu-se levantar-lhe uma estatua em que elle figurasse com os attributos de todos os papeis que elle representara na sua vida: a recordar os tempos de Coimbra — a corda e a capa; os livros da escripturação do café; uma couraça, presente d'um soldado do cortejo enamorado da virgem gaiata que lho piscara o olho durante todo o trajeto; recordando os tristes tempos de toureiro — a quadilha disposta em circulo como nas antigas cortezias, e sobretudo, para fazer rabiari os hespanhoes, dar a entender que elle tinha sido o inventor do *volapie*.

Mas o principal era o esqueleto e á falta do verdadeiro, encontraram-se sete esqueletos mirrados que de boa vontade se prestaram a ir em charola para os Jeronymos, dançando a polka janota.



E — ingrata Patria! — lá estão ao desprezo as ossadas d'aquelle varão tão illustre!

Tambem, deixal-o: não é nenhuma d'elle...

C.

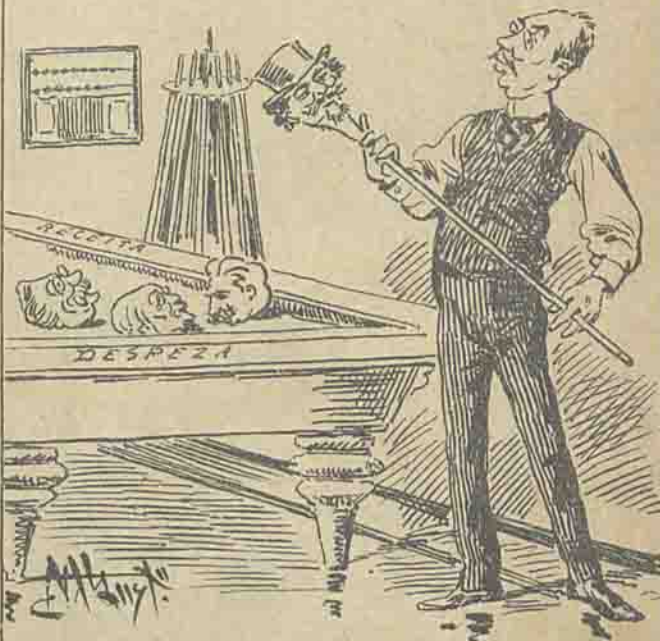
O 1.º DE DEZEMBRO



O sr. José Luciano (acordando sobresaltado):
Que foguetorio é este?! Chegou o Burnay?
O creado: — Não sr. E' o 1.º de dezembro.
O sr. José Luciano (voltando-se para o outro lado). Ora bolas!...



O BILHAR DO SR. HINTZE



Noticiam as gazetas que o sr. Hintze mandou pôr tabellas novas no seu bilhar. Com o seu taco favorito vae agora carambolar por uma pá velha!
E' homem para uma serie de doze!

O ANTONIO MARIA.

THEATRO DE S. CARLOS

A COMPANHIA LYRICA



DE LUSSAN
(soprano dramático)



EVA TETRAZZINI
(soprano dramático)



MATILDE DE LERMA
(soprano dramático)



CAMPANINI
(Maestro)



LIVINNE FELIA
(Soprano dramático)



ARMIDA PARI
(Meio soprano)



ALFONSO SARULLI
(Tenor)



CARLO CARTI
(TENOR)



FRANCISCO DIANDRADE
(Barytono)



MARIO ANCONA
(Barytono)



HECTOR DUPEYRON
(TENOR)

Caras : — 5 valores (Optimo).
Vozes : — ? (Nun se sabe!...)

MULHER DE CAPOTE E LENÇO

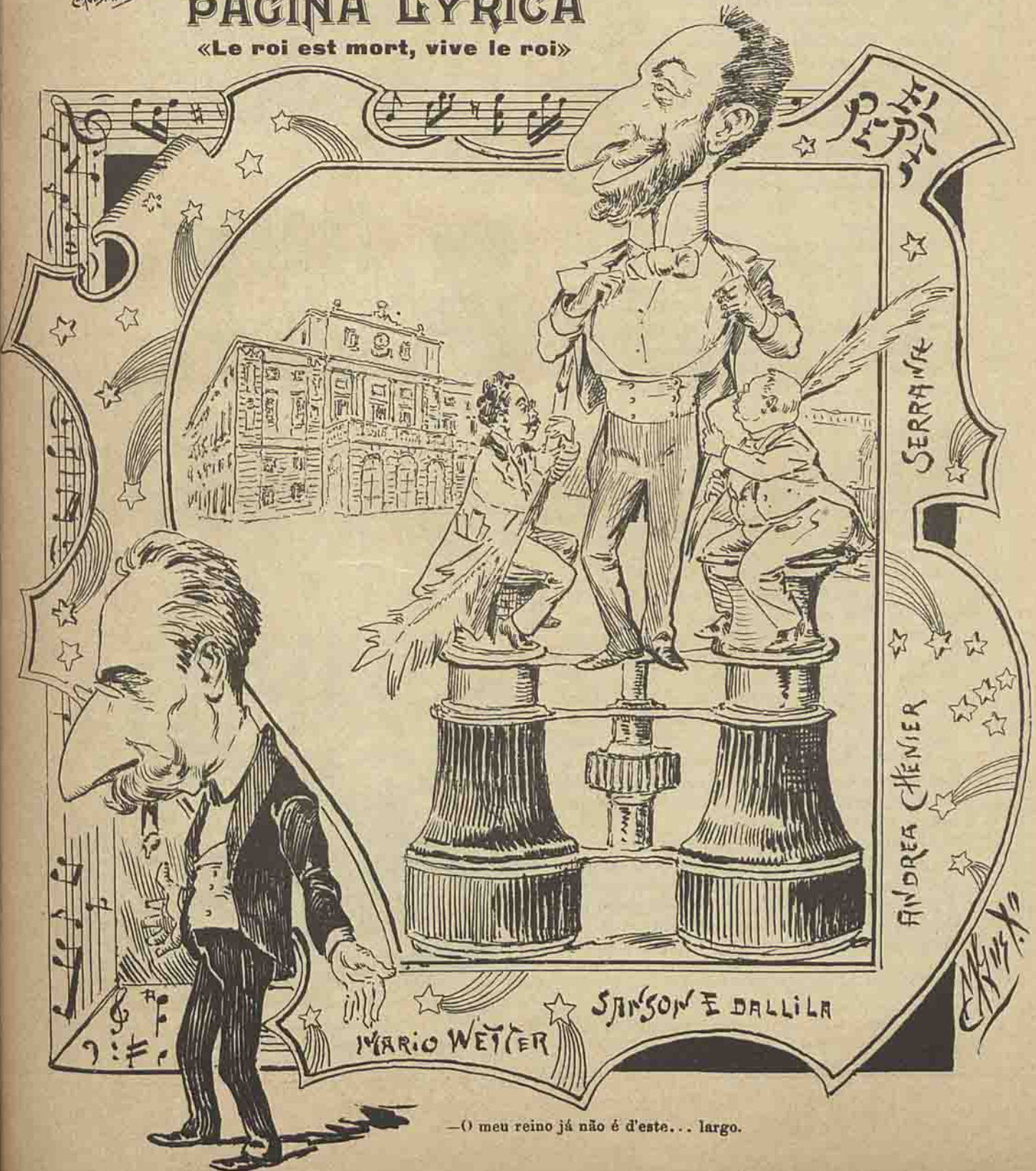


E' ella quem leva, é ella quem traz, quem se entremette, quem intriga, quem dá cabo de tudo. Padroeira de todas as egrejinhas, com as suas onze letras e convertidas em pausinhos, faz um sarilho nacional!



PAGINA LYRICA

«Le roi est mort, vive le roi»



-O meu reino já não é d'este... largo.

Mousinho d'Albuquerque

Segundo lemos, preparam-se varios festejos officiaes para solemnizar a chegada de Mousinho d'Albuquerque a Lisboa, mas não corre noticia de nenhuma manifestação popular ao primeiro portuguez d'esta epocha!

Dá-se agora exactamente o contrario do que costuma acontecer com o que merece applauso e enthusiasmo, ser o elemento official quem toma a iniciativa, e ser o Zé quem se mette em copas. Manifesta-se o resultado da campanha dos maldizentes, da cafila de invejosos e insignificantes, que medra nos canteiros domesticos e publicos, que de tudo desdenha, e que é incapaz de praticar não diremos um acto de bravura, porque seria exigir um impossivel, mas ao menos um acto de dignidade.

E' triste, é vergonhosissimo, é indecente, é pulha, amigo Zé, que venha a Portugal o grande Mousinho d'Albuquerque—porque, ó grande alarve!, se elle não fosse tão grande, não o admirariam lá fóra como o admiram—depois de tantas vezes ter arriscado a sua vida pelo bom nome portuguez, depois de nos ter coberto de gloria, depois de ter obrigado o estrangeiro, que por largos annos só se occupou das nossas pessoas, amesquinhando-nos em pasquins affixados nas esquinas ou em *couplets* nos palcos dos theatros, a fallar de Portugal com respeito e admiração; é triste que tudo isto se dê, e que tu fiques impassivel, e não vás ao encontro do unico teu compatriota, deante de cujo nome as outras nações se descobrem!

Tivesse Mousinho pensado em popularidade, tivesse vindo para Portugal, logo em seguida ao feito de Chaimite, e o que tu não lhe terias feito! E' que nasceste para a sorte de gaiola, meu Zé, e passas immediatamente ao segundo estado, porque assim te põem as capas dos D. Basílios, estendidas pela praça, a cegarem-te os olhos e o entendimento!

Mas como o grande Mousinho, a quem até já quem negar a heroica prisão do Gungunhana—que suicia!—preferiu aos fungágas nacionaes continuar a sua obra gloriosa, como já lá vão dois annos, tu amolleceste, quebradas as forças pelas capas dos taes D. Basílios, que te enganam e illudem!

Mentiram todos os bravos companheiros de Mousinho, desde o soldado ao official, mentem todas as outras nações que o proclamam heroe, e só falla verdade todo esse bando de insignificantes e pantomimeiros, que só teem na sua bagagem como feitos heroicos jantares d'assalto á casa dos outros, ou ataques traiçoeiros á honra e á gloria alheias.

Retoma forças, Zé, sacode de ti toda essa corja, e vae prestar homenagem ao unico homem da tua epocha que fez rememorar antigos feitos! E se assim não procederes, é que estás ainda mais estúpido que tu proprio julgas. e até um bocadinho malandrim... por causa das companhias!

O CASO DE DOMINGO

Polícia que atropella uma mulher



Antes do sinistro.



.....

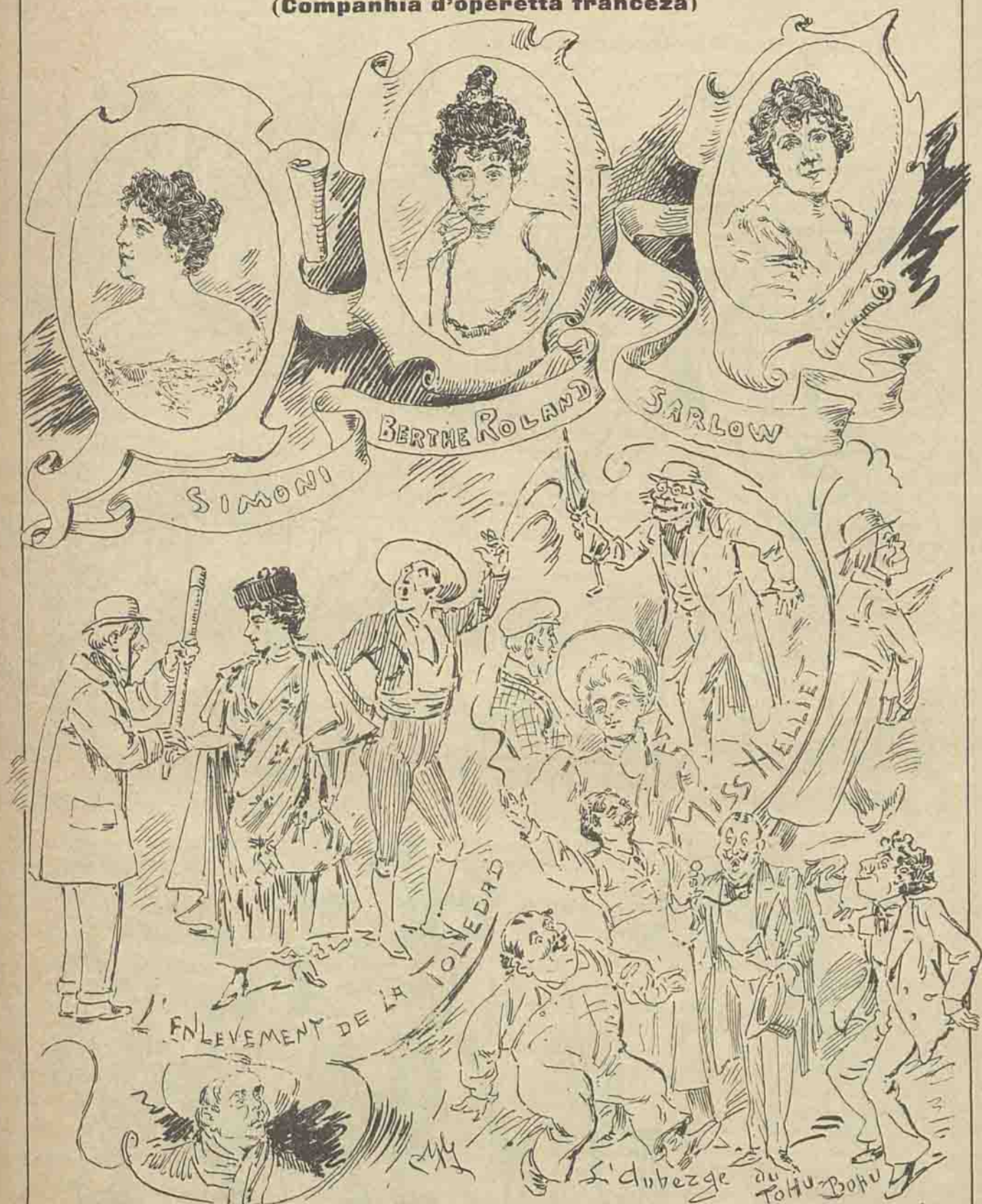


Depois do sinistro.

O ANTONIO MARIA

THEATRO D. AMELIA

(Companhia d'operetta franceza)



Com o franco a 270 e não podendo vir a Comedie Française por motivos justificados, dá-nos a empresa do D. Amelia uma excelente companhia d'operetta.

Varios criticos nostalgicos dos Africanistas e do Chulapon queixam-se de que as cantoras tem pouco salero e fallam mal francez.

A Empresa em vista dos artistas não se poderem fazer entender na lingua da Maria Gonçalez e do Nadal, organison no camaroteiro um serviço de aluguel de dictionarios e de binoculos.

De caminho podem os' espectadores dar a guardar os sobretudos e comprar o Antonio Maria

OS IDOS (Uma S. Ex.)



— S. Ex. exclamou:— Tive uma ideia!

— E os colegas repetiram:— S. Ex. teve uma ideia!

— E o continuo disse ao servente:— S. ex.ª teve uma ideia!

— E o servente disse ao S. ex.ª:— S. ex.ª teve uma ideia!



— E a Francisca disse ao padeiro:— S. ex.ª teve uma ideia!

— E o padeiro disse ao homem da hortaliça:— S. ex.ª teve uma ideia!

— E o homem da horta disse ao burro:— S. ex.ª teve uma ideia!

— E o burro disse ao cão:— S. ex.ª teve uma ideia!



— E o cão disse ao gato:— S. ex.ª teve uma ideia!



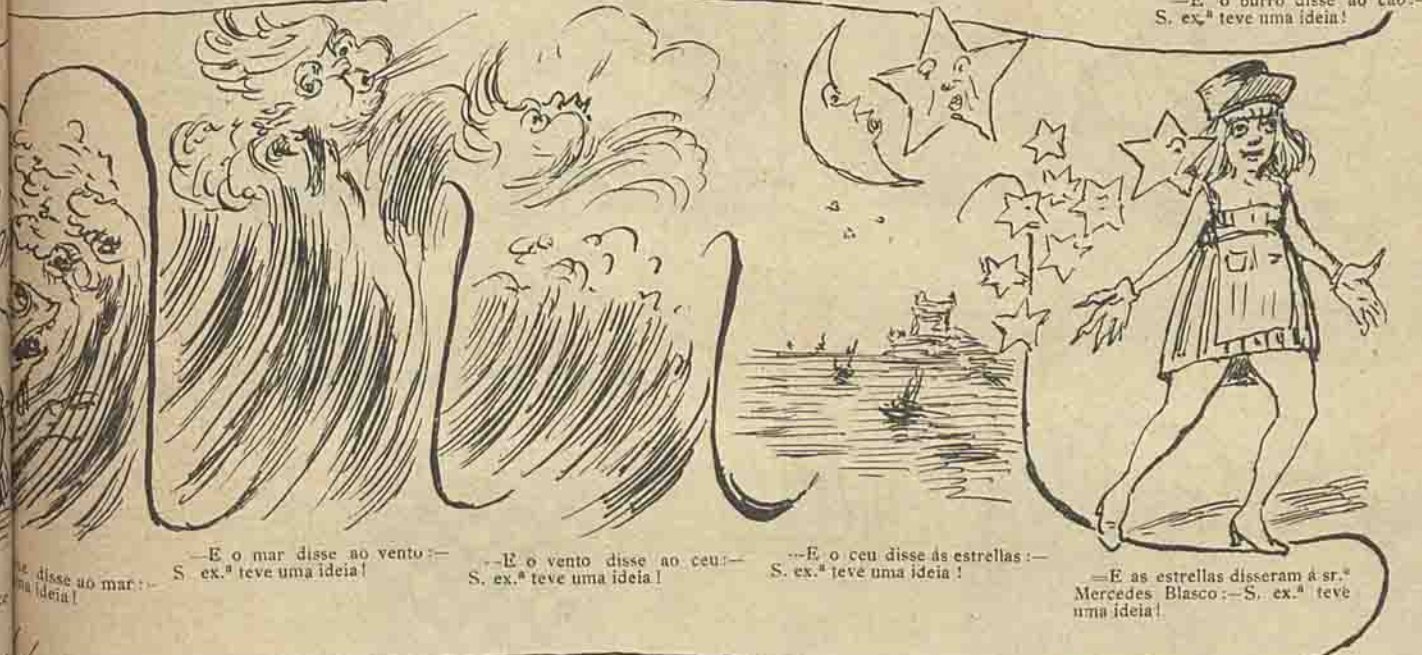
— E o gato disse ao pardal:— S. ex.ª teve uma ideia!



— E o pardal disse a gaivota:— S. ex.ª teve uma ideia!



— E a gaivota disse ao peixe:— S. ex.ª teve uma ideia!



— E o mar disse ao vento:— S. ex.ª teve uma ideia!

— E o vento disse ao céu:— S. ex.ª teve uma ideia!

— E o céu disse às estrelas:— S. ex.ª teve uma ideia!

— E as estrelas disseram à sr.ª Mercedes Blasco:— S. ex.ª teve uma ideia!



— E a sr.ª Mercedes disse ao sr. Santos Junior:— S. ex.ª teve uma ideia!



— E o sr. Santos Junior disse ao palhaço:— S. ex.ª teve uma ideia!



— E o palhaço disse ao publico:— S. ex.ª teve uma ideia!



— Trabalha preto—240.000 reis—nominaes!



— Nenhum addido idoneo, afiliado idoneississimo!
— Toma lá menino!—1.240.000 reis!



— Amamuense addido — idoneo



— Chefe de repartição addido — imbecil

Moralidade

A peor situação

A melhor situação

A questão dos concelhos



Sobral quer a Sapataria, Arruda tambem não quer ficar descalça. O sr. José Luciano que descalce a bota da Sapataria.

THEATRO DA TRINDADE

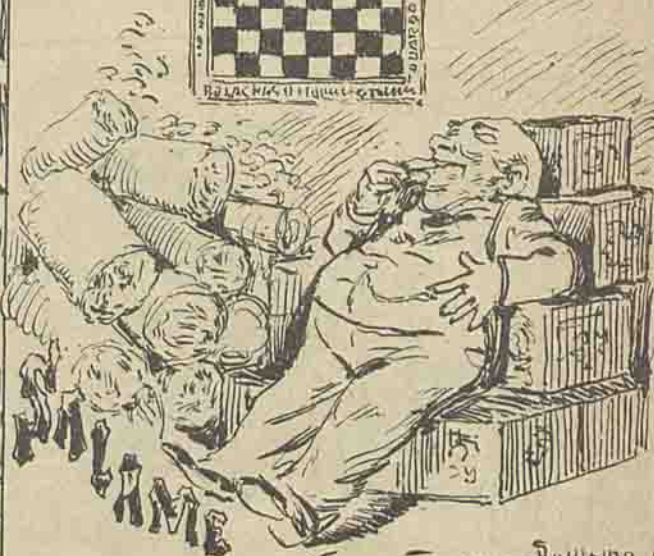
Terça feira, 14 de Dezembro



Beneficio do actor Augusto.

BOLACHAS EDUARDO COSTA

Fabrica da Pampulha



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Jogo de damas comivel e salame abiscoitado.



Os de Moura querem Pias; os de Mourão, Pias querem. E o sr. José Luciano sem resolver, e os homemsinhos... apertados.

Os passarinhos da Avenida

Na Avenida estabeleceram-se agora dois grupos: os que fazem a Avenida, e os que fazem na Avenida.



Os que fazem a Avenida estão em baixo



Os que fazem na Avenida estão em cima



Em vista de queixas dos que fazem a Avenida contra os que fazem na Avenida, a câmara municipal deliberou em favor dos que estão em baixo civilisar e utilizar os que estão em cima, estabelecendo-lhe urinóis e retretes nas arvores.



Até à meia noite civilisáção!



Depois da meia noite utilização!



A civilisáção tira trabalho ás damas



A utilização da trabalho aos operarios sem trabalho, que enquanto pintam o que os passaros sujam, não dão cabo dos monumentos nacionaes!



Fiscal dos passarinhos, nomeado pela camara!



E não tive eu esta ideia! Pois esta é das ruínas!

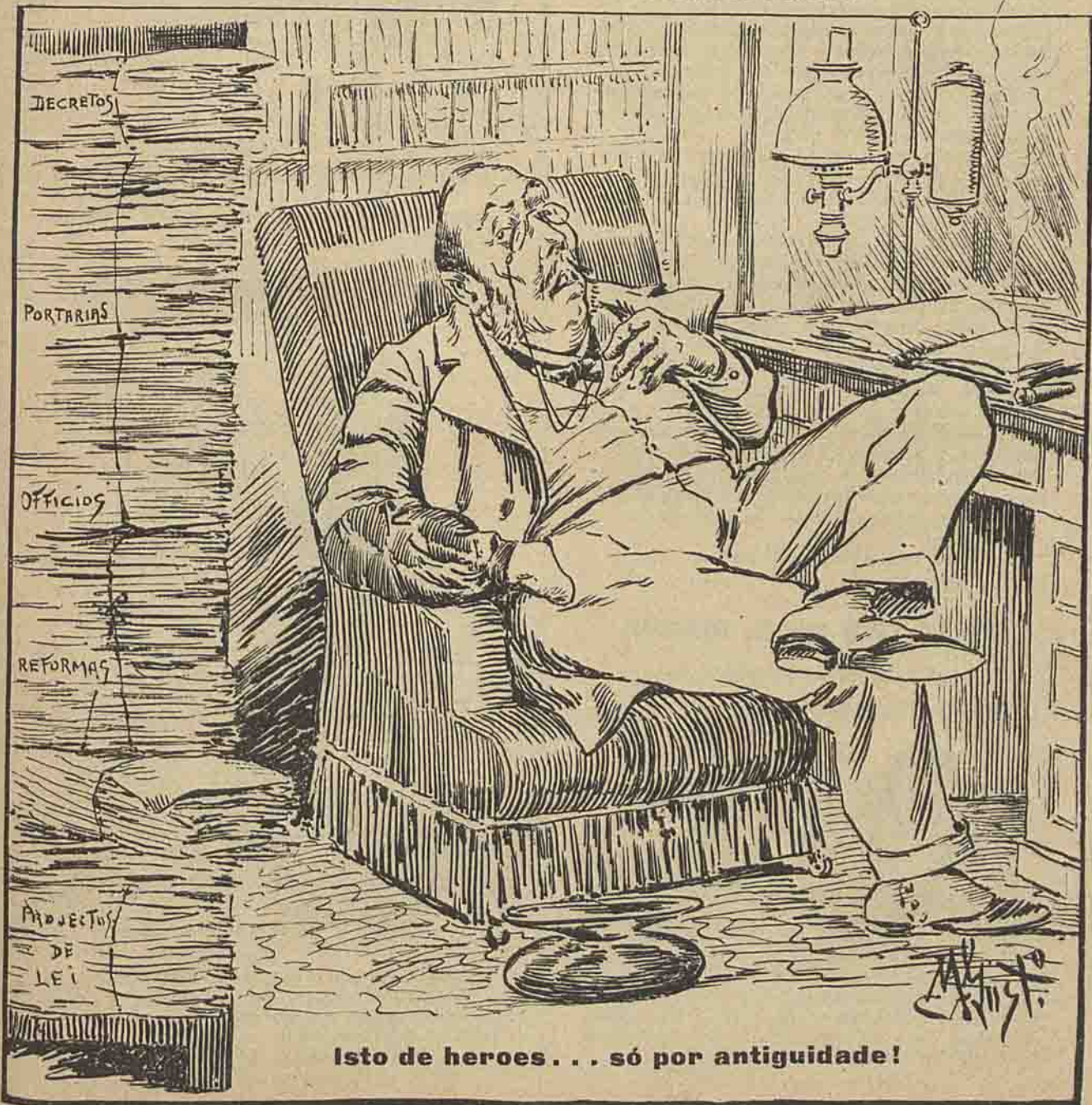
ASCENSORES POLITICOS



Desastre imminente pela substituição do cabo *metalico*... por cabos de papel.



A OPINIÃO DO SR. CONSELHEIRO



Isto de heroes . . . só por antiguidade!

CHRONICA

Os dois acontecimentos principaes dos ultimos oito dias foram Mousinho d'Albuquerque, e a representação da *Triste Viuvinha*. Ambos—Deus louvado!—ambos nacionaes! Ambos, no meio de tanta decadencia, a encherem nos de orgulho de sermos portuguezes, ambos a fazerem-nos assomar aos olhos lagrimas de alegria!

Mousinho pela heroicidade, pela bravura, pela audacia, recordando-nos com o seu vulto épico antigos feitos, reproduzindo-nos o que a historia nos diz dos nossos maiores nas suas paginas illuminadas pela gloria, que pouco a pouco se fôra apagando para n'um relampago resurgir, quando a julgavamos de todo extincta! D. João da Camara pela encantadora poesia, pela requintada arte, pelo poderoso talento, com que conseguiu collocar o theatro portuguez á altura dos melhores trabalhos scenicos, em que o theatro moderno tatêa o drama futuro, apresentando um estudo psychologico dos personagens tão perfeito e tão nitido, que permite a singeleza de acção, de deficiente tornada bella, e dispensa que os labios muitas e muitas vezes digam o que um gesto, um movimento, uma preocupação dos mesmos personagens, ou um accessorio de scena por si só explicam com inexcedivel justeza.

E tão portuguez o feito de Chaimite! E tão portugueza a *Triste Viuvinha*! Tão portugueza a espada de Mousinho! Tão portugueza a penna de D. João da Camara!

E os nossos labios tremulos, n'uma fervente adoração, estendem-se para a espada do militar e para a penna do poeta, a beijal as como glorias queridas da patria portugueza! Porque ha tanto patriotismo, porque tanto pulsa o coração, ao apregoar bem alto o nome de Mousinho de Albuquerque, como o de D. João da Camara! Por isso o *Antonio Maria*, que se enthusiasma—tem esse defeito!—deante de tudo quanto é bello e grandioso, saúda na sua *Chronica* de hoje o heroe de Chaimite, e o auctor da *Triste Viuvinha*! Ambos são triumphadores, e ambos podem dizer, um pondo a mão na gloriosa espada, e outro na gloriosa penna, como o D. Fuas do *Alcacer Kibir*:

Por minha dama, senhor!
Pela patria...

THEATRO DE D. MARIA

Sexta feira, 17 de Dezembro

Beneficio de Luiz Pinto com o *Abade Constantino*.



O que do coração desejamos ao Pinto é que a recita seja *gallinha*, encheudo-se até o *gallineiro*. Emfim, essa cheia como um ovo, como merece *pinto* que já tanto sobrees entre gallos de fama!

Lição d'Historia



Jorge Cid

Mestre:—Menino, quem prendeu o Gungunhana?

Alumno (chorando):—Ai, ai, senhor professor, não fui eu!

A proposito do Centenario da India

(da Illustração Franceza)



—O quarto centenario de Vasco da Gama...
—Vaes lá, tu?
—Olha, que tolice! Acaso fai eu lá, aos trez primeiros?!...



Agradecendo tantos caracoes de amabilidade ao espirituozissimo Caracoles dos espirituozos *Ridiculos*, temos-lhe apenas a dizer que a culpa não tem sido nossa: tem sido do correio.

E esperamos que não se repita.

A PRISÃO DO GUNGUNHANA

(Resolução do problema)

O seu Bento (*merceiro*) Ora adeus! Cantigas! Lá de longe pintam-se as cousas como faz conta, mas o que eu quero é vel-as ao pé!...

O seu André (*sapateiro*) Apoiado!

O seu Bento—O tal Gungunhana! Uma fera! diziam elles. Cantiga! Então não o vi na Avenida, de sege, manso como um borrego?!

O seu André—Olha a grande façanha! Eu também, se lá estivesse ao pé d'elle, lhe tinha deitado a unha!

O seu Joaquim (*alfayate*) Eu até lhe cortava as orelhas com a thesoura!

O seu Thomé (*espadeiro*) E a prova que elle não custou a agarrar é que o trouxeram vivo!

O seu Bento—O pobre diabo até estava morto por que o agarrassem! O que elle queria era comer! Vossê lembra-se d'aquelle garoto que, ha annos, escrevia com areia nos passeios da Baixa: *Tenho fome! Peço uma esmola!*? pois—digol'h'o eu, que o sei! —é o mesmo que o Gungunhana lá andava ultimamente a fazer! Coitado, até mettia dó! Andava a escrever com o dedo nos areaes: *Tenho fome! Peço a esmola de me prenderem!*



O seu Joaquim — Pois sim, mas verdade, verdade, quem o prendeu foi o...

O seu Bento (*rapido*) Fomos nós! Nós é que o prendemos! Não foi este, nem aquelle! Fomos nós! Aqui não ha heroes, nem meios heroes...



O seu André—Ah! isso está claro que não ha! Veja lá vossê que logo em seguida tivemos de retirar deante dos namarraes...

O seu Bento (*rapido*)—Isso é que não retirámos! Elle é que retirou! Não fomos nós, foi elle!

O seu André—Mas, voltando ao Gungunhana, vossê tem razão! Fomos nós que o prendemos! Olhe se eu não tivesse mandado o calçado ao Mousinho, elle não podia andar descalço e não o tinha prendido! Eu também o prendi!

O seu Bento—E eu? E eu que lhe mandava os generos para elle comer? Eu também o prendi!

O seu Thomé—E eu que lhe fiz a espada?!

O seu Joaquim—E eu que lhe fiz o fato?!

O seu Bento—Pois é tal qual! Nós é que prendemos o Gungunhana!



O seu André—E elle é que retirou deante dos namarraes!

O seu Joaquim—Esse é que é o direito!

Ouvimos esta conversa, e francamente o dizemos, impressionou-nos devéras! Os homens lá no fundo, muito no fundo, tem razão, e por isso lembramo-nos de propor ao governo o alvitre que se vae ler.

O Gungunhana, no fim de contas, não é a tal fera que se dizia, o Gungunhana não passa d'um pobre diabo, que dá o cavaquinho por pasteis de Belem, que faz crochet nas horas vagas, e só tem uma aspiração—ser socio da Sociedade de Geographia! Um inoffensivo!



Por isso propomos ao governo que, sem perigo algum, faça o seguinte: Atire outra vez o Gungunhana para as suas terras de Gaza, e que abra concurso documental, por 30 dias, de pessoas idoneas que queiram ir prendel'o.

Está claro que Mousinho d'Albuquerque não poderá concorrer, por estar provado que foram os outros que da outra vez prenderam o Gungunhana! Que foram o Bento, o André, o Joaquim e o Thomé!

E, como diria o seu Joaquim:—Este é que é o direito!

Agora duas moralidades á falta d'uma:

1.ª—Quando se vence—fomos nós! quando se leva paucada—foi elle!

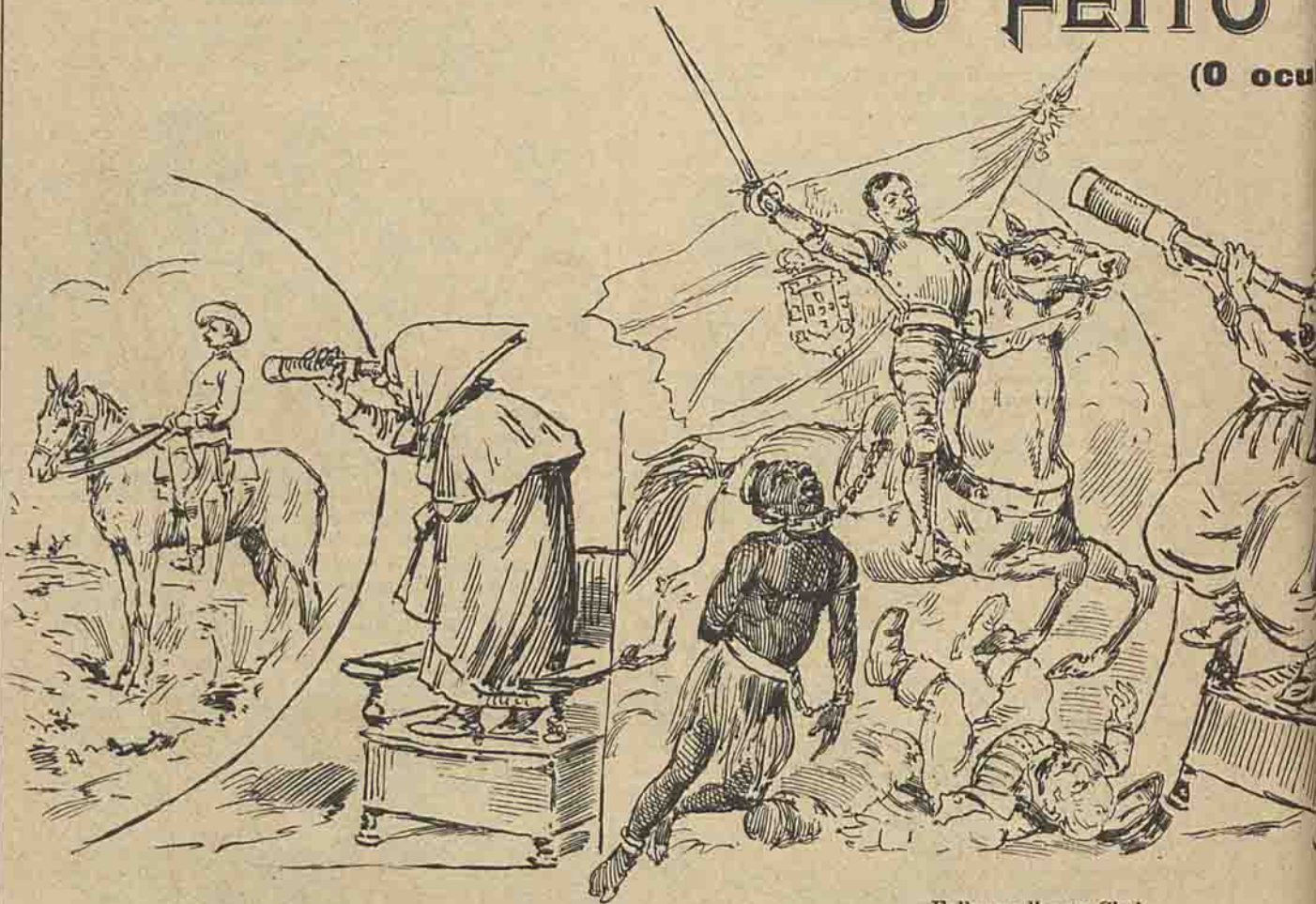
2.ª—Qual é o maior inimigo do portuguez?—O portuguez!



E também, como diria o seu Joaquim:—Este é que é o direito!

O FEITO CHAIMITE

(O ocul.^o Maria)



—A sr.ª Maria via o Mou-sinho assim:

—Fallaram-lhe em Chai-mite, e viu o assim:



—Pouco depois viu-o já assim:

—Passado tres mezes, o braço cançou, o oculo en-colheu, e ella viu-o assim:



—Depois assim:

—Mais tarde assim:



—Então, adormeci e pega no oculo e viu-o assim:

—Mas o Zé, que não precisa de oculos, mostra-lh'o assim:

—E é assim mesmo!

RAPHAEL BORDALO PINHEIRO.

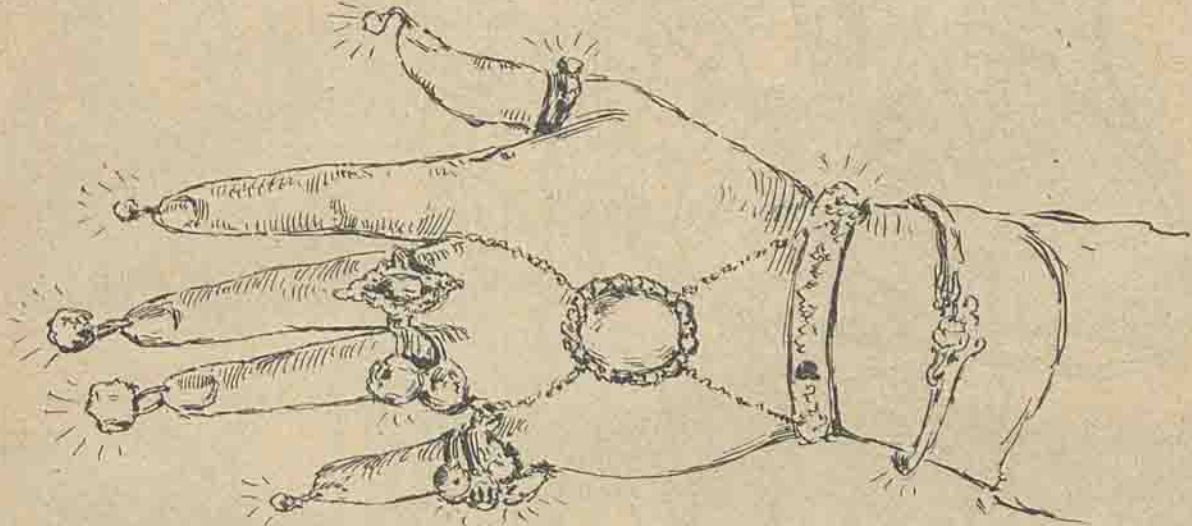
TRISTE VIUVINHA



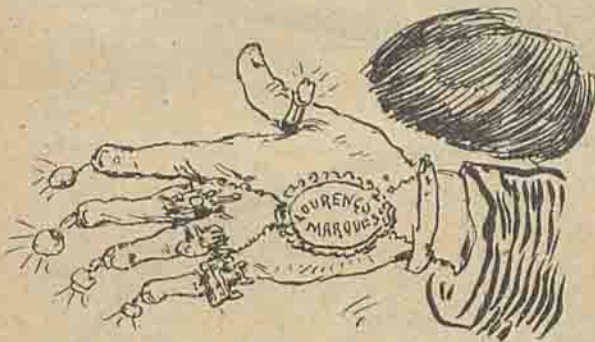
Um bravo eá de dentro a D. João da Camara — a quem mais largamente nos referimos na *Chronica* — pela perfeição da peça, e outro aos interpretes pela perfeição do desempenho, que não póde ser excedida, e difficilmente poderá ser igualada!

A MÃO DE TITENIA

M.^{lle} Titenia, cantora americana, está alcançando um éxito extraordinário em New York. Pela sua voz? Não sr., pela sua mão! Se a voz de Titenia não é excellente, a sua mão é excellentíssima! N'ella traz Titenia em joias a bagatella de 1 milhão de francos, ao cambio actual, 270 contos! E, previdente como toda a americana, em vez de adaptar á mão direita tão rico thesouro, é na esquerda que o ostenta. E' na mão esquerda, na mão addida, como a classificaria S. Ex.^a, n'aquella que não terá de dar, se for pedida em casamento. Não, que ella teve medo, que lhe pedissem a mão, e lhe licenciassem o resto do corpo! E!, pois, a esquerda, como vêdes!



Com esta mão — esquerda em frente — é que ella agradece ao publico, e o publico, que quer admirar as scintillações das valiosas joias, applaude a sempre. E assim, entre repetidas ovações, Titenia vae mercedesblasqueando pelos theatros da grande republica!



Ora como esta novidade já corre mundo, e ao sr. Burnay nada escapa, estamos já d'aqui a vê-lo — novo Titenio — a cobrir a sua mão com as nossas joias. ... colonias, e a gesticular deante dos nossos crédores! Titenio excede Titenia, e supplanta-a por muitos milhões de francos!



Porque é sabido que é sempre o sr. Burnay quem gesticula! Quer falle o sr. Thomaz Rosa



Quer exponha o sr. Mathias de Carvalho

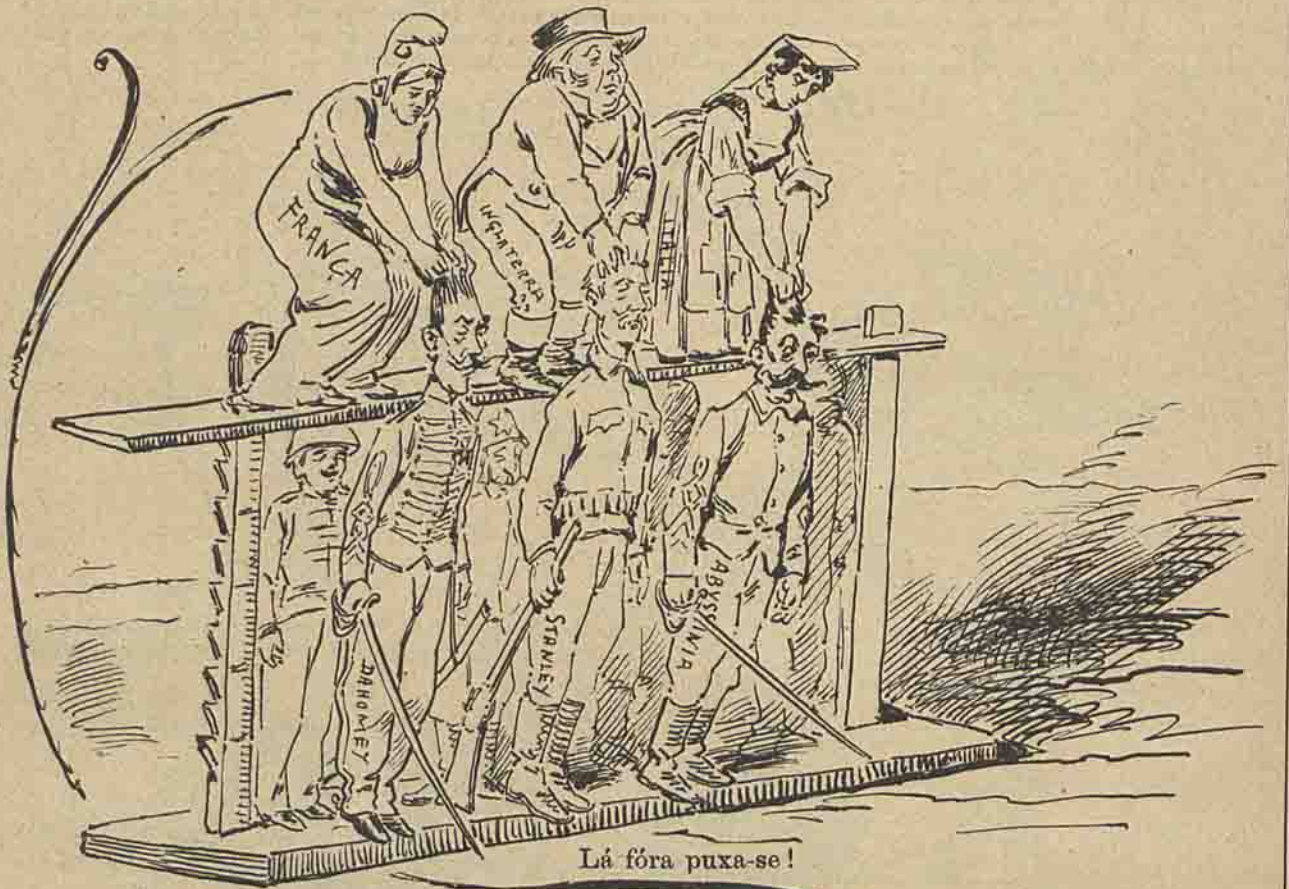


Quer discorra o sr. Perestrello

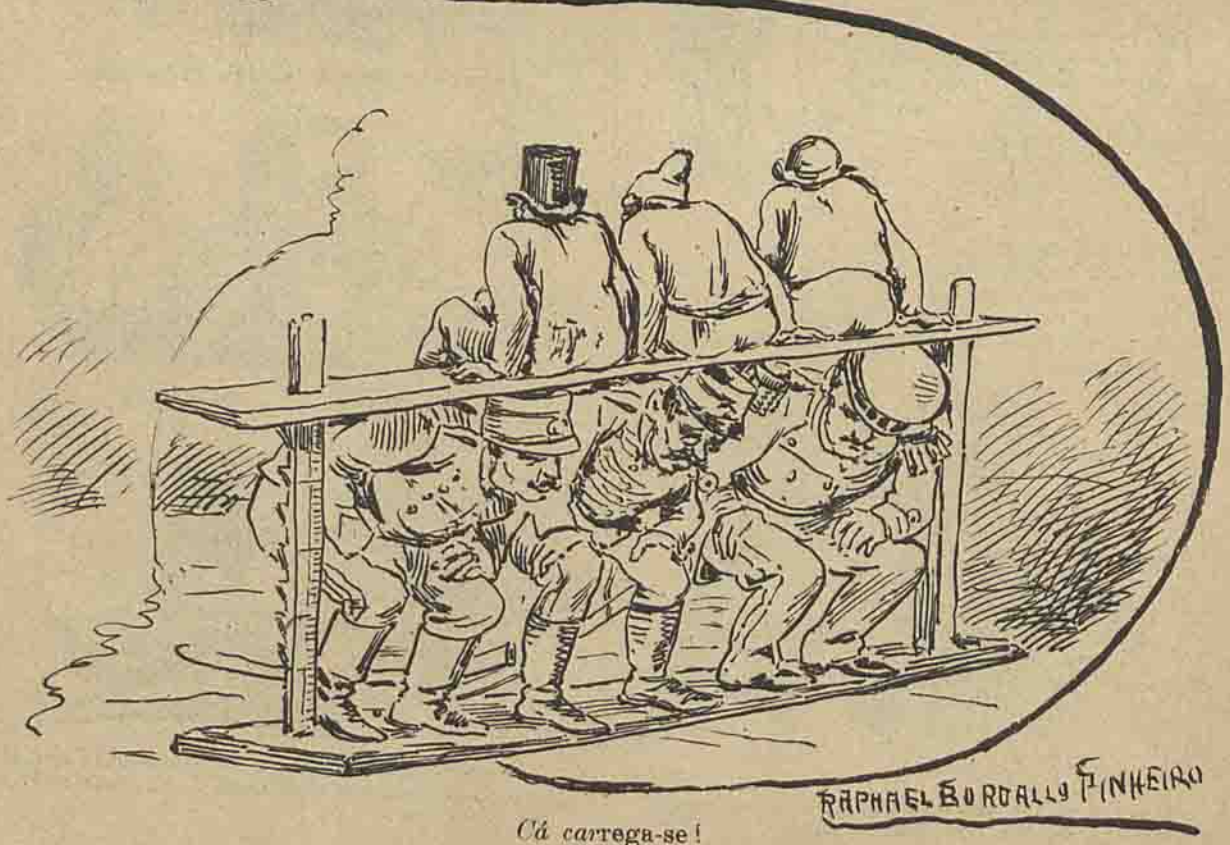


Fiquemos, pois d'atalaya; se a conversão se fizer, se os empréstimos se realisarem, é que a mão do Titenio gesticulou!

A CRAVEIRA DO HEROISMO



Lá fóra puxa-se!

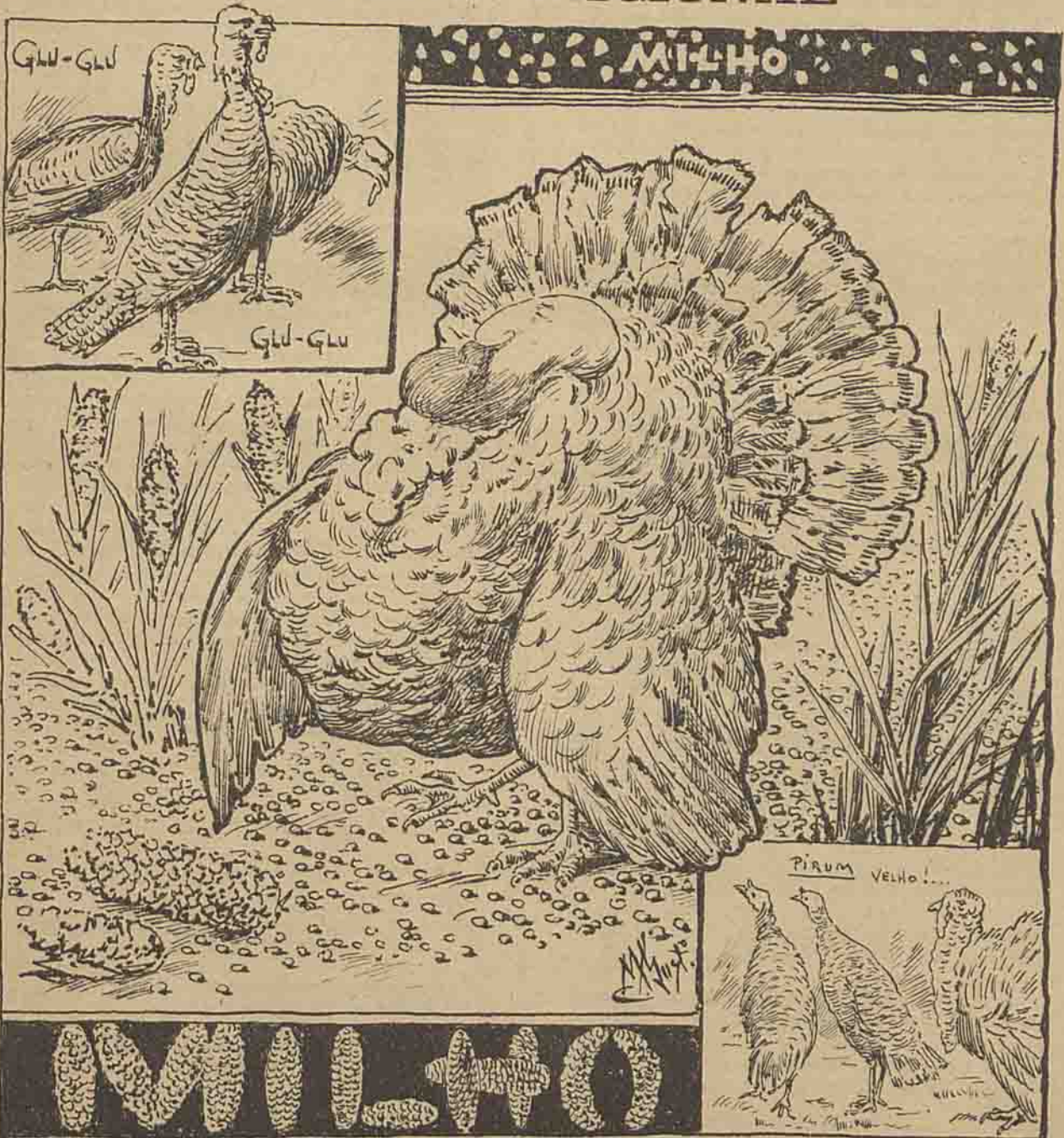


Cá carrega-se!

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



O PERÚ NACIONAL



Não ha massaroca que lhe escape. E' vel-as, glu! glu! glu! e... milho para o papo!

VARIAÇÕES

Mousinho de Albuquerque, tendo vindo á Europa para se repousar por algum pouco tempo das fadigas de Africa, que tantas têm sido para o bravo militar, na guerra e na administração, deve, a esta hora, estar persuadido de que melhor lhe teria aproveitado o descanso, se tivesse deliberado gosar as suas férias — em Moçambique.

O combate de Chaimite, a victoria de Marraquene, a derrota dos vátuas e o aprisionamento do proprio Gungunhana, tudo isso foi, para Mousinho, por assim dizer, uma série de incidentes faceis, em comparação com o que têm sido no decurso d'esta semana, para o glorioso major, as manifestações de regosijo da metropole pela sua feliz chegada.

Mousinho, que tão denodadamente avançou para o Gungunhana, quando quiz prende-lo, sentiu-se mal na occasião em que, posto na frente do Sr. Ferreira do Amaral, na sessão solemne da Sociedade de Geographia, teve de lhe ouvir o discurso presidencial, discurso tão congratulatorio quanto gaguejado. Depois, quando lhe foram dizer que o Atheneu Commercial, á viva força pretendia entregar-lhe uma mensagem, pela segunda vez em toda a sua vida exemplar de official brioso e denodado, Mousinho percebeu que as pernas lhe faltavam, e o animo lhe não chegava para resistir como convinha a essa nova surpresa, ainda congratulatoria.

Mousinho, que até agora nunca havia trepidado em avançar contra as columnas cerradas do inimigo, tem chegado a acobardar-se ante o convite das emprezas dos theatros de Lisboa para assistir a espectaculos de gala, em sua honra, e de borla!

Finalmente, Mousinho, que ainda ha poucos mezes se internava pelo continente negro, como nós por nossa casa, disposto a não ceder a nenhuma resistencia, senhor de si e do seu plano de campanha, e pouco tempo depois voltando victorioso e intacto, quasi se não atreve, agora, a partir para Leiria, com o terror das philarmônicas, do fogo de artificio e das congratulações municipaes!

Devem com isso estar contentes as Portas de Santo Antão. Porque a verdade é que, embora nos peze e nos contriste o dizê-lo, nós mesmos, que tambem tocámos o hymno do enthusiasmo nacional, quando cá nos chegou a noticia dos feitos de Mousinho, estamos agora sob o pezo cruel da duvida, em vista da inesperada attitude guerreira d'esse bravo, que se fecha em cópas. . . Mas uma esperanza nos resta ainda, no modo por que Mousinho se portará, quando fôr do cerco — do Porto.

Quem continua a portar-se como uma valente é a Judic, que tambem n'esta semana visitou Lisboa e uma vez ainda nos deu o prazer de algumas das suas cançonetas. Essa sim, que não ha mal que lhe chegue. Pelo contrario, até: tem engordado, e muito.

E como não é de balde que os annos e a experiencia d'elles nos vão passando pelos hombros, com a Judic acontece que, quanto mais vae andando para velha, maior realce parece saber dar ás amaveis canalhices do seu vasto repertorio.

Mas a verdade é que, afinal, esta Judic já vae tendo idade de nos poder ser proporcionada a meios preços. D'aqui a dez annos, quando ella cá volte, se acontecer sermos vivos ainda, falaremos d'isso.

Porque justo não é que, estando nós a pagar cada vez menos aos credores estrangeiros, e assim concitando contra nós as furias dos portadores de Portugal Externo, ao mesmo tempo incorramos no desplante de cobrir todas as folhas de assignaturas a preços excessivos com que por cá apparecem quantas celebridades vão passando de moda lá fóra. Isto passou desapercibido ao sr. Kergall, na recente reunião de credores nossos em Paris, onde de Portugal se disse tudo quanto lhes veio á bocca, mas convém evitar que em semelhante contra senso se insista.

De resto, tudo parece bem encaminhado para a grande manobra financeira da Conversão da Divida, e ainda bem! Em poucas palavras, essa bem combinada operação, que tem dado agua pelas barbas do sr. Conde de Burnay, e por causa da qual tem o sr. José Luciano trazido o seu bigode de mólho, virá a ser o seguinte: cada portador de dez titulos de 3%, receberá, em troca d'esses dez titulos, um titulo só de 30%.

A' primeira vista parece que isto é a mesma coisa, mas não é. Porque d'esses 30%, o portador só receberá, nos primeiros dez annos, a decima parte, e no fim de dez annos passará a receber, por outro novo periodo de dez annos, 3%. Entrando-se então no terceiro periodo de dez annos, o portador receberá novamente a decima parte dos 30%, a que a conversão lhe dá direito, e assim serão liquidados integralmente, os juros garantidos pela nova operação, menos a decima parte, que é precisamente a base da conversão. No fim de trinta annos, o actual portador de dez titulos de 3% terá recebido, assim, os juros equivalentes á decima parte dos seus juros actuaes, mas com a vantagem de possuir, em vez dos actuaes dez titulos, um titulo só que representa, de facto, para o effeito dos juros o mesmissimo valor. E como no prazo de trinta annos será possivel que as receitas do Estado augmentem, em consequencia da modificação de pantas que vae realisar-se, uma parte d'essa differença para mais será destinada a augmentar os pagamentos aos credores, indicando todas as probabilidades que, já no trigessimo primeiro anno a datar da conversão, o portador de dez dos actuaes titulos virá a receber, aproximadamente, doze vitens — em ouro.

As ultimas noticias das negociações são muito satisfatorias.

Recebemos e agradecemos:

O Centenario no estrangeiro. — Coñferencia realisada na Sociedade de Geographia de Lisboa em 11 de novembro de 1897 por Magalhães Lima.

O exoellente *Almanach auxiliar*, para 1898 (2º anno) Coimbra. Preço 150 réis.

Cavacos das Caldas, por Belisario. Publicação semanal. — Recebidos os numeros 44 e 45.

THEATRO DO GYMNASIO

O rei da Ericeira



Que ideia seria esta de fazer entrar na epoca de D. Sebastião um general que está trus! trus! a bater á porta do quadro auxiliar?
Caprichos di a scena!

A nova repartição de beneficencia publica creada a favor... da beneficencia particular

O chefe — archanjo progressista, de chapéu alto e abas da sobrecasaca a servirem de azas.



Os subalternos—archanjinhos progressistas de mangas de alpaca em guisa de escudo, e caneta a substituir o gladio.



O Deus da beneficencia—archanção magno da rua dos Navegantes, galopinis vulgaris de Lynneo.

Hórrivel crime!

Desapparecimento de menor—O sr. Ressano Garcia é accusado do hórrivel crime.—O rapazio—Para o proximo numero.

Tendo os jornaes da opposição perguntado repetidas vezes ao governo o que é feito das 72 000 obrigações dos caminhos de ferro do norte e leste, que o sr. Hintze Ribeiro legou ao sr. Ressano Garcia, o governo tem-se limitado a responder que a maior parte d'ellas está depositada no Crédit Lyonnais. A respeito da menor é que nem palavra se lhe arranca! Ninguem sabe da menor, que tambem estava sob a tutela e vigilancia do sr. Ressano! Ninguem dá noticia da infeliz menina!

A' ultima hora, porém, cousta que a menor foi violentada pelo sr. Ressano, que em seguida a pôz n'uma casa de prégo! E' esta a tremenda accusação que pésa sobre o sr. ministro da fazenda, e de que s. ex.ª tem que defender-se.

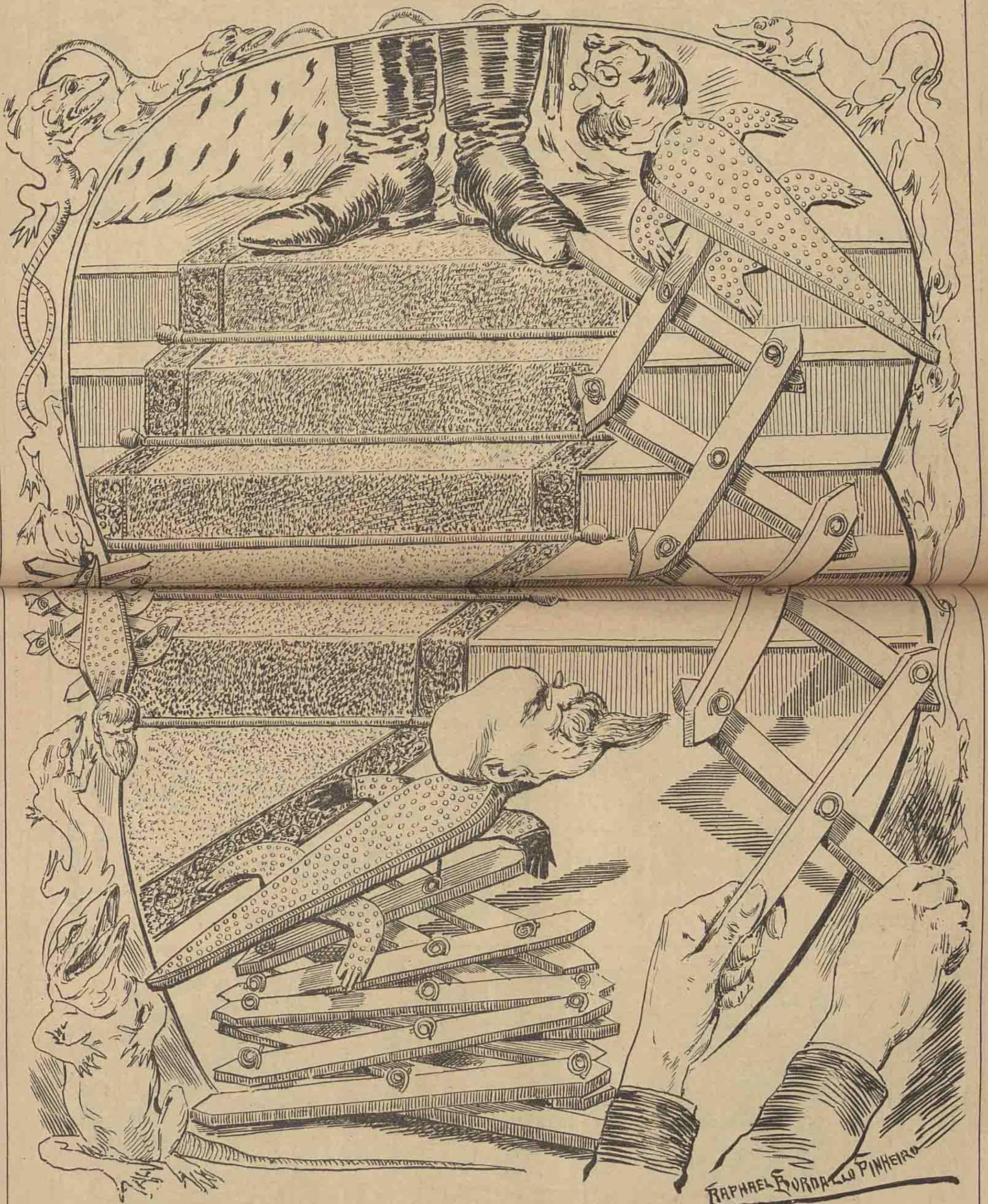


O adeantado da hora não permite alargar-nos em pormenores. Só aacrescentaremos que o rapazio já por ahí canta:

Que é d'ella a menor
Que te dei para guardar?
'Stá allí posta no prégo
Se a quizer vá lá buscar!

No proximo numero daremos o retrato da infeliz menor, antes e depois, e o retrato do prégo.

O ESTENDE-ENCOLHE



Não tem movimento proprio. Quando a *rapaziada* o estende está lá em cima; quando o encolhe está cá em baixo... á espera que o tornem a estender.
Tal qual *mê pae*!

Prisão do Gungunhana no Colyseu dos Recreios

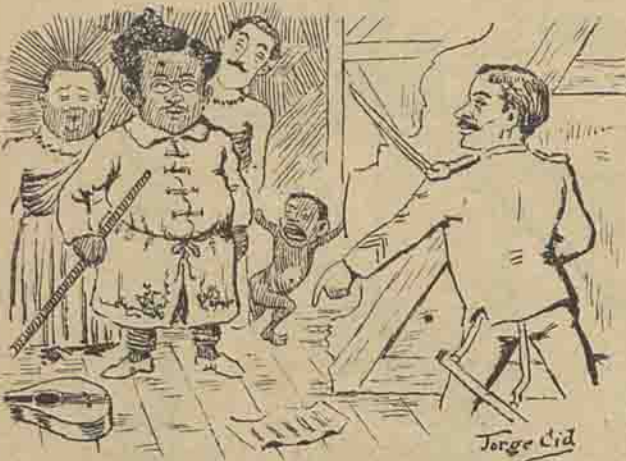


O academico Padre Antonio Vieira Saraiva, com trinados na garganta, tinha acabado de falar e de deslocar os braços na furia da gesticulação quando n'um camarote de 1.ª ordem, appareceu Mousinho d'Albuquerque que foi recebido com uma ovação grandiosa.

Invadiram o camarote muitos rapazes que lhè contaram que o Gungunhana apparecera pouco antes com a sua gente, trucidando Mendelssohn, Mascagni e outros infelizes que lhes tinham cahido nas unhas, nas palhetas, nos arcos e nas embocaduras.



O major irado foi ao palco e, como em Chaimite, começou a chamar pelo regulo em altos brados, quando d'um camarim saiu um homem de lunetas, elegantemente penteado.



Mousinho deu-lhe voz de prisão e condemnou-o logo á pena ultima, isto é—assistir ás leituras de todas as mensagens que dirijam ao commissario regio e a todos os discursos, sessões e espectaculos que deem em sua honra.

Dizem que o homem não escapa!

C.

Tem visco!

—Ao organizar o actual gabinete, S. Ex.ª pensou—quem o mandaria metter-se em extravagancias?!—que podia sem perigo algum ser delicado com o seu antigo companheiro, e disse lá com os seus botões!—Elle está velho, ainda tem deante dos olhos o espantallo dos titulos de D. Miguel, posso affoutamente offerecer lhe uma pasta que elle não a acceita.



E' offereceu-lh'a.



—Mas, oh! espanto! elle não só a acceitou, como se sentou logo em cima d'ella!

—E ficou-lhe pegada ao sim senhor!

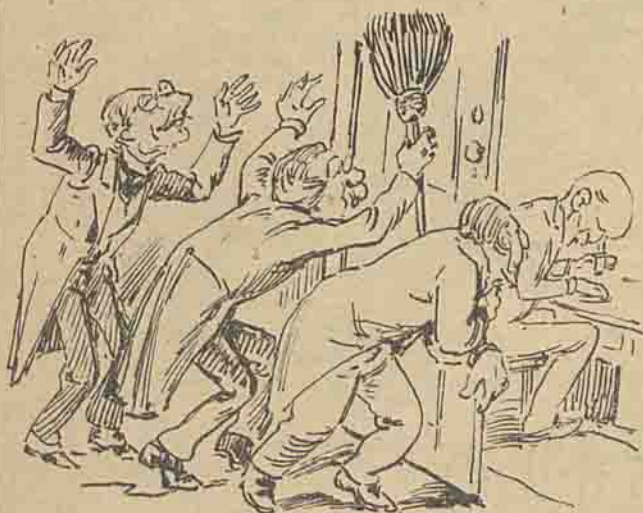
—E começou logo a obrar maravilhas agricola—industriaes!



—Auxiliando, porém, a sua vista curta com o inseparavel microscopio que não lhe desampara os olhos, imaginava deitar cá para fóra montões de maravilhas, e não passava de produzir caganitas de rato!

—S. Ex.ª desapontado com o imprevisto acontecimento, procurou ver-se livre do velho companheiro, regeitando-lhe os projectos, alterando-lhe as reformas, e rtando, emendando, refundindo tudo quanto sahia d'aquella pasta! Mas a pasta continuava pegada ao que se pegara, e o microscopio continuava a exercer as suas fuções!

—Reuniu então S. Ex.^a, os outros collegas, e todos juntos deliberaram sobre os meios a empregar para que elle se fosse embora.



--No 1.^o conselho pozeram uma vassoura atraz da porta. E elle firme!

--No 2.^o conselho pozeram um mocho da cosinha de pernas para o ar. E elle firme!



--No 3.^o conselho espetaram uma faca em sal. E elle firme!



—No 4.^o conselho pozeram a vassoura atraz da porta, o mocho de pernas para o ar e a faca espetada no sal, enfim, empregaram a metralha toda. E elle firme!



—Até que S. Ex.^a foi por detraz d'elle, levantou-lhe as abas da sobrecasaca, e viu que a pasta estava pegada com visco!



—E tomou uma resolução energica: —sental-o n'um semicupio de agua a ferver!
E' o ultimo recurso.

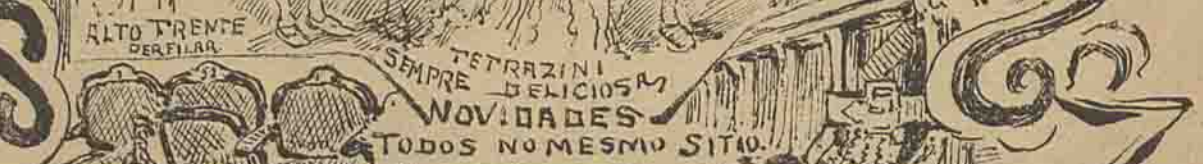


THEATRO DE S. CARLOS



OTHELLO

UMA BELLA RECITA D'ABERTURA
22 DE DEZEMBRO



CADEIRA 52 - ACORRENTADA
 CONSTA QUE O SR. MARQUEZ DADO
 VAE PÔR CINTOS DE CASTIDADE NA FRIZA, NA CADEIRA E EM TUDO O
 RAPHAE BORDALLO PINHEIRO

Tenho pena — observou S. Ex. — que o Othello não tenha sido cantado pelo tenor novo, pelo André Chénier !

Vol. XII

N.º 458



O DISCURSO DA COROA



Em elaboração!

E ISSO MESMO

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

O Discurso da . . . meia corôa

Senhores assignantes do *Antonio Maria*:

Ao inaugurar a sessão nada parlamentar do nosso novo anno, para dar cumprimento aos preceitos de rapioca constitucional que felizmente nos regem, é-nos grato recordar, a largos traços, para que este discurso não desande em estopada, como é da praxe ser, e é sempre, o discurso das duas meias corôas, é-nos grato recordar, diziamos nós, o periodo de benigna prosperidade, e de quando mal nunca peor, graças a Deus, que para a Nação Portugueza foi, felizmente, o anno findo de 1896.

As conveniências politicas, que é costume por cá passarem sempre adiante de quantas graves questões do Bem Publico se agitem, determinaram uma inevitavel contradansa ministerial, que nós marcámos o melhor que podémos, e em virtude da qual o nosso José Luciano, que desde os tempos da Colligação e do Campo Pequeno não era por nós visto com bons olhos, houve de ser chamado para nosso vis à vis, passando o Hintze outra vez para o Credito Predial e o João Franco passando, desde então, muito melhor d'aquellas nevalgias faxiaes, que, durante os ultimos tempos da sua regedoria, tantas vezes o impediram de assistir a conselho de ministros.

Já depois d'esta primeira contradansa houve, no governo, um *pas de quatre*, em virtude do qual o Mathias de Carvalho passou o pé para Roma, o Barros Gomes passou o pé para os Estrangeiros, e o Dias Costa passou o pé ao Villaça, continuando porém o Augusto José da Cunha nas Obras Publicas, o Elvino na Casa Pia, e o quartel general em Abrantes.

Por certo, não serei eu quem vos diga que a questão financeira entrecu em melhor phase, e que o problema economico foi encaminhado para uma via de solução tendente a muito alliviar os apertos do Pinheiro de Mello (o Commercio) do Eduardo Costa (a Industria) e do José Maria dos Santos (a Agricultura). Mas a verdade é que já foi possível recolher da circulação fiduciaria algumas cedulas de meio-tostão, e ao mesmo tempo vimos abrirem-se algumas novas casas de empréstimos sobre penhores, diminuiu consideravelmente a importação de bolachas, e nem houve falta de sol na eira, nem de chuva no nabal.

Pelo que respeita á cordealidade das nossas relações diplomaticas com os diversos paizes, nenhum incidente desagradavel houve a assignalar no decurso do anno findo. Pelo contrario: a Santa Sé offereceu-nos um jantar, a Inglaterra continuou a acenar-nos com a compra de Lourenço Marques, a França enviou-nos extraordinariamente a Judic, a Italia cedeu-nos a Tetrzini, e o Reino de Siam honrou-nos com a visita do seu monarcha, havendo assim a assignalar a faustosa circumstancia de Portugal ter trazido, por alguns dias, nada mais nem menos de dois reis na barriga!

No capitulo importante e vasto das reformas, tivémos a respeitante nos addidos, a qual, procuran-lo conciliar a situação mal definida d'aquelles funcionarios com a mal amanhada situação do Thesouro, e attendendo ás necessidades do serviço publico, conseguiu realizar n'essa classe de empregados do Estado uma redução importante,

a redução de um *á*, decretando-se que todos os *addidos* existentes á data do respectivo decreto passassem a ser considerados *addidos*, para todos os effeitos de promoção e de vencimentos. Houve ainda a reforma do Conselho do Almirantado, que alterou profundamente o anterior systema burocratico dos serviços da Marinha de guerra, estabelecendo a Majoria General da Armada, que em dias de grande gala deverá enbandedir em arco, e que é de um vasto alcance para o devido prestigio de Portugal nos mares e na agua doce.

Finalmente, e apressando o relato dos factos principaes que tornaram de boa memoria o anno proximo passado, vimos que a Sociedade de Geographia deu aos cincoenta contos de subsidio commemorativo do centenario da descoberta do caminho para a India uma bem judiciosa applicação, transformando em sua séde o edificio annexo ao Circo dos Cavallinhos das Portas de Santo Antão, por maneira que ali podem funcionar, alternativamente, e dando ao cofre da Sociedade receitas certas, provenientes do aluguer da sala «Portugal», a Real Associação dos Amadores de Musica com os seus concertos, o Justino Soares com os seus bailes infantis, o Grandella com as suas vendas de retalhos á sexta-feira, o Fuschini com as suas conferências.

Inaugurando este novo anno de galhófa extra-parlamentar, temos a declarar, desde já, por nossa parte, que nem o preço das nossas assignaturas augmentará d'um ceitil, nem o nosso bom-humor diminuirá d'um traço do nosso lapis, nem d'umâ linha escripta pela nossa penna. Quantos possiveis melhoramentos possam caber dentro das nossas forças, nós iremos adoptando-os nas nossas paginas, as quaes continuarão a achar-se sempre, como até aqui, do lado dos fracos e dos opprimidos, dos que soffrem do figado e dos contribuintes, dos professores de instrucção primaria e das creanças abandonadas. O nosso serviço de informação ha de dar agua pela barba ao *Seculo* e as nossas paginas de annuncios farão crescer agua na boca ao *Diario de Noticias*. Com independencia, com fé, com pilheria, com as assignaturas pagas e com o auxilio da Divina Providencia, promessas nos não faltam de um novo anno cheio de prosperidades, de contentamento, de barrigadas de riso!

Meninos, cheguem-se vossês á fóрма, que está aberta a sessão.

Antonio Maria.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE

Drama em 5 actos, em verso, por Henrique Lopes de Mendonça.

Por absoluta falta de espaço não nos occupamos hoje, largamente, como desejavamos, da magnifica peça de Lopes de Mendonça, que ha dias tivémos o prazer de ouvir. Limitamo-nos pois a pedir licença ao *Diario de Noticias* para dizer com elle que «é indispensavel que este drama tenha na scena portugueza o desempenho que merece e o logar de honra a que tem inquestionavelmente direito.»

THEATRO DO PRINCIPE REAL

(DRAMAS DO LIMOEIRO por Faustino da Fonseca)



Interessantissima peça, impressionando por tal forma o publico do theatro popular a que foi destinada, que esse mesmo publico chega a fazer parte do espectáculo, vivendo da vida dos personagens, tendo accessos de indignação contra os maus e desvanecidos applausos para os bons.

Tendo os artistas do Principe Real visto e estudado do natural, os typos que representam no drama, realisaram, é claro, uma galeria curiosa e cheia de caracter, comprehendendo e representando bem os seus papéis.

Sobresabindo a todos Adelina Ruas e Pato Moniz.

Theatro da Trindade



Com a representação da *Honra* e as *Preciosas Ridas*, faz hoje a sua festa artistica a distincta actriz Maria Pia d'Almeida. Dada a intelligencia da artista e a sympathia da mulher, não faltarão decerto flores frescas e bellas phrases.

O novo salão do Gato Preto

de Martins & Menezes



O Gato preto, cuja prosperidade a deve em grande parte ao incansavel e intelligente Julio de Menezes, inaugurou o seu novo salão, onde por modicos preços se obtem bellos productos.

Ao publico aconselhamos que visite o novo salão e... compre, porque o que has de dar ao rato dá ao gato!

ABERTURA DO PARLAMENTO



Fim d'anno. Chegou a lavadeira.

— Então vomecê dá-me a roupa n'este estado!... E as rendas n'um fio!... Se lhe bóto chloreto, lá se esfarrapa tudo!



— Póde entrar a lavadeira! Está aberta a sessão.

— Está aberta a tabacaria. Tira os tui-paes, ó Tópa!

RAPHAEL BORNHOLDT JUNIOR

A apanha do mexoalho

Caso grave!!!

Na Povoá occupam-se na apanha do mexoalho homens e mulheres. O sargento da guarda fiscal, que fiscalisa aquelle serviço, embirrou, porém, com a promiscuidade por varios motivos, sendo o principal porque as mulheres, assediadas pela necessidade imperterível de regarem os rochedos com saes ammoniacaes, o faziam sem cerimonia nas barbas dos homens, e de mais a mais de pé!



O sargento pedia biombos para o acto!

E como não havia biombos prohibiu promiscuidade e regas! Ellas recorreram para a capitania do porto. A capitania do porto confirmou a ordem do sargento.



Foram para a comissão de pescarias. A comissão de pescarias reuniu.



Informou o governo. E o governo reuniu e mandou consultar a procuradoria geral da corôa.



E a procuradoria geral da corôa informou a favor das mulheres



E a comissão das pescarias revogou a ordem do sargento

que ficou assim



BORRILLO PINHEIRO

ficando assim as mulheres.

Salva a patria, proclamada a liberdade ammoniacal, e... pingado o sargento. Para alguma cousa serve a comissão das pescarias!

Theatro da Rua dos Condes



Jorge Cid

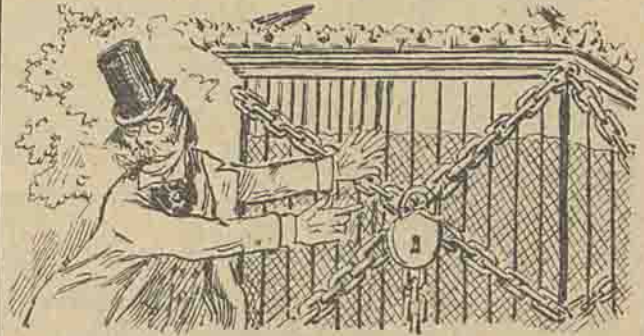
Um abraço singular a Accacio de Paiva e Illidio Amado, simultaneamente.

A CADEIRA HONORARIA

Aos ministros honorarios, aos presidentes honorarios e aos coroneis honorarios vem agora juntar-se a cadeira honoraria, a cadeira do sr. marquez no theatro de S. Carlos! Cadeira honoraria, cadeira de honra, mas sem proventos inherentes ao cargo, isto é, sem *sim senhor* que receba no seu assento! Pobre cadeira que estreitou nos seus braços Gervasio Lobato e Thomaz de Carvalho, e que formosas peccadoras acariciaram com suas sedas e velludos, agora vexsa com o cinto de castidade! Porque é mania do sr. marquez ter tudo honorario, e ter tudo fechado com o cinto de castidade!



Elle tem a cadeira honoraria, fechada com o cinto de castidade!



Elle tem uma gaiola honoraria no Jardim Zoologico, fechada com o cinto de castidade!



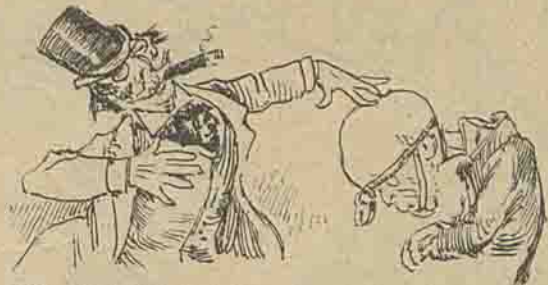
Elle tem damas honorarias, fechadas com o cinto de castidade!



Elle tem uma *watter-closet* honoraria, fechada com o cinto de castidade!



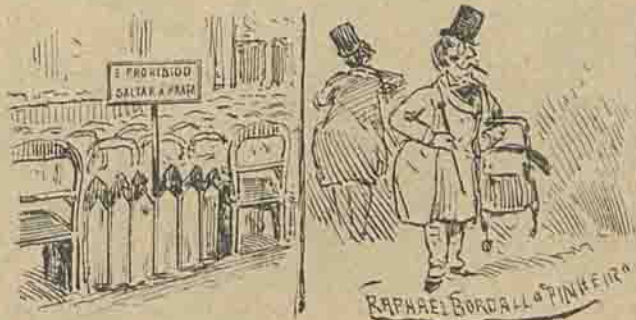
Elle tem botões de rosa honorarios, fechados com o cinto de castidade!



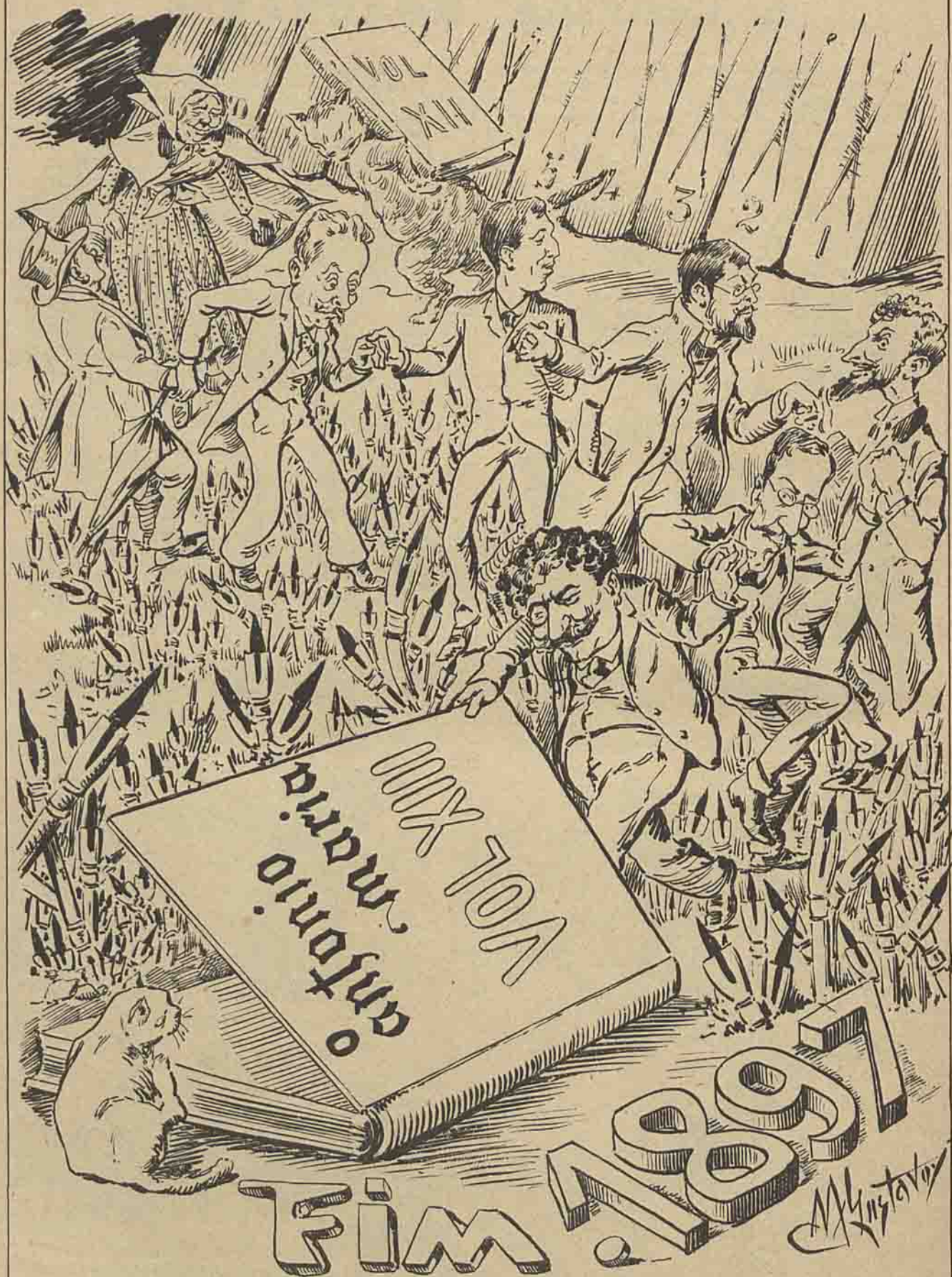
Elle até tem um ministro de estado, effectivo para os outros e honorario para si—ora aqui teem porque o sr. Cunha não sae! —fechado com o cinto de castidade!



Elle tem mioleira honoraria, fechada com o cinto de castidade!



Tudo elle quer só para si! Mas da cadeira é tal o ciume, que vae arrancar-a da plateia de S. Carlos, e rodear lhe de abrolhos e palissadas o recinto que occupa, espetando n'um pau o seguinte letreiro: —E' prohibido saltar á praça!



E continuamos a marchar sem perder os tres vintens !